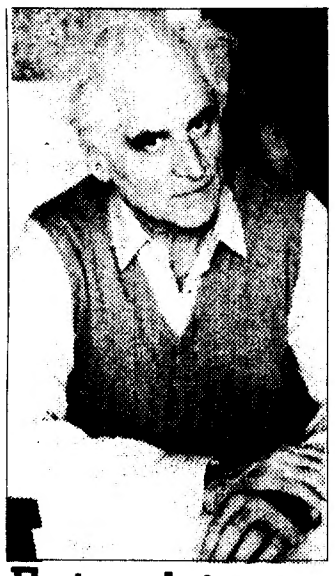


Entrevista

Michel Serres mestre do silêncio

Pág. 20

Guerra dos táxis nas ruas da capital

A menos de um mês da atribuição de novas licenças para 100 táxis o Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Centro e a Associação Nacional dos Transportes Rodoviários de Automóveis Ligeiros, com críticas divergentes, acusam a Câmara Municipal de Lisboa: o sindicato, pela demora na atribuição das novas licenças; entidade patronal, pela sua concessão. A existência, ou não, de crise, é um dos argumentos esgrimidos na «guerra dos táxis». Mas, a Câmara garante que as licenças vão ser atribuídas em Junho e de forma equitativa entre proprietários individuais e cooperativas.

Pág. 10

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 762 — Sábado, 18 de Maio de 1985 — Preço 40$00

CONGRESSO DO PSD

Machete excluído, Salgueiro desce, Marcelo espera

Machete e Marcelo: um perde, o outro aguarda

Foto de José Tavares

Sombra de Freitas condiciona Cavaco

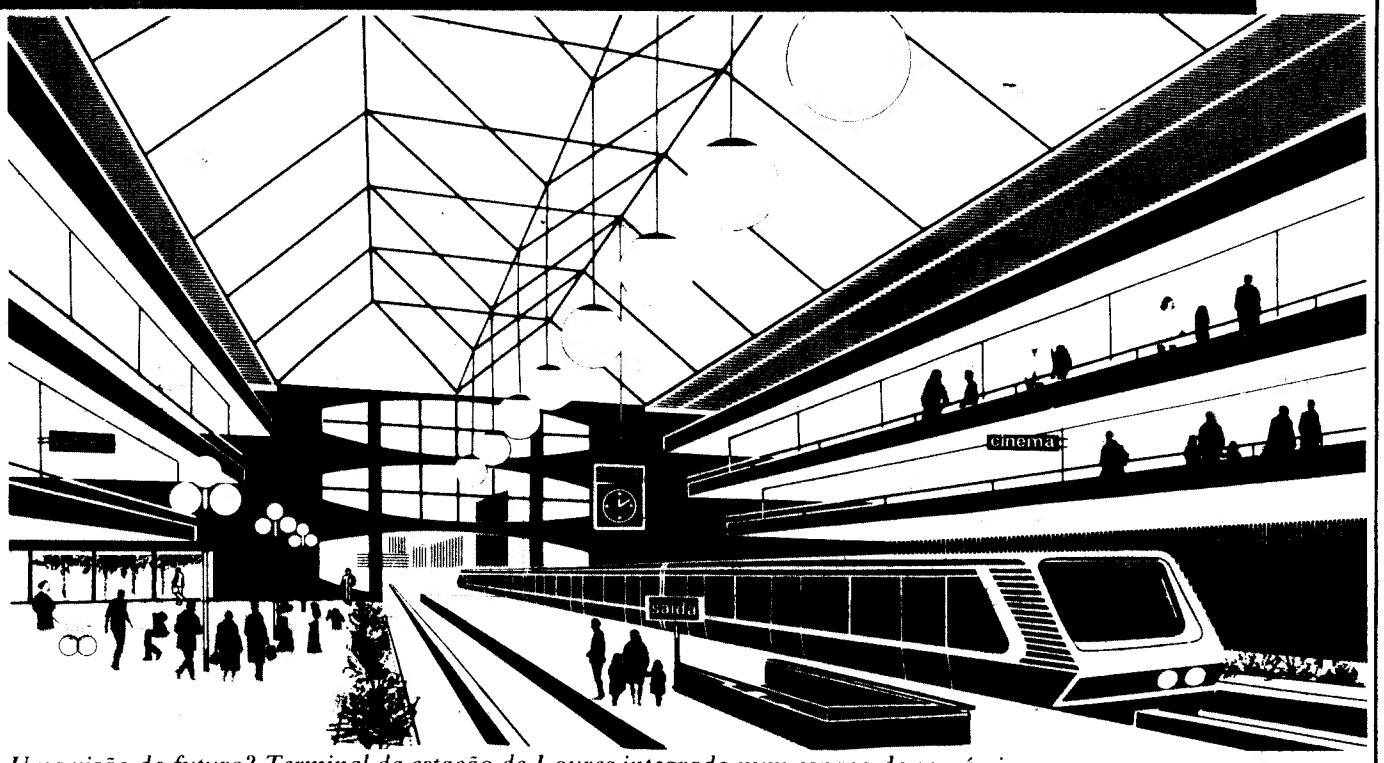
Cavaco Silva, já fortemente aplaudido quando os trabalhos se reiniciaram cerca das 11 horas de hoje, continua a sobressair como o mais bem colocado para vencer o Congresso do PSD, uma reunião onde impera uma certa confusão e tudo parece possível, inclusive o condicionamento de desfecho por uma figura exterior ao PSD, neste caso a de Freitas do Amaral.

Pág. 5

LISBOA: uma visão do século XXI

Esta imagem poderia um dia vir a ser realidade, se o plano de Carlos Rafeal recebesse a «luz verde» de autarquias e Governo. Lisboa seria dotada de um moderno meio de transporte, que remeteria para a memória dos maus momentos, o caótico trânsito que hoje nos afecta. Da revolução à reforma: outros dois munícipes apresentam nesta edição do «DL» um estudo que visa tornar compensadora a utilização dos transportes públicos, pela instalação de parques e por um conjunto de alterações ao estacionamento. Planos e imagens que, se tudo continuar como está, poderá ser apenas do séc. XXI.

Págs. 10/11



Uma visão do futuro? Terminal da estação de Loures integrado num espaço de comércio

Abade de Jazente, um poeta vivo

Luís de Miranda Rocha

No domínio das ligeirezas que sempre se sabem da História da Literatura, o nome de Paulino António Cabral (de Vasconcelos), Abade de Jazente, é assunto fácil de referir. Pertence ao Setecentos, é do âmbito das arcádias poéticas, está ligado à Arcádia Portuense, vem até (com outro árcade portuense, João Xavier de Matos) em algumas antologias, citam-no quase sempre em tratando-se de árcades, ou, mais amplamente, neoclássicos, e cabe também em duas ou três áreas referenciais de transição: o chamado barroco tardio, o chamado pré-romantismo, por exemplo. Todavia, pode dizer-se tudo menos vasto (ou profundo) o conhecimento que há desta obra poética a muitos títulos singular. O que há de dito, por escrito, sobre este caso, avaliza que se fale assim. Mas é preciso acrescentar que isto, pelo menos para nós, somente se tornou forte evidência com a leitura dum dos últimos livros da colecção Textos Literários da Editorial Comunicação, dirigida, a colecção, por Maria Alzira Seixo: **Poesias do Abade de Jazente,** com «Roteiro organizado e anotado por Miguel Tamen».

Já aí iremos. A obra poética do Abade de Jazente, — que viveu entre 1719 e 1789, — foi publicada três vezes: a primeira em 1786 e 1787 (ainda em vida do autor, portanto); a segunda em 1837; e a terceira em 1909. Certamente, nem em livreiros-antiquários é fácil encontrar exemplar que reste, sequer da terceira e até agora última edição, 1909 já foi há setenta e seis anos. Há, entretanto, e antes desta, de Miguel Tamen, uma antologia, feita por Mário Gonçalves Viana. Esgotou-se nos consumos escolares. Também foi em 1944: há quarenta e um anos. A história da obra do Abade de Jazente resume-se, pois, a isto, ou pouco mais (sendo este «pouco mais» o que habitualmente se designa por bibliografia passiva: uns prefácios, uns livros, uns artigos publicados em jornais e revistas e depois nem sempre recolhidos em livro. Tudo pouco, e razoavelmente desinteressante, segundo Miguel Tamen. Insuficiente, pelo menos, como envolvimento da obra, não lhe dando qualquer projecção grande coisa assinalável. E sabe-se como as obras, para existirem significativamente, precisam diremos, já não somente de que a edição as torne públicas, mas também, e mais, do comentário, da crítica, da análise, enfim, dos estudos que as desvendem, revelem, situem, perspectivem, etc, etc. E sabe-se como estas actividades ou seja, os textos que delas resultam, necessárias que sejam desde logo no tempo em comum com as obras a que se dedicam, não dispensam a prova dos tempos que vêm depois, quer dizer, outros trabalhos no mesmo âmbito ou na mesma linha mas exigidos de actualização (metodológica, entre outras) à altura de interesses, perspectivas e exigências em constante e alterada evolução.

Apercebemo-nos disto perante o trabalho feito por Miguel Tamen para esta antologia.

O que se havia escrito sobre o Abade de Jazente já não era muito, e menos do que isso ainda perdurava. Excepção o que sobre este caso escreveu Jacinto do Prado Coelho: também não sendo muito (um artigo incluído em livro e uma ficha para um dicionário), é, pelo menos, uma síntese presidida já por exigências de rigor que não estavam ao alcance dos seus antecessores.

Miguel Tamen vai muito mais longe, e muito mais fundo, — até mesmo muito além dos limites a que habitualmente se circunscrevem os responsáveis pelas edições que se vêm fazendo nesta colecção de textos literários, com propostas de leitura da obra poética do Abade, — num plano a que menos do que raramente os clássicos (e principalmente as figuras que habitualmente passam por secundárias) têm sido promovidos.

E que faz Miguel Tamen? Ele recusa-se (e recusa ao leitor) a tradicional facilidade das classificações — no caso, por exemplo, barroco, neo-clássico, pré-romântico — para evitar o erro muito frequente de tomar a parte pelo todo (aspectos parciais ou pontuais por características mais ou menos constantes) e, — assentando na convicção de que «o melhor vector **historico** da literatura (que determina a sua inscrição num tempo, num devir, em contingências) é justamente o modo de relação que cada texto estabelece com a sua tradição» (cada texto, segundo Borges, «cria os seus precursores») — avançar «uma hipótese de sentido para o tipo de reorganização que a obra do Abade de Jazente faz de um passado: o passado que estava ao seu dispor»: «Parece-me central este ponto, no caso do autor que estudamos — acrescenta — porque, na sua obra, a tradição tem uma dimensão argumentativa muito forte: ela intervém como argumento numa discussão que visa decisivamente convencer-me de qualquer coisa. A sua força é de natureza retórica».

Essa «qualquer coisa» é isto: «a existência de um certo número de **doenças.** Estas doenças procedem de um mesmo **mal**. Um mal universal, que se concretiza, que se aloja, em regiões bem localizadas: no corpo, nas coisas em geral, na paisagem».

«O espectáculo da poesia, na obra do Abade de Jazente, tenderá, pois, a ser visto como a exibição de uma degradação em progresso — diz ainda Miguel Tamen: — o corpo tende para a morte, as coisas tendem para o nada, a paisagem tende para o caos».

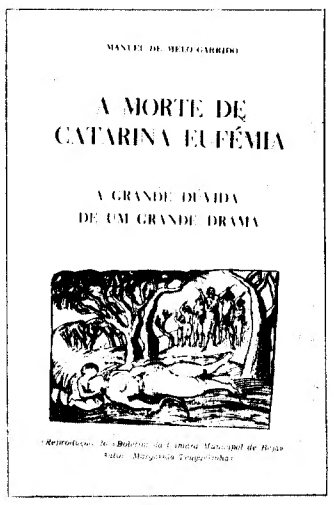
As transcrições são de excertos, mas darão uma ideia de quanto é estimulante a leitura da poesia do Abade de Jazente. Miguel Tamen propõe-na num inabitual roteiro com três detenções noutras tantas áreas (ou regiões) onde as **doenças** se situam, radicam e crescem, ou instalam-se e alastram: o corpo, as coisas, a paisagem. Cada detenção é uma pormenorizada explicação de aspectos e implicações mais fortes, a que se segue uma escolha de poemas. A antologia arquiva mais de uma centena de poemas. A obra do Abade de Jazente é bem mais numerosa — mas a maior parte das peças que a constituem caracterizar-se-á pela ausência de especiais motivos de interesse, para além do meramente documental. Mesmo muitas das que esta colectânea recupera, é essa a primeira impressão que delas se tem a uma primeira leitura, se feita, esta, sem uma passagem prévia pelas hipóteses que Miguel Tamen propõe. Porém, uma leitura orientada por estas propostas colhe logo uma impressão diferente. A escolha foi feita, certamente, com reflectido critério, dependente duma boa (digamos, igualitária) relação entre o que na obra do Abade haveria de mais sugestivo e insinuador do esquema interpretativo, proposto (esquema, aliás, muito flectido e amplo, apelando à leitura como participação activa), e as peças da obra mais ilustrativas e exemplificadoras das propostas de leitura avançadas — com seguro apoio (fundamental e envolvente) duma teoria e da sua (coerente, coesa - mas não rígida, e sim flexível) exposição.

A obra do Abade de Jazente há muito que não era encontrável senão nas bibliotecas. Umas tantas peças (umas duas ou três dezenas) eram conhecidas de antologias — em regra de uso escolar. Manuais de história literária, dicionários, síntese de apresentação, tinham criado a tradição de algumas ideias — positivas, mas também negativas, algumas — acerca da obra deste autor e da sua situação no âmbito de referências do Setecentos português. Era tudo muito pouco, e mal haveria a noção do maior interesse com que tal obra poderia propor-se-nos, para além da curiosidade potencial em relação a aspectos (transgressivos, digamos assim) que, aliás, nem serão o que mais distingue a poesia do Abade. Porque, no Setecentos, e nesta incidência, são inúmeros os casos assim, embora, na maioria, se trate de autores menores. Uma ideia que ocorre é que talvez neste caso não se trate dum autor não, obviamente, menor, umas de mediano interesse — como parece que estava instituído que seria. E esta ideia é o trabalho de Miguel Tamen que irrecusavelmente no-la propõe.

Usando uma linguagem despida de artifícios, poderemos dizer que a obra do Abade de Jazente teve uma sorte que à história póstuma de muitos clássicos ainda não coube: um comentador capaz de desviar-se resolutamente dos lugares comuns e proceder a uma leitura capaz de recuperar uma obra de há duzentos anos e introduzi-la no âmbito de referências dos nossos interesses actuais — com uma vivacidade a que não se pode ficar indiferente.

Um livro sobre a resistência no Alentejo

Recorda a morte de Catarina Eufémia



Foi a 19 de Maio de 1954. Reinava Oliveira Salazar. A camponesa alentejana Catarina Eufémia, em terras de Baleizão, foi abatida a tiro por ter praticado o crime de ter pedido: «Trabalho e pão!»

Era mãe de três filhos, casada com um cantoneiro de estradas, mulher trabalhadora. Escolheram-na para encabeçar o grupo que se dirigia ao Monte do Olival na intenção de pedir trabalho ao agrário. A Guarda Nacional Republicana barrou-lhes o caminho. O tenente Carrajola averbou o crime na sua lista de serviços. Catarina Eufémia tingiu com o seu sangue a planura alentejana. É hoje um símbolo de luta.

O jornalista Manuel de Melo Garrido publicou agora um livrinho sobre «A Morte de Catarina Eufémia». Descreve e analisa esse grande drama. O volume reproduz, na capa e na portada, uma gravura de Margarida Tengarrinha e transcreve os poemas de Ary dos Santos e de Papiniano Carlos; integra-se na colecção «Subsídios para a História da Resistência Democrática no Baixo Alentejo».

Manuel de Melo Garrido já publicara, na mesma colecção, «O Assalto ao Quartel de Beja» (1983) e promete o volume «Numa manifestação de protesto, dois mineiros de Aljustrel são abatidos pela Guarda Nacional Republicana».

JOVENS PUDESSEM...

MARGARIDA, 26 ANOS, TRABALHADORA-ESTUDANTE

"Os outros que fiquem com a batata quente"

— O que estuda e o que faz?

— Sou professora de matemática dos 7.º, 8.º e 9.º anos, e estudo biologia.

— É fácil conciliar as duas actividades?

— É, consegue-se perfeitamente.

— Porque escolheu Biologia?

— Porque gosto, acima de tudo, de estudar a vida.

— E o ensino, como é que apareceu?

— Estudei investigação e não encontrei colocação nessa área, porque o Estado fechou-a. Então apareceu o ensino como alternativa, mas sou professora só a título provisório.

— Gosta de ensinar?

— Não, gosto muito mais de aprender.

— Isso não prejudicará os seus alunos?

— Não, porque o facto de eu não gostar de ensinar só tem a ver com a falta de interesse deles. E não gostar não quer dizer que não dê o meu melhor.

— Como professora, que opinião tem do ensino em Portugal?

— Quanto a mim, o problema começa pelo facto de haver demasiados alunos para as possibilidades das escolas, o que obriga a turmas muito grandes. E depois há toda uma série de problemas pontuais, que mudam de escola para escola.

— Que mudanças são necessárias no ensino?

— Há tantas coisas... mas algumas delas são a colocação de professores a tempo e horas, garantir que existe em todas as escolas o material necessário — sem esquecer o ginásio, que não é um acessório — e, por último, terem a certeza que os programas estão adequados, não só à idade do aluno, como às necessidades que ele vai ter pela vida fora.

— Isso hoje em dia não acontece?

— Muitas vezes não.

— Há quantos anos ensina?

— Há três ou quatro anos.

— Tem notado algumas melhoras no ensino no decorrer desse tempo?

— Não.

— O Estado preocupa-se com o ensino?

— Acho que sim, existe um ministério para isso.

— Falou que o Estado «fechou» a investigação. Porquê?

— Porque, como carreira da Função Pública, para se entrar é necessário concurso, que não existe há já vários anos. Portanto, oficialmente está encerrada.

— De que forma é que isso prejudica o desenvolvimento do País?

— Só na questão de perder pessoas válidas.

— O Estado investe na investigação?

— O que faz não chega.

— Se pudesse governar o que começava por mudar?

— O decreto que me tinha posto lá em cima, porque isto está tão mau, que não muito obrigada. Os outros que fiquem com a «batata quente».

Uma aproximação aos últimos 40 anos de sistema bipolar

As superpotências

Beja Santos

O mundo vive submetido por um neologismo implacável: as superpotências que tudo decidem — conversações de Genebra, militarização do espaço as relações internacionais, em suma. Nada parece escapar ao conflito, surdo ou atroador, EUA-URSS. Mas será mesmo assim e para todo o sempre?

1. A 7 de Dezembro de 1941 nascia uma expressão conceito com revérberos equívocos e ambíguos: os Aliados. Entendamo-nos quanto à fixação desta multipolaridade, os Aliados contra o Eixo.

Por três continentes desenvolveram-se três guerras paralelas, quase independentes umas das outras, a partir dessa data, que culminou com o termo da 2.ª Guerra Mundial em 2 de Setembro de 1945. A primeira, e a mais sangrenta, pôs em confronto a Wermacht e o Exército Soviético e reporta-nos à conquista da Rússia Ocidental, à resistência em Moscovo e Leninegrado, à batalha de Estalinegrado, à reconquista da Ucrânia e uma marcha imparável até Berlim. A segunda, derramou-se por uma geografia dispersa, e teve características predominantemente anfíbias: no Pacífico, norte-americanos e japoneses golpearam-se numa vasta zona que começou por se situar entre a Birmânia as Filipinas e a Indonésia e teve o seu derradeiro palco no solo japonês: Hiroxima e Nagasaqui. A terceira, pôs frente a frente britânicos e norte-americanos e alemães e italianos, no Norte de África, no Mediterrâneo, na Itália, da Normândia a Berlim.

Laços pouco sólidos

Os laços entre as três guerras foram pouco sólidos: a Alemanha e o Japão combateram desligados; a Alemanha foi chamada a suster os reveses da Itália; a coordenação das ofensivas foi praticamente nula. Os EUA e a Grã-Bretanha apoiaram a URSS com carregamentos consideráveis de material e armamento que no meio de inúmeras dificuldades chegaram aos portos do Mar Branco e do Irão, mas os anglo-saxões demoraram muito tempo a abrir a segunda frente, insistente e ásperamente reclamada por Estaline. No que respeita à terceira guerra, o problema que se pôs aos responsáveis norte-americanos e britânicos foi o saber onde e quando atacar. Marshall quis sacrificar todas as operações secundárias à preparação de um grande desembarque, em 1943, nas costas francesas, precedido por um desembarque em 1942, para aliviar os soviéticos. Os britânicos não aceitaram, contrapondo a estratégia periférica ou de desgaste, considerando que o inimigo teria que ser implacavelmente flagelado na «boca do estômago», isto é, no Mediterrâneo. A tese liderada por Alan Brooke saiu triunfante: operação «torch» no Norte de África, desembarque na Sicília. Em 1944, os norte-americanos fazem impor as suas teses. A reconquista da Itália não prosseguiu, e entre Agosto e Novembro a França e a Bélgica foram libertadas. O Eixo não tinha coesão. Para os Aliados também a vitória não era tudo. Por conseguinte, registou-se falta de coordenação militar. Vejamos os objectivos políticos dos Aliados. As relações amiúde tensas entre anglo-saxões e soviéticos melhoraram de Outubro de 1943 a Fevereiro de 1945. Para todos, importava assegurar a vitória e ultimar a paz. Em Teerão (Dezembro de 1943) e em Yalta (Fevereiro de 1945) reuniram-se Roosevelt, Estaline e Churchill. Único acordo concludente: criação de uma organização das Nações Unidas e a promessa soviética de intervir contra o Japão três meses depois da capitulação alemã. Quanto ao futuro dos Estados-Nações libertados, a disparidade foi total. Na Primavera de 1945 a tensão entre os Aliados era muito grande. As posições Soviéticas endureceram na conferência de Potsdam (Julho de 1945).

A guerra aniquilou o nazismo, o fascismo e o ultranacionalismo japonês. Mas a sombra delirante da guerra cresceu entre ocidentais e comunistas.

Meissianismo poderosos

2 Para Roosevelt a desnazificação e a democratização eram objectivos suficientes a ter em conta pelas Nações Unidas (os Aliados). A vitória não encontrou uma resposta consistente, pelo contrário, avivou a heterogeneidade da coligação no plano ideológico. Dois messianismos poderosos (o triunfo do comunismo no mundo inteiro, sob a égide da URSS, o triunfo das liberdades individuais e parlamentares no mundo inteiro, sob a égide dos EUA) decorrentes da formidável concentração de poder na mão dos dois Estados era o fenómeno novo do pós-guerra. Grandes potências de 1939 ficaram reduzidas à condição de potências médias. Ocorre ainda dizer que o poder emergente dos EUA e da URSS seguiu processos de desenvolvimento dissemelhantes. De facto, os EUA eram desde os inícios do século a maior potência económica do mundo. Acreditavam nos valores do isolacionismo e tinha umas Forças Armadas insignificantes. A guerra veio convertê-la numa impetuosa potência militar. Rapidamente pôs de parte a desmobilização a pretexto dos novos compromissos granjeados em solo europeu. E desde a guerra da Coreia (1950) que o seu orçamento militar aumenta em espiral. A explicação dos incrementos militares encontra eco na opinião pública interna e externa com argumentos de paridade ou superoridade militar face à URSS. Esta, mais débil quanto a recursos, converteu-se em grande potência graças a um esforço voluntarioso, assente na defesa do «sistema socialista mundial» face às ameaças de agressão. Alcançaram num lapso de tempo curto os EUA no tocante às bombas A e H, e inclusivamente superaram-nos em matéria de projécteis intercontinentais.

Nasceu o conflito Leste-Oeste e o equilíbrio do terror. Desenvolveram-se alianças em torno dos dois pólos mediante explicações diferentes: NATO, Varsóvia, CENTO, ANZUS, SEATO, CEE, CAME, entre outros.

Compassos de espera

A propaganda dos últimos 40 anos (cordão sanitário, ameaça soviética, círculos agressivos do imperialismo, expansionismo de Moscovo e do Pentágono, etc.) ilude ou subestima a importância das ideologias. Guerra fria, coexistência pacífica, Ostpolitik, SALT-1 e SALT-1 e SALT-2, são etapas de avaliação, compassos de espera, tréguas para saltos qualitativos nos campos que se reclamam da democracia popular e da livre empresa. O problema alemão permanece no centro do conflito Leste-Oeste — em cada vaga de crispação, RFA-RDA dão sinais exteriores do estado de saúde das relações a nível de blocos. Estruturou-se, como fatalidade contemporânea, a convenção de que as relações internacionais se esgotam no manancial energético, mobilizador, armamentista, diplomático, científico-tecnológico dos EUA e da URSS. Daí a resignação na vontade decisiva das «Superpotências», à revelia das quais, segundo conceituados prescritores da opinião, nada de decisivo pode acontecer para abrandar a tensão ou fazer esbater irreversivelmente o perigo do holocausto termonuclear. Sem elas a Humanidade não anda longe de epifenómeno ou de insignificância.

Esta noção negativista ajuda a fomentar a ideia da inutilidade da incapacidade de se engendrar uma nova ordem mundial sem a protagonização de outros agentes. Importa, por conseguinte, perguntarmo-nos se a bipolaridade é vantajosa ao desanuviamento e a uma prática política equitativa inter-Estados, e se as pequenas potências e as forças progressistas podem desempenhar um papel fulcral no crescimento de uma confiança sem tacticismos estéreis ou ao serviço dos ardis ideológicos dominantes.

Nova ordem mundial

3. Ninguém se encontra em condições de avançar categoricamente com as modalidades mais satisfatórias de solução para a emergência de uma nova ordem mundial, sobretudo depois da estagnação do diálogo Norte-Sul e dos riscos económicos em que incorremos se acaso marchar por diante com «a Guerra das Estrelas». Sabe-se que é muito densa e simultaneamente difusa a rede do Sistema-Mundo que abrange um vasto tecido de relações contínuas e descontínuas onde cabe destacar sem qualquer odem de grandeza: o Movimento dos Não-Alinhados, o Acordo Caraíbas-Pacífico, a Convenção de Lomé, a luta anti-«apartheid», as relações comerciais EUA-Europa, o gasoduto euro-siberiano, as ajudas e apoio consignados pela FAO-/OMS, UNESCO, UNCTAD, a cooperação industrial Leste-Oeste. Os intercâmbios promovidos com base em relações justas adicionam bem-estar e atenuam ao nível do desenvolvimento e das relações económico-sociais e culturais a vozearia dos diplomatas ideológicos e dos propagandistas.

Se a expressão-conceito Aliados tinha na época revérberos equívocos e ambíguos, rearrumadas as antigas potências dos Aliados e do Eixo em blocos que se assumem em antagonismos, a ressonância moralizante e manipuladora de «Superpotências» tem hoje efeitos psicológicos devastadores no sistema que se opõe à perpetuação de alianças e nos espaços onde se intersecciona o diálogo mais fecundo. EUA e URSS negam-se a ser Superpotências, autoproclamando-se, tão-só, potências poderosas e prósperas. O efeito acabrunhante de Superpotência é por demais óbvio: melhor ou pior, ter-se-ia que aceitar uma hegemonia monopolizadora e ser cúmplice nos enredos e nos conformismos do «sistema eterno» que se diz carecer de uma superdefesa e de apoios morais de toda a ordem.

Outro fatalismo evidente de atrelar a opinião pública ao conceito totalizante de Superpotência é o identificar a divisão internacional do trabalho, as relações assimétricas entre o Centro e a Periferia e as relações de dominação (baluarte, bastião, pátria, farol, o Grande Guia inescapável, etc.), e até os êxitos da Conferência de Helsínquia ao posicionamento geopolítico dos EUA e da URSS. Certos politólogos defendem que o centro de gravidade da decisão foi transferido progressivamente do Mediterrâneo para o Atlântico e daqui para duas capitais que sentenciam bloqueios, contenciosos, tensões entre estratégia mundial e estratégia regional.

Estafadas realidades

Assim sendo, nada mais restaria que um novo rolo compressor de estafadas fatalidades: um desanuviamento propiciador à edificação do socialismo e uma corrida armamentista anuladora de todos os proventos de capacidade de manobra em revoluções camponesas e operárias e dos movimentos de libertação nacional.

Este maniqueísmo, favorável à exclusividade outorgada a dois países para puderem responder por praticamente todas as comunidades humanas, oculta a coragem ética e cívica existente em Estados e movimentos de opinião pública para não se manterem à margem na consecução de e contestando com redobrado calor tanto o desenvolvimento desigual como a bipolarização hierarquizada nestes dois Supremos Arquitectos do Universo. Por entre os interstícios da crispação, desdobram-se os centros de gravidade que a não serem ouvidos e acreditados criação nos próximos anos problemas complexos à confiança política estabelecida: a reanimação da União da Europa Ocidental e a autonomia do projecto militar francês atesta que nem tudo se joga no projecto do armamento espacial norte-americano (SDI), como a colagem do Governo português ao «Projecto Eureka» parece querer advertir.

O desprezo pelas forças anti-sistema, pelos movimentos de contestação contra a alienação do tempo de trabalho e do tempo livre, o silenciamento de novos movimentos reivindicativos e até das lutas nos países do regime leninista contra o regresso ao dogmatismo, por exemplo, evidenciam a latente falta de compreensão pelas pequenas e médias potências a quem se prometeu paridade no tratamento aquando da assinatura da Acta Final de Helsínquia. É de mau augúrio manter a negligência sobre recursos políticos que começam a emergir (multipolaridade económica, política, ideológica e cultural) à custa da intoxicação e manipulação da opinião pública, o que é possível pela transferência da luta ideológica para a perpetuação dessas fatalidades inerentes ao conceito de Superpotências na informação propagandística confundindo-a de informação rigorosa e isenta. A ridicularização e esfriamento da majestade das Superpotências só tem uma alternativa: prioridade para todas as vozes plurais que se opõem às sinistras corridas armamentistas e aos desanuviamento manhosos. A não ser assim, dar-se-á como fundada a nova ordem mundial neoconservadora, variante dos anos 80 do florescimento retrógrado da crise de 1929, aceitando-se todas as consequências no crescendo de assimetrias e focos regionais de tensão e militarização.

A aposta na superação das contradições inter-Estados decorrentes do carácter das relações alicerçadas no passado e a uma melhor compreensão mútua, desafio da Acta de Helsínquia (que em 1 de Agosto comemoraremos o décimo aniversário) continua a ser o azimute mais válido para promover o fluorescimento da socialização do Homem e auto-realização à escala planetária. Desafio a que se deveria corresponder, julga-se demonstrado, banindo do léxico corrente o neologismo Superpotências, que mais não tem sido que uma perigosa alavanca de astutos malabarismos propagandísticos a contento dos agentes da superioridade dos messianismos.

Reagan e Gabatchev: dirigentes de duas potências poderosas, não de «superpotências»

Moscovo: a 3.ª sessão da comissão conjunta soviéto-sueca para a cooperação técnica e económico-industrial

AO TELEFONE COM

Fernando Carneiro

Ribeiro Cardoso

"O Heraldo veio para ficar"

Recentemente apareceu em Lisboa mais um jornal. Chama-se «O Heraldo», é semanário e orgulha-se de ser o primeiro jornal regionalista da capital. Feito, nas horas vagas, por jornalistas profissionais, pretende dar atenção e espaço àquilo que se passa na grande cidade e a grande (?) Imprensa despreza. E para isso já tem «correspondentes» em todos os bairros de Lisboa e dos arredores.

Fernando Carneiro, actualmente redactor principal de «A Capital», onde trabalha praticamente desde a sua fundação (com uma passagem de dois anos pela ANOP), é o director do «O Heraldo». Ao telefone com este transmontano de 53 anos de vida e 30 de jornalismo profissional, falámos da aventura que sempre é, nos nossos dias, arrancar com um novo periódico, por muito regionalista que seja.

«Não me meti em nenhuma aventura no sentido vulgar que a palavra encerra» — começou Fernando Carneiro. «Mas se aventura é sinónimo de descobrimento de novos espaços e experiências, então estou metido, ombro a ombro com todos os outros que trabalham comigo, numa aventura entusiasmante, sobretudo para mim que dobrei o cabo dos 50 anos»

«Como é que surgiu a ideia de arrancar com 'O Heraldo'?»

«Os meus companheiros Meira da Cunha e António Vinagre, também jornalistas profissionais, vinham regando com carinho a ideia de um jornal regionalista em Lisboa. Eu aderi com paixão serôdia, mas com grande empenho, ao projecto. E quanto a entusiasmo o mesmo se pode dizer de algumas dezenas de jornalistas que fizeram a leitura correcta do borrão traçado para o primeiro jornal regionalista de Lisboa».

«Resumidamente, que jornal é 'O Heraldo'?»

«Trata-se de um semanário independente que, sem concorrência em termos de forma, pretende contribuir para um clima de boa vizinhança, mesmo de tolerância, entre os lisboetas do manjerico e todos os outros que a cidade das sete colinas adoptou como filhos legítimos».

«Mas porquê esta iniciativa agora?»

«As pessoas que fazem o semanário 'O Heraldo' sabem que os lisboetas, triturados por um quotidiano difícil de assumir, estão cansados de muitos discursos vazios e das querelas político-partidárias. Por isso entenderam dar uma pedrada no charco. Chega?»

«Não. Que conteúdo, o de 'O Heraldo'»

«Pretendemos relatar pequenos nadas que muitas vezes têm uma importância enorme na vida, individual e colectiva, das pessoas. Pequenos nadas que nas redacções dos grandes jornais vão quase sempre parar ao caixote do lixo. Pois bem: nós pretendemos estar atentos a tudo o que possa interessar ao lisboeta. Além disso, para lá do noticiário bem-disposto que queremos e já estamos a fazer, despertou-nos igualmente a ideia de fornecer alguns bons nacos de prosa. Posso dizer que é, sem empolamento, o toque didáctico de 'O Heraldo'.»

«O jornal vai aguentar-se? Ou será mais um que aparece para desaparecer pouco depois, sem deixar rasto?»

«As primeiras reacções indicam que o nosso 'atrevimento' tem pernas para andar. Andamos todos, nos momentos vagos, a regar o vaso da flor desta esperança».

«O que é isso das primeiras reacções?»

«No patamar desta arrancada, em meu entender, a publicidade e as vendas — para não falar das reacções da gente amiga — deixam vislumbrar um horizonte de sobrevivência. O êxito desta caminhada depende da adesão de leitores e assinantes e, também, num outro paralelo de relevo, da escolha das agências de publicidade. Estamos optimistas. E já agora, que estamos com a mão na «massa»; sempre acrescento que entendemos que os grandes órgãos de Comunicação Social devem apoiar este projecto original, espaço de informação que procura erguer-se nas estacas do descomprometimento e da boa disposição».

Se bem entendo: 'O Heraldo', como acontece com o homem do anúncio, veio para ficar...»

«Tenho para mim que 'O Heraldo' vai durar. Pena seria deixar ir pela água abaixo um esforço sem salário. Mas, aconteça o que acontecer, esta experiência será para mim, homem que se afirma e exige ser simplesmente repórter, uma página linda na história da minha carreira».

Diz empresário Ilídio Pinho

Derrota de Soares seria "desgraça nacional"

O empresário Ilídio de Pinho disse à ANOP que, «caso a candidatura de Mário Soares não se venha a concretizar» ou o líder do PS «perca as eleições na segunda volta, Portugal entrará inevitavelmente em verdadeira desgraça nacional».

Ilídio de Pinho, que há semanas promoveu na sua casa, em Vale de Cambra, um encontro entre Mário Soares e cerca de 80 empresários da região norte, entre os quais Salvador Caetano, considera que o actual chefe do Governo é «o único político capaz de levar Portugal para a Europa pelo caminho certo».

«Uma vez eleito, Mário Soares tem todas as condições para fazer convergir, num processo de assunpção de responsabilidades, todas as partes interessadas na defesa de um projecto de futuro para o nosso país» — disse o empresário.

Ilídio de Pinho salientou que Portugal está a atravessar um momento histórico, com a futura adesão plena às comunidades», e que só Mário Soares «tem condições para conduzir Portugal a ali ocupar um lugar de pleno direito e não de preencher o espaço de um membro pedinte».

«A nossa entrada na CEE — prosseguiu — obriga a uma liderança política representativa, idónea, de prestígio nacional e internacional, condições que estão reunidas na figura do dr. Mário Soares».

Ilídio de Pinho disse que o líder socialista, «como profundo democrata que é, respeitará, uma vez eleito, a perfeição do diálogo, com vista a serem encontradas as soluções que conduzam à construção de um país novo, de uma nova mentalidade».

«Soares — acrescentou — reúne as condições para ser o epicentro da construção de todo um processo que leve, de uma vez por todas, o nosso país para o caminho da modernização».

Comentando a candidatura de Freitas do Amaral, o empresário disse que o antigo líder centrista, «embora detenha um projecto de modernização do País, não reúne as condições necessárias para vir em Portugal a encabeçar qualquer processo de mudança».

«O professor Freitas do Amaral é um profundo pensador que merece todo o meu respeito, mas não está em condições de assumir a liderança de um projecto verdadeiramente nacional» — declarou.

CDS contra

O dirigente do CDS, Carlos Moia, disse em Londres que o primeiro-ministro, Mário Soares, «é por interesse próprio o conservador número um do regime».

«É aquele que acha que nada deve mudar não porque tudo esteja bem, mas porque só assim conservará os seus privilégios e os lugares dos seus amigos» — acrescentou.

Carlos Moia, responsável pelo gabinete de emigração dos democratas-cristãos, falava no decorrer de um encontro com os emigrantes portugueses radicados na Grã-Bretanhã.

Durante o encontro, o dirigente dos centristas afirmou que «uma análise objectiva das presentes circunstâncias em que os emigrantes portugueses se encontram não constitui uma paisagem muito animadora».

MINISTÉRIO DA SAÚDE

DIRECÇÃO-GERAL DOS HOSPITAIS
HOSPITAL DISTRITAL DE ÉVORA

ANÚNCIO

Torna-se público que está aberto concurso para os seguintes fornecimentos:

— **CONCURSO N.º 30/85** — Fotocoagulador (Laser)
— **CONCURSO N.º 31/85** — Aparelho Raios X p/ Mamografias
— **CONCURSO N.º 32/85** — Incubadoras p/ recém-nascidos
— **CONCURSO N.º 33/85** — Máquina p/ revelação automática de películas radiográficas.

As propostas deverão ser entregues nos Serviços de Aprovisionamento do Hospital Distrital de Évora, até às 15 horas do dia 18 de Junho próximo futuro, procedendo-se à sua abertura 30 minutos depois.

As condições e mais elementos para estes concursos encontram-se patentes no mesmo local, das 09.00 às 12.30 e das 14.00 às 17.30 horas, todos os dias úteis, excepto aos sábados.

SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO DO HOSPITAL DISTRITAL DE ÉVORA, em 3 de Maio de 1985.

O CHEFE DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS HOSPITALARES (APROVISIONAMENTO)
Joaquim José Ludovico Coelho

ACTUALIZAÇÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

2 a 31 de Maio

Recenseamento Eleitoral e OBRIGATÓRIO

SE AINDA NÃO ESTÁ INSCRITO NO RECENSEAMENTO; SE É MAIOR DE DE 18 ANOS OU SE OS COMPLETA ATÉ 31 DE MAIO,

INSCREVA-SE

SE JÁ ESTÁ INSCRITO NO RECENSEAMENTO; MAS MUDOU DE RESIDENCIA PARA OUTRA FREGUESIA,

TRANSFIRA A SUA INSCRIÇÃO

Dirija-se para o efeito à Comissão Recenseadora da freguesia onde reside.

ENTRE OS DIAS 11 E 25 DE JUNHO, CONSULTE OS CADERNOS ELEITORAIS. VERIFIQUE SE A SUA INSCRIÇÃO, MESMO QUE SEJA ANTIGA, SE MANTEM CORRECTA

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA — Secretariado Técnico dos Assuntos para o Processo Eleitoral (STAPE)

MINISTÉRIO DA SAÚDE

CENTRO HOSPITALAR DE COIMBRA

TELEFS. 33019/33207 — APARTADO 7005
3000 COIMBRA — CODEX
TELEX 52261 CHC P

APROVISIONAMENTO

ANÚNCIO

Faz-se público que no Serviço de Aprovisionamento do Centro Hospitalar de Coimbra, se encontra aberto o seguinte concurso:

N.º	Designação	Das Propostas		
		Dia	Entrega	Abertura
4/156/85	Microcomputadores	31/5/85	15 H	16 H

O respectivo caderno de encargos pode ser consultado no Serviço de Aprovisionamento do CHC todos os dias úteis, durante as horas de expediente ou enviado aos concorrentes quando solicitado por escrito.

Coimbra, 14 de Maio de 1985

O DIRECTOR DO SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO
Rui Moutinho

Congresso do PSD é um espectáculo: levantem-se!

Manuel Anta

«Levante-se quem quer apoiar a candidatura de Freitas do Amaral ou de Mário Soares. Vá, levantem-se, levantem-se.» Ninguém se levantou. Apenas se continuou a levantar a tensão e a confusão de um Congresso de um partido desunido que escolheu a Figueira da Foz para ali jogar o seu futuro. Um futuro que já não compete a Rui Machete liderar nem, pelos vistos, a João Salgueiro. Talvez a Cavaco e Silva desde que este «não apoie a candidatura de Freitas do Amaral à Presidência da República». Enquanto se espera por um novo líder, olha-se para o PSD e é-se obrigado a dar razão a Helena Roseta: «Nós assim não vamos longe, isto pode acabar mal...»

Foto de José Tavares

Levantem-se!

O Congresso do PSD iniciou formalmente a sua marcha no momento preciso em que Rui Machete, o actual líder, subiu à tribuna para fazer o seu discurso de abertura.

A iniciá-lo, desde logo um alerta: «Esta é uma hora decisiva para a sobrevivência do PSD como grande partido de Portugal».

Dado o mote da agonia em que se encontram os sociais-democratas, Machete lança-se na elaboração do seu auto-retrato: «Nunca lhes deixei de falar com verdade e sinceridade, nunca tive a pretensão de possuir remédios infalíveis e muito menos verdades inquestionáveis.»

Prosseguindo, e numa jogada de tudo ou nada, Rui Machete continua a tentar convencer os congressistas dos méritos da sua acção como líder do partido.

Brilhante por vezes, lembra que nenhuma acção pode ser julgada sem uma prévia e rigorosa informação. Daí que passe a enumerar o porquê e o para quê das suas atitudes, de modo a banir as acusações que sobre ele pesam de que é o responsável por tudo o que vai mal dentro do partido.

Freitas: o clímax

Refere que a proposta de referendo interno sobre a questão presidencial não é da sua iniciativa nem da Comissão Política que lidera. «A Deus o que é de Deus, a César o que é de César», diz.

A unidade, essa unidade em que tanto se empenhou, é abordada longamente no seu discurso. Depois, Rui Machete debruça-se sobre as implicações do resultado do referendo, passa pelo «não» de Firmino Miguel, desagua na candidatura Freitas do Amaral.

É o clímax do seu discurso. O clímax de um homem que não é chefe de nenhuma sensibilidade nem disputa a quem quer que seja «a legítima aspiração de ser poder ou oposição».

«A candidatura de Freitas do Amaral, apresentada como 'independente', alterou radicalmente as circunstâncias em que se realizou o nosso referendo», sublinha perante uma sala atenta.

Lançado, Rui Machete resolve disparar um «directo» aos queixos dos defensores do apoio do PSD à candidatura de Diogo Freitas do Amaral: «Ele não é responsável, Freitas não é o culpado dos erros do PSD e da vertigem que se tem apossado de alguns dos seus mais conhecidos militantes», considera, para logo a seguir acrescentar: «O protagonismo do projecto social-democrata e a sua liderança efectiva só podem ser assumidos por quem é social-democrata, nunca por personalidades que não têm a ver com o PSD e a social-democracia».

Rui Machete não se vai embora sem repetir o que já anteriormente afirmara: «Se não sair daqui como líder do partido arranjem outro vice-Primeiro-Ministro».

Rui Machete sai da cena para dar lugar a Simone Veil, convidada de honra do Congresso.

Como tónica principal do discurso da política francesa, um ataque simultâneo ao colectivismo e ao capitalismo selvagem, que põem em perigo os direitos dos indivíduos e o respeito da pessoa humana.

Aplaudida de pé, Simone Veil sai da sala, permitindo que a atenção do Congresso se concentre nas moções que cada subscritor se prepara para defender.

Helena, o espectáculo

Principais subscritores das moções vão sucedendo na tribuna até que surge o momento alto do Congresso.

Helena Roseta, a eterna voz da revolta, a má consciência de um partido com muitos sociais-democratas de «fachada» e de «passagem», sobe a tribuna para lançar: «Temos que recomeçar, vegetamos numa crise moral e de valores. Podemos divergir mas temos que ter princípios. Acima do interesse partidário está o interesse nacional. Fora do fascismo e do comunismo temos o campo aberto. Onde está neste partido o respeito pelas pessoas?...»

Roseta, empolgada e empolgante, ataca o referendo — «foi mal feito, companheiros» — e defende a não ruptura da coligação em vésperas de assinaturas relativas ao tratado de adesão de Portugal à CEE.

Escolhendo um final apoteótico, diz: «Acusam-me de chorar frequentemente nas reuniões magnas do partido. Pois bem: quero aqui cantar para não ter que chorar nas eleições». Vai daí, puxa pela voz e num ritmo alentejano começa: «Nós assim não vamos lá/isto pode acabar mal/temos que dar as mãos/e lutar por Portugal...»

A sala canta e do canto nasce um golpe: Um Congresso que estava apenas previsto para funcionar com três sessões plenárias e o resto em secções passa de repente a funcionar, e contra os seus próprios regulamentos, unicamente em sessão plenária.

Razões: sem dúvida para que todos os participantes participem mas, também, para que as jogadas sejam às claras e não de bastidores.

Salgueiro frouxo

O Congresso continua o seu curso no meio de uma tensão de cortar à faca e com a estrela do principal candidato a liderança a empalidecer — a estrela de João Salgueiro que, num discurso frouxo e nervoso, quase perdeu todas as possibilidades de sair da Figueira da Foz como líder do partido.

Um João Salgueiro irreconhecível, aparentemente desesperado com a perspectiva de uma iminente tomada de poder.

Ou será que João Salgueiro apostou numa atitude defensiva para melhor atacar em seguida?

Seja como for, a hipótese Cavaco e Silva ganha força. Há quem diga que Cavaco e Silva ganha o Congresso se quiser. Basta, acrescentam, que não fale no apoio a Freitas do Amaral. Se o não fizer, a maioria das distritais «mota-pintistas» estão dispostas a apoiá-lo, bem como às forças afectas a Marcelo Rebelo de Sousa.

Se optar pela coerência e defender a candidatura do ex-líder do CDS, os «mota-pintistas» poderão partir para uma terceira solução, ou seja, pedir a Amândio de Azevedo que apresente uma lista para a comissão política e outra para o Conselho Nacional. Nesse caso, Marcelo Rebelo de Sousa avançará já que não pode unir as suas forças com as de Cavaco e Silva com uma perspectiva de vitória.

Entretanto a coligação foi alvo de ataque cerrado da maioria dos intervenientes. Raras foram as excepções. No entanto nada indica que ela caia logo após este Congresso.

Desde já uma certeza: para além da que «ainda nada está decidido, tudo pode acontecer», João Salgueiro opôr-se-á a Cavaco e a Marcelo, apresentando as suas listas.

Rui Machete, esse parece ter as suas horas contadas. Apoios é coisa que não tem em termos minimamente significativos. É mais um líder cilindrado pela voragem dos sociais-democratas.

Com Machete fora da corrida, com Salgueiro em queda livre, Cavaco sobe para a liderança. Tê-la-á se quiser. Basta que diga «não» a Freitas do Amaral. Será capaz?

Aguardemos.

Cavaco Silva aponta Freitas

Cavaco Silva proferiu ao fim da manhã o seu esperado discurso para, em resumo, dizer aos congressistas que o PSD pode apoiar a candidatura presidencial de Freitas do Amaral, e passar a decisão para as mãos dos delegados presentes. Para Cavaco Silva, Freitas do Amaral aparece como o candidato com quem se deve negociar (Altino de Magalhães seria outra hipótese, mas muito mais fraca) e, só no caso das negociações não chegarem a bom termo, é que o PSD deve apresentar candidato próprio. A análise de Cavaco Silva assenta no entendimento de que uma boa franja do PSD apoiará Freitas do Amaral e que, se este ganhar, então nada deverá ao PSD, partido que ficará colocado em má situação se o antigo líder centrista criar uma formação política que ocupe o seu espaço. Por outro lado, se for Mário Soares o vencedor da contenda presidencial, então o PSD ficará igualmente sem saídas, caminhando para o aniquilamento. Cavaco Silva, que do início da sessão desta manhã tinha sido aplaudido por toda a sala do Congresso, só recolheu, no final do seu discurso, a ovação de cerca de metade dos congressistas presentes. Haverá alguma ilação a tirar deste decréscimo de aplausos?

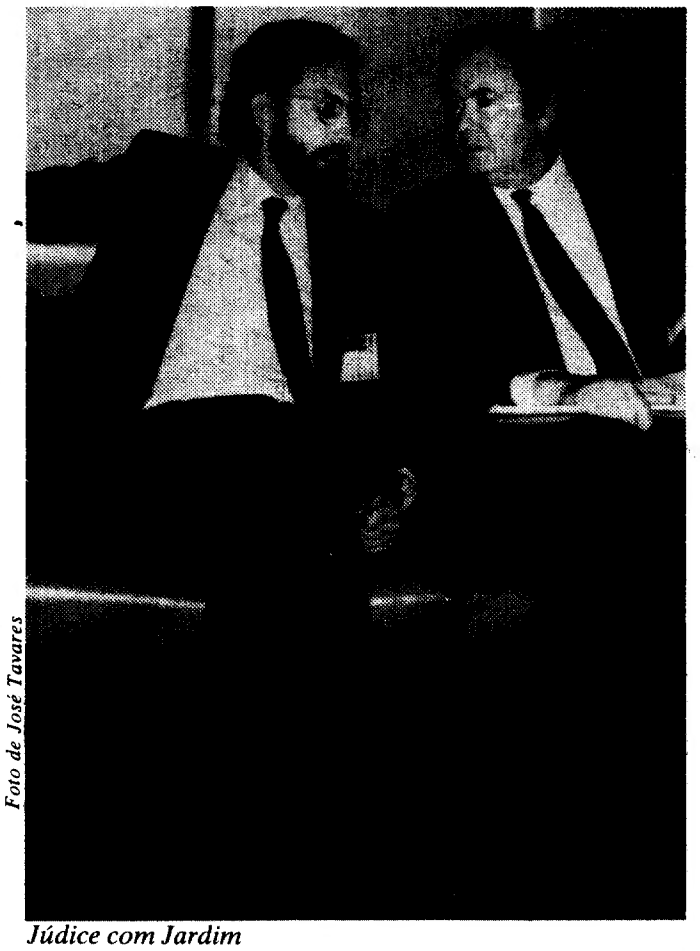


Foto de José Tavares

Júdice com Jardim

Discurso directo para o "DL"

- **João Jardim** à entrada do Casino Peninsular da Figueira da Foz: «Vou levar a banca à glória»
- **Antunes da Silva:** «Se os congressistas quiserem motim, ou seja, contrariar os regulamentos do Congresso, claro que o podem fazer...»
- **Amândio de Azevedo** respondendo à pergunta é ou não vice-presidente da lista João Salgueiro?: «Estou em branco, não tenho compromisso nenhum, não me falaram em nada, estou a zero»
- **Rui Machete**: «Nas horas pares surgem dúvidas metafísicas e Salgueiro diz que não avança. Nas ímpares diz que avança...»
- **Fernando Nogueira** respondendo também à pergunta é verdade que é vice-presidente na lista João Salgueiro?: «Não mostrei disponibilidade a ninguém e considero quase totalmente impossível vir a mostrar...»
- **João Salgueiro**: «Quando achar que devo avançar digo, não acha que é assim?...»
- **Ângelo Correia**: «Eu não lhe disse na Assembleia da República, no início da semana, que o Cavaco tinha, se o quisesse, o Congresso no papo? Você não me ouve...»
- **Virgínia Estorninho**: «Se o Salgueiro ganhar isto, entro em hibernação...»
- **José Miguel Júdice**: «Lemos Ferreira ou Freitas do Amaral tanto me faz. O principal é esmagar o eanismo e o soarismo».
- **Marcelo Rebelo de Sousa**: «Candidatar-me à liderança? Ainda não sei, estou a pensar...»

Portalegre tem novo restaurante

O Grupo Fernando Barata inaugurou, recentemente, em Portalegre, o Restaurante «O Tarro», a cuja exploração deu início no mês passado depois de ganhá-la em concurso público promovido pela câmara municipal daquela cidade e de proceder a uma ampla remodelação, que importou em cerca de 7 mil contos.

Situado na Av. Movimento das Forças Armadas, em pleno centro de Portalegre e junto aos seus principais jardins «O Tarro» — nome duma tradicional peça alentejana em cortiça, do tipo marmita, para transporte e conservação de comida quente ou fria — dispõe agora dum mais moderno rosto, funcionando no 1.º andar como restaurante, com bar de apoio e no rés-do-chão como cervejaria, café, «snack», pastelaria e, em breve, geladaria, estando ainda o complexo provido duma esplanada com 100 lugares e de fáceis condições de estacionamento.

O restaurante dedica-se, em especial, à rica cozinha regional, servindo, entre outras iguarias, as famosas sopas de cação, de rechina e de miúdos, uma opípara açorda alentejana, bacalhau no carvão, migas, pezinhos de coentrada, cabrito assado e ensopado de cabrito.

TAP distingue agências de viagens

A TAP Air-Portugal, no prosseguimento da iniciativa levada a cabo em 1984, procedeu este ano à cerimónia de distinção dos melhores vendedores de passagens e carga e, ainda, agora pela primeira vez, aos agentes do Mercado Étnico, com a entrega dos «Troféus Top-Ten/84».

Ao comemorar o seu 40.º aniversário, a TAP Air-Portugal quis reafirmar as relações privilegiadas que tem sempre mantido com todos aqueles que tão bem e tanto têm apoiado a transportadora aéra nacional. Assim, realizou-se no dia 15, no Hotel Ritz em Lisboa, a cerimónia de entrega dos troféus aos agentes de passagens, de carga (zona centro) e aos do mercado étnico durante o jantar presidido pelo dr. José Gomes Motta, presidente do Conselho de Gerência.

A TAP Air-Portugal homenagou deste modo as entidades que, pela sua actividade no decorrer do ano transacto, mais se distinguiram na colaboração com esta transportadora: Abreu, Europeia, Lufrantur, Pinto Basto, RN Tours, Star, Turismo Cruzeiro, Visa, Viagens Nascimento, Wagons Lits (no ramo das agências de passagens): Abreu Aerofrete, Extra, Germano Serrão Arnaud, Nacional Trânsitos, Star (no capítulo das agências de carga e as de mercado étnico): Caracas — Ag. Atlas, Joanesburgo — Ag. Novo Mundo, Montreal — Ag. Lisboa, New York — Relvas Trade Center, Paris — Wasteels, S. Paulo — Coraltur.

"Lego" cria prémios internacionais

Cerca de doze mil contos (750 000 coroas dinamarquesas) é o valor de um prémio internacional anual que acabou de ser instituído pelo grupo «Lego» e que será atribuído a pessoas ou organizações que contribuam, de forma extraordinária para a melhoria das condições em que vivem e crescem as crianças.

O prémio «Lego» será atribuído pela primeira vez em Novembro deste ano, sob recomendação de um «Comité do Prémio Dinamarquês» que será nomeado nos próximos dias, e a selecção anual do premiado será feita na base de candidatos escolhidos pelas companhias do grupo «Lego» em 20 países através do mundo.

Juntamente com o prémio em dinheiro, o galardoado receberá um diploma e uma estatueta feita a partir de componentes «Lego» e criada pelo escultor dinamarquês Gunnar Westman. A estatueta representa a forma como o artista sente «ygdrasil», o enorme, místico e sempre verde freixo da mitologia nórdica, com as «raízes nas profundezas da terra e os ramos esticados para além dos céus».

O grupo «Lego», que instituiu este prémio, emprega mais de quatro mil pessoas em cerca de 40 companhias, directa ou indirectamente pertencentes à família Kirk Christiansen, de Billund, na Dinamarca. Desenvolvendo, manufacturando e comercializando os conhecidos produtos «Lego», que são vendidos em 125 países, a companhia anunciou que, nos últimos 30 anos, as pedras «Lego» já foram adquiridas entre 50 a 60 milhões de adultos e crianças. Donde a justeza do prémio instituído a premiar quem for considerado de destacar entre os que investigam para um melhor conhecimento das condições em que as crianças vivem e crescem.

Philips apresenta em Lisboa novos equipamentos

Um grupo de personalidades e investigadores do maior destaque, de todo o País, ligados à utilização dos equipamentos de Raios X no domínio analítico, para fins de investigação e controlo de processos industriais, assistiu, a convite da Philips Portuguesa, na sua sede em Lisboa, à introdução dos seus novos «Espectrómetros de Raios X Sequencial e Simultâneo» e à demonstração em terminal de computador duma nova geração de «software» analítico, desenvolvido pela Philips para as aplicações industriais e laboratoriais deste tipo de equipamento.

O eng. JA Camarinha Moreira, director do Grupo de Sistemas e Produtos Profissionais da Philips Portuguesa saudou os convidados e, numa breve introdução, deu-lhes uma imagem dos enormes progressos que a PHILIPS vem desenvolvendo no campo do equipamento profissional com imediata aplicação ao desenvolvimento industrial a qual é suportada, na organização portuguesa, por uma estrutura dotada de sofisticados meios técnicos de instrumentação e medida e por uma equipa de engenheiros e técnicos altamente especializados em sistemas profissionais.

MÓVEIS DO NORTE EM LISBOA

CAMPANHA ESPECIAL

O SEU ESCUDO É MAIS FORTE COMPRANDO NOS

ARMAZÉNS DE MÓVEIS DO NORTE

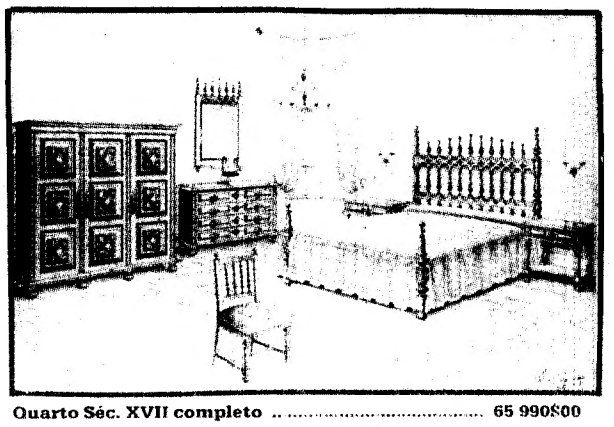
o primeiro «CASH AND CARRY» de mobiliário de todos os estilos e preços

COMPRAMOS A PRONTO
VENDEMOS A PRONTO
A PREÇOS IMBATÍVEIS

CAMPANHA ESPECIAL ATÉ 31 DE MAIO

ATÉ 31 DE MAIO DE 1985, MESMO QUE SÓ LHE INTERESSE RECEBER MOBILIAS MAIS TARDE, COMPRE JÁ, SEGURANDO ESTES PREÇOS E SINALIZE APENAS COM 20%, POIS OS PREÇOS PODEM SOFRER ALTERAÇÃO DURANTE A PROMOÇÃO, SE HOUVER RAZÃO QUE A JUSTIFIQUE

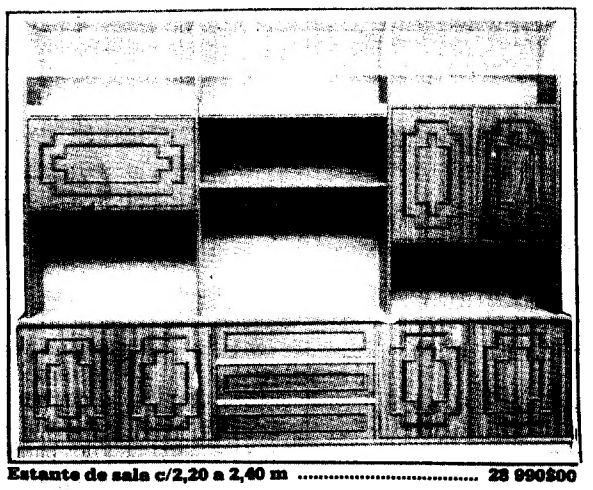
Quarto Séc. XVII em Mogno
c/Roupeiro de 3 portas ..... 79 900$00
c/Roupeiro de 4 portas ..... 84 900$00



Quarto Séc. XVII completo ..... 65 990$00

Sala Renascença c/Mesa e 8 Cadeiras
Capela com fundo e costas em Couro
Gravado ..... 154 900$00

Quarto Moderno Electrificado s/ Roupeiro .... SÓ 8990$00



Estante de sala c/2,20 a 2,40 m ..... 28 990$00

Sala Séc. XVII com mesa rectangular ou redonda e 8 cadeiras com fundo a veludo ..... 81 900$00

EM **LISBOA** — Avenida Marechal Texeira Rebelo (seguimento da Av. do Uruguai – e junto à Maconde) Benfica – Telefone 71 16 60.
NA **PORTELA DE SINTRA** – Rua Dr. Félix Alves Pereira, 10-B.
EM **FIGUEIRÓ DOS VINHOS** – Rua Dr. Manuel Simões Barreiros (Junto aos CTT) – Telefone 52 403.
NO **PORTO** – Rua do Bonjardim, 747, Telef.38 05 61. – Rua do Almada, 649, Telef. 31 13 25.

Horário de **LISBOA** e **FIGUEIRÓ** – das 9 às 13 e das 15 às 20 horas. MESMO AOS SÁBADOS.
Horário de **SINTRA** – o mesmo, mas encerrando aos sábados às 13 horas.

Eanes parte segunda-feira para a China

O regresso quatro séculos depois

O Presidente da República deixa segunda-feira à tarde Lisboa para visitas que nos onze dias seguintes o levarão à República Popular da China, a Macau e à Jugoslávia. Trata-se da primeira saída oficial de Ramalho Eanes este ano.

Ramalho Eanes é o primeiro chefe de Estado português a visitar a China, mas não primeiro português a chefiar uma missão de Lisboa ao Celeste Império.

Os portugueses chegaram, na verdade, à China no século XVI estabelecendo importantes relações comerciais. A honra de ser o primeiro português a visitar a China coube ao feitor Jorge Álvares, em Maio de 1513, que viajou de Malaca para Cantão, onde levantou um padrão nas proximidades desta cidade.

Mas a viagem de 21 a 26 de Maio de Eanes não deixa de ser extremamente importante para as relações recentes dos dois países que, depois de um longo interregno só foram reactivadas após o 25 de Abril.

Eanes retribui a visita que o presidente Li Xiannian fez a Lisboa de 16 a 19 de Novembro do ano passado, no que foi também a primeira estada de um Chefe de Estado chinês a Portugal.

Chefiando uma delegação que inclui o ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, e a secretária de Estado do Comércio Externo, Raquel Ferreira, Eanes realiza uma visita de Estado de cinco dias à República Popular da China.

Pequim ou Beijing, segundo o «Pinyin», a actual ortografia oficial chinesa para traduzir os sons em caracteres ocidentais, é a primeira etapa do Presidente da República, que manterá conversações com Li Xiannian no Grande Palácio do Povo.

Jaime Gama também terá ocasião de se encontrar com o seu homólogo Wu Xuequian, que já conhece, pois ele acompanhou o presidente chinês na visita a Portugal.

Macau e possivelmente Timor — embora não oficialmente — serão temas de conversa, para além de questões bilaterais e económicas.

Eanes terá por outro lado ocasião, no segundo dia da sua visita, de ver de perto a Grande Muralha da China, ciclópica obra de engenharia construída há 2.000 anos e que se estende por 6.000 quilómetros desde os arredores da capital ao longo da antiga fronteira com a Mongólia, e os túmulos Ming.

Banquetes oficiais, encontros com a comunidade portuguesa de Pequim e com professores e alunos de português, deposição de coroas de flores no monumento aos heróis e visitas à cidade proibida (o antigo palácio imperial) e aos tumulos Ming, completam o programa do Chefe do Estado em Pequim.

No dia 24 a delegação portuguesa chega a Xangai, onde Eanes terá oportunidade de visitar uma comuna integrada, uma fábrica e onde manterá contactos com as autoridades desta cidade, a maior da China e a segunda da Ásia depois de Tóquio.

Grande centro marítimo situado na embocadura do rio Yangtze e principal centro das indústrias têxtil e química do país, Xangai tem perto de 12 milhões de habitantes, duas vezes Paris.

Constitui também uma das novas zonas especiais de desenvolvimento económico, abertas aos investimentos e à tecnologia do estrangeiro.

No dia seguinte, Ramalho Eanes visita Quilin, centro turístico famoso pelas suas belezas naturais, paraíso dos fotógrafos, cujo acesso ainda não é muito usual para os estrangeiros.

Domingo 26, após uma escala em Cantão, Ramalho Eanes segue para a zona económica especial de Zhuhai, situada nas proximidades de Macau.

Há na China quatro destas zonas, criadas segundo o plano de abertura ao exterior do dirigente Deng Xiaoping. A maior é Shenzuen, que fica nos arredores de Hong Kong.

A finalidade destas zonas francas é exactamente imitar o sucesso económico e industrial de Hong Kong e em certa medida de Macau. A população normal chinesa não tem acesso a estas regiões, cercadas por vedações.

Estas «portas abertas» da China são também apresentadas por Pequim como uma prova de confiança para os investidores estrangeiros de que manterão o estatuto e a estabilidade de Hong Kong após a partida dos britânicos em 1997.

Deng Xiaoping, 80 anos, pai da reforma económica chinesa, afirmou já este ano que o sucesso destas zonas económicas especiais «prova que a política da sua criação è correcta».

Em Zhuhai, onde há fortes investimentos de Macau e do Japão, o Presidente português visitará centros comerciais e turísticos e uma fábrica de electrónica.

A visita à República Popular da China termina quando no dia 27 Eanes atravessar a fronteira para Macau, o território português oferecido pela China há 400 anos, último reduto do velho império lusitano.

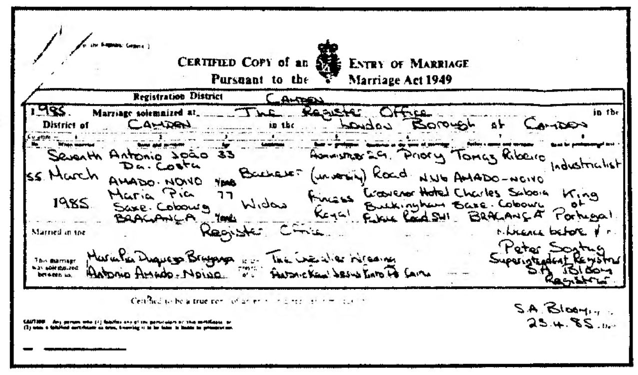
Depois de ser recebido com honras oficiais, o Presidente terá uma sessão de trabalho com o governador, almirante Almeida e Costa.

Um almoço na Câmara do Comércio Chinesa e um bânquete no palácio do governador, juntamente com a inauguração de um forum, marcam o resto da visita de menos de 24 horas de Eanes a Macau.

No dia 28 uma rápida viagem por «hidrofoil» através da baía levará a comitiva presidencial até Hong Kong onde apanhará o avião de regresso à Europa.

Mas ao deixar o Oriente não termina ainda a viagem oficial de Ramalho Eanes, que segue para uma visita oficial de três dias à Jugoslávia.

Lembrando um pouco as rotas seguidas pelos navegadores portugueses a caminho do Oriente, também o avião presidencial pára no golfo de Omã, tanto na ida como na vinda, mas somente para pequenas escalas técnicas no Aeroporto de Muscat.


CERTIFIED COPY of an ENTRY OF MARRIAGE
Pursuant to the Marriage Act 1949
Registration District Camden
1985. Marriage solemnized at The Register Office in the District of Camden in the London Borough of Camden

Fotocópia da certidão de nascimento de Maria Pia

Maria Pia: o casamento em Londres aos 77 anos

Maria Pia de Bragança, de 77 anos, pretendente ao trono de Portugal, casou em Março, em Londres, com um compatriota de 33 anos.

D. Maria Pia, que segundo o seu passaporte é filha do rei D. Carlos de Sabóia Saxe-Cobourg de Bragança, apresentou à NP uma cópia do registo de casamento efectuado no distrito londrino de Camden.

O marido, António João da Costa Amado-Noivo, administrador de uma universidade inglesa, passa a ser o Duque de Bragança, consorte e como tal já participou no domingo passado na Escócia numa cerimónia de uma ordem real — afirmou Maria Pia de Bragança.

A candidata ao trono de Portugal afirma que pretende ver reconhecidos os seus direitos mas não pretende o trono, que considera «inexistente e inútil neste momento».

Embora na posse de um passaporte passado pelo Consulado de Portugal em Londres, onde se reconhece a sua nova condição de casada, D. Maria Pia afirma que esse estatuto não é reconhecido em Portugal, onde não lhe querem também passar o Bilhete de Identidade.

Maria Pia de Bragança acusa ainda Mário Soares de não a querer receber, quando ela própria o recebeu «muitas vezes quando estava no exílio nas suas casas de Roma, Veneza e Cannes».

«Em lugar do enterro, ofereci-lhe o meu matrimónio» — afirma com um sorriso.

Salgado Zenha no Grémio Literário

Inaceitável a revisão constitucional pela actual Assembleia da República

Salgado Zenha manifestou-se ontem «em desacordo total com aqueles que preconizam um processo de ruptura com o regime constitucional vigente, querendo forçar a revisão da actual Constituição através de métodos em conflito aberto com o regime constitucional».

O antigo «leader» parlamentar do PS, que falva no Grémio Literário durante o ciclo de conferências promovido pelo Clube Português de Imprensa denominado «Portugal — as mudanças necessárias», disse considerar «absolutamente inaceitável» que se admita a possibilidade de uma revisão constitucional dessa natureza pela actual Assembleia da República, «pois ninguém conseguiu perceber durante a campanha eleitoral quais eram as ideias a esse respeito da grande maioria dos deputados que vieram a ser eleitos».

Salgado Zenha considerou estar «naturalmente em desacordo» com várias disposições da actual Constituição que, em sua opinião, devem ser revistas e modificadas.

Noutra passagem da sua intervenção, disse que «em Portugal continua a reinar, embora sem fundamento legal, o princípio do segredo de Estado como pretexto para os governantes se recusarem a informar a opinião pública» e sublinhou que «em regime democrático, a liberdade de informação reveste uma importância capital porque só o cidadão bem informado tem a possibilidade de exercer os seus direitos democráticos de modo responsável e racional».

Passados dez anos de rodagem do actual sistema eleitoral Salgado Zenha considera que é aconselhável modificá-lo, «atenuando a estrita porporcionalidade existente de modo a aproximar mais o eleito do eleitor, relação que no momento presente é praticamente inexistente», e sublinhou que uma democracia moderna assenta em três princípios indissociáveis: «liberdade, responsabilidade e informação».

Defendeu também a importância da descentralização política e administrativa e aludiu ao «estrondoso fracasso que representa a não concretização das promessas de regionalização e descentralização feitas por

Ontem, no Grémio Literário

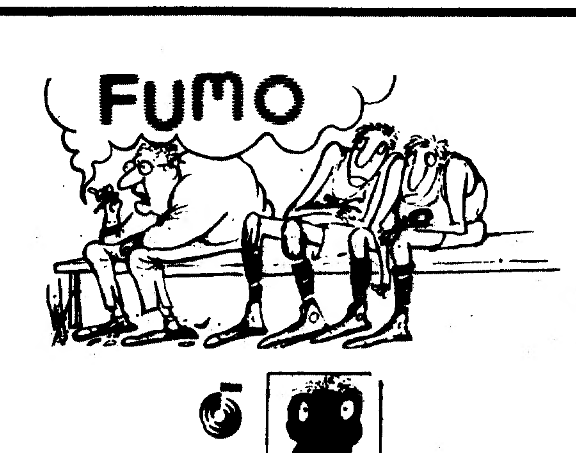
todos os partidos políticos», preconizando a criação em Portugal continental das regiões administrativas e da assembleia das regiões, como forma de «suavizar as ingentes tarefas que esmagam o nosso Parlamento e de contrariar a tendência para a megalomania de alguns dos nossos burocratas especialistas na regionalização do papel selado.»

Salgado Zenha referiu-se ao Partido Renovador Democrático (PRD), afirmando que «a simples criação de um novo partido com um programa de reforma moral é, por si só, positivo, pois estimula a emulção e poderá induzir outras forças políticas a competir com ele no mesmo plano.»

Afirmou ainda que o PRD, «em vez de se cingir à doutrinação, prefere acrescentar a esta intervenção, como partido organizado, na vida política e eleitoral portuguesa».

Outro aspecto focado por Salgado Zenha na sua intervenção foi o «da transparência das relações financeiras dos grupos de pressão com os partidos políticos.» Defendeu, por isso, a publicação das contas dos partidos e dos comités de apoio a candidaturas, porque «o público tem de saber como os partidos são financiados, quem lhes paga e quanto paga, e daí tirar depois as suas conclusões.»

VÔOS ESPECIALMENTE FRETADOS
palma de maiorca
8 e 15 DIAS
ibiza * menorca
las palmas
tenerife * lanzarote
PARTIDAS: 9, 16, 23 e 30 Jul. - 6, 13, 20 e 27 Ago. - 3, 10 e 17 Set.
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS
abreu desde 1840
ALVARÁ N.º 35 · OPERADOR TURÍSTICO
LISBOA · Avenida da Liberdade, 160 Tel. 37 13 41
LISBOA · Av. de Roma, 66-B Tel. 80 50 96
LISBOA · Estrada de Benfica, 451-C Tel. 74 21 81
CASCAIS · Galerias Estoril-Sol, 3 Tel. 28 08 61
ALMADA · Rua de Olivença, 9-C Tel. 275 62 72
LEIRIA · R. Mouz. de Albuquerque, 90 Tel. 3 11 81
PORTO • BRAGA • GUIMARÃES • AVEIRO • COIMBRA • FARO • PORTIMÃO • FUNCHAL



NÃO FUME
EM RECINTOS
FECHADOS

Cada vez mais perto do objectivo: Paris

Candidatos ao "Guiness" já se encontram em Madrid

Os portugueses José Luís Vilela e José Manuel Pereira, que pretendem fazer a pé o percurso Lisboa-Paris-Lisboa, de quatro mil quilómetros, para entrar no «Guiness Book», estão em Madrid desde quinta-feira à noite.

Até agora, percorreram 663 quilómetros em 96 horas, 12 minutos e 21 segundos.

Os dois atletas, que têm o patrocínio de uma casa de artigos desportivos, do Casa Pia Atlético Clube e da Cruz Vermelha de Portugal, de Espanha e de França, pretendem chegar a Paris nos últimos dias de Junho e estar de novo em Lisboa antes do fim de Agosto.

Para além de «umas bolhas nos pés, não tivemos nenhum problema físico e continuamos com grande moral», afirmaram à ANOP.

Os dois atletas, que fizeram uma preparação de dois anos, levam uma mochila de seis quilogramas às costas e têm sido acompanhados no percurso espanhol por uma ambulância da Cruz Vermelha Espanhola, com a finalidade de lhes prestar assistência médica, que «até agora não foi necessária».

Na parte portuguesa, tiveram a assistência do Serviço Nacional de Bombeiros.

Até agora, fizeram quinze etapas, com uma média de quarenta e quatro quilómetros. A maior foi de 64 quilómetros e têm feito a média de seis quilómetros por hora.

«Sentimo-nos melhor a subir do que a descer», comentaram.

A principal alimentação utilizada é, durante o dia, fruta, batidos, sumos de fruta e sopas com um jantar reforçado.

Desde que começaram a preparação, perderam seis quilogramas de peso e depois da saída de Lisboa pesam menos um quilograma, afirmaram.

«Estamos com uma grande esperança desportiva e moral e pretendemos cumprir o nosso objectivo», afirmou José Luís Vilela.

Os dois atletas assumiram o compromisso de que, mesmo que um deles tenha que desistir, o outro continuará o percurso.

«Mesmo que não entremos no «Guiness Book», sentir-nos-emos moralmente compensados com o facto de fazermos este percurso e cumprir o objectivo desportivo», disseram à ANOP os dois atletas, que abandonaram durante este período o seu trabalho como electricistas em Lisboa.

Arrastão apresado em Leixões

O navio da República Portuguesa «Save» apresou ontem, a 24 milhas de Leixões, o arrastão «Brenha», na faina de arrasto com rede de malhagem ilegal —anunciou o comando da Zona Marítima do Norte.

Segundo a mesma fonte, o arrastão da praça de Figueira da Foz, quando interceptado pelo navio da Armada Portuguesa, «largou para o mar, cortando os cabos, um saco com a malhagem ilegal de 20 milímetros».

O «Brenha», que se encontra em Leixões às ordens da autoridade marítima, tinha a bordo cem caixas de pescado diverso além de redes com saco duplo e de malhagem interior de dez milímetros.

Contrabando apreendido soma 900 mil contos

A Guarda Fiscal do Porto apreendeu no período de 1 a 15 de Maio nas áreas de Matosinhos, Valença, Monção, Chaves e Bragança, diversas mercadorias de contrabando no valor total de cerca de 900 mil contos.

Durante aquela período a Guarda Fiscal detectou nas áreas referidas 39 transgressões tendo sido pagas voluntariamente multas no valor de 158 290 contos.

Entre a mercadoria apreendida constam artigos alimentícios, bebidas e cigarros, viaturas ligeiras, pesadas e caravanas, haxixe, máquinas de jogos, roupa confeccionada e cassetes.

Força Aérea colabora na pesca do atum

A frota de pesca da Madeira passa, a partir de hoje, a ser auxiliada por um avião da Força Aérea Portuguesa na captura do atum.

A intervenção da aviação incide na subzona aérea 2 da zona económica exclusiva da região da Madeira.

Trata-se de um programa da responsabilidade da Secretaria Regional da Economia e Direcção Regional das Pescas, que tem como objectivos imediatos a detecção visual de cardumes de tunídeos para informação à frota de pesca da região autónoma.

A iniciativa pretende, a longo prazo, estudar as rotas migratórias do atum com base no tratmento das informações recolhidas.

Uma outra fase do trabalho, que será realizado por um «aviocard», registará as temperaturas da superfície das águas do mar, utilizando um barómetro de infravermelhos.

Vítor Mendes colhido nas Isidradas

O toureiro português Vítor Mendes sofreu rotura da clavícula e contusões múltiplas na face e no tórax, ao ser volteado pelo primeiro touro na terceira corrida da feira madrilena de Santo Izidro.

O toureiro deu entrada no hospital «Primeiro de Outubro», em Madrid, mas o diagnóstico médico indica ferimentos «menos graves».

Na corrida, que decorreu com praça cheia, foram lidados touros de Puerto de San Lorenzo.

Morte estranha em Benfica

Uma patrulha da PSP encontrou ontem ao princípio na noite na segunda circular de Lisboa, já próximo do chafariz de Benfica o corpo de um homem ainda novo ferido a tiro e caído por terra a 15 metros da sua viatura, cuja porta se encontrava aberta.

Levado de imediato ao Hospital de Santa Maria ali chegaria já morto.

A vítima foi identificada como sendo José António Ferreira a Silva Machado, de 33 anos, casado e residente na zona da Marvila, em Lisboa.

O corpo encontrava-se caído à rectaguarda do seu automóvel, um «Fiat 124 especial» com a matrícula BH-25-93 de cor branca e no chão a Polícia encontraria uma cápsula de bala, calíbre 6,35 que se presume pertencer ao projéctil que vitimou José Machado.

O calibre do envólucro indica que a arma é de defesa e pode ser usado por qualquer pessoa que possua a respectiva licença.

o local não foi encontrada qualquer arma pelos agentes da PSP que de início tomaram conta da ocorrência e mais tarde, cerca das 22 horas já o piquete da Judiciária se encontrava no local.

Até ao fim da manhã ainda não havia explicação para o caso, que tudo indica tratar-se de homicídio.

FUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

"Todos devem avaliar meus senhores, como são fracos os recursos do nosso país. Somos um país pobre – eis a verdade que não pode ser iludida. E que só por evidente má-fé uns tantos e quantos pretendem esquecer, com propósitos francamente despropositados.

"Assim, no plano da assistência, claro que há muito por fazer. Não podemos, porém, como seria nossa vontade tratar da saúde a toda a gente. É impossível mandar os médicos para a província. Falta verba e sobeja província. Assim como não podemos arranjar remédio para a carestia dos remédios. Quem quer saúde, pague-a, já lá dizia o outro. Se não, fica doente, que remédio!

"O mesmo problema se coloca em relação ao ensino. É certo que não há verba para os professores; é certo que não há escolas bastantes e as que hão (desculpem, mas no meu tempo já não havia escolas) estão ruindo, decaindo, explodindo; é certo que os compêndios custam os olhos da cara. Mas que culpa temos nós que o ensino não possa existir sem livros, sem escolas e sem professores? Sim, repito, efectivamente qual é a nossa responsabilidade no assunto?

"Já gastámos algumas dezenas de milhares de contos a discutir este assunto em simpósios, seminários, semanários e vários. Alguns antigos banqueiros, accionistas e grandes lavradores a quem foram consignados mais de cem milhões de contos a título de indemnização confirmam o nosso ponto de vista a respeito da educação e da saúde.

"Igualmente centenas de milhares de contos são gastos anualmente em luvas, subsídios, compensações, deslocações e corrupções a um numeroso corpo de funcionários cuja função consiste precisamente em demonstrar como são fracos os recursos do país. Concordo que sai caro, mas a acção é meritória.

"Porque o nosso país é um país de fracos recursos. Somos um país pobre. É preciso que todos compreendam isto. É fundamental. De tal modo que, com a ajuda de técnicos americanos no domínio do «marketing», vamos lançar uma campanha para convencer os portugueses da nossa verdadeira situação. Gastaremos nisso apenas meia dúzia de milhões de contos.

"Era tudo quanto eu desejava comunicar a V.Ex.as."

Da escassez de verbas à fraca afluência

Museus comemoram Dia Internacional em ambiente de crise

A escassez de verbas com que lutam os Museus portugueses impedirá que, na maioria deles, se comemore hoje com maior dignidade o Dia Internacional dos Museus, criado há cerca de dez anos pela ICOM — Comissão Internacional dos Museus. Aquele organismo, que funciona no seio da UNESCO, consagrou um dia do ano aos Museus com o fim de dar a estas instituições, algumas vezes herméticas, um ambiente de festa, recebendo as pessoas com actividades extra, de forma a «trazê-las aos Museus».

Em Portugal, os Museus não têm sido muito bem tratados e só recentemente os dirigentes governamentais do foro cultural se têm preocupado em chamar a visitá-los um maior número de pessoas, aliciando-as com uma mais viva actividade museológica e cuidando mais das condições deficientes em que aquelas instituições sempre viveram.

«Noventa por cento dos Museus e Palácios Nacionais teriam um fim trágico se, em qualquer deles, se declarasse um incêndio», foi afirmado em recente colóquio sobre museologia realizado em Sintra, pela APOM, Associação Portuguesa de Museologia, por um especialista em segurança nos Museus.

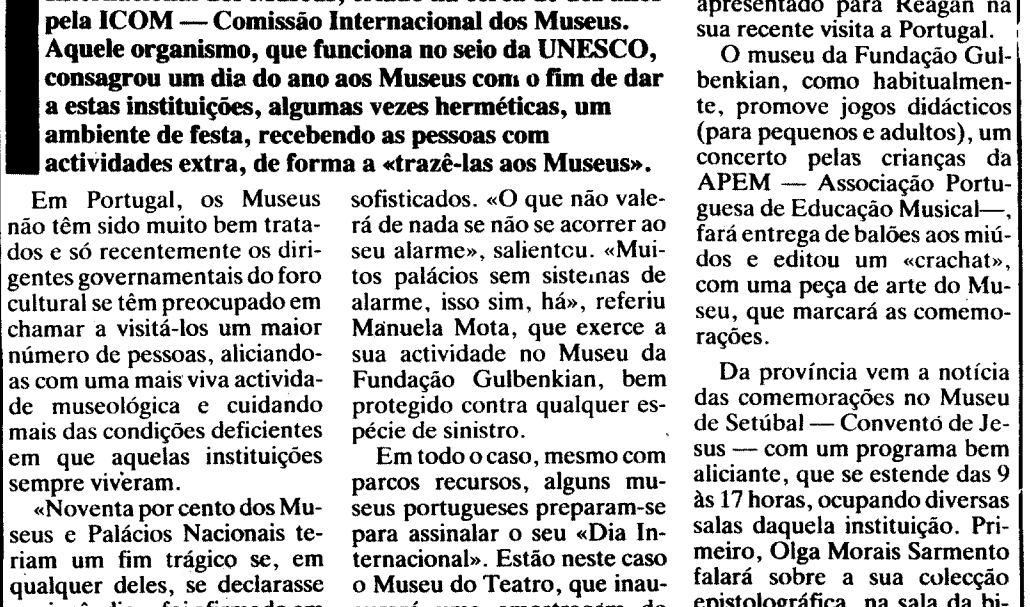
Posta perante esta afirmação e a uma pergunta sobre se isso era rigorosamente verdade, Manuela Mota, presidente da APOM, diria que era «rigorosamente mentira», uma vez que quase todos os museus têm sistemas de alarme, mais ou menos bons, mais ou menos sofisticados. «O que não valerá de nada se não se acorrer ao seu alarme», salientou. «Muitos palácios sem sistemas de alarme, isso sim, há», referiu Manuela Mota, que exerce a sua actividade no Museu da Fundação Gulbenkian, bem protegido contra qualquer espécie de sinistro.

Em todo o caso, mesmo com parcos recursos, alguns museus portugueses preparam-se para assinalar o seu «Dia Internacional». Estão neste caso o Museu do Teatro, que inaugurará uma amostragem do restauro dos trajos, ao vivo, em frente do público, e o Museu do Traje, com a inauguração de uma exposição sobre «trajo jovem» dos anos 55 a 85, que se espera venham a ser certames de muita importância.

Na Casa-Museu Anastácio Gonçalves, instalada na casa que serviu de residência e «atelier» ao pintor José Malhoa, em Lisboa, decorrerá, a partir das 21 horas, um recital de poemas de Camões e de música contemporânea, enquanto no Palácio de Queluz se repetirá o Festival de Cavalaria de Alta Escola, que foi apresentado para Reagan na sua recente visita a Portugal.

O museu da Fundação Gulbenkian, como habitualmente, promove jogos didácticos (para pequenos e adultos), um concerto pelas crianças da APEM — Associação Portuguesa de Educação Musical—, fará entrega de balões aos miúdos e editou um «crachat», com uma peça de arte do Museu, que marcará as comemorações.

Da província vem a notícia das comemorações no Museu de Setúbal — Convento de Jesus — com um programa bem aliciante, que se estende das 9 às 17 horas, ocupando diversas salas daquela instituição. Primeiro, Olga Morais Sarmento falará sobre a sua colecção epistolográfica, na sala da biblioteca, seguindo-se uma evocação de Bocage e de Luísa Todi, pelos poetas populares de Setúbal, na sala Luísa Todi. Haverá a evocação de um serão numa casa nobre, com canto e música. Paralelamente haverá uma peça de fantoches — «Era uma vez um Convento que depois foi Hospital e agora é Museu» — que conta a história das instalações do actual estabelecimento museológico setubalense, além da inauguração de diversas exposições.



Revisitar o passado e, porque não, compará-lo com o presente?

"Vestir 55-85": três décadas de moda, música e cultura

Uma exposição de vestuário, com principal incidência na época do rock, é hoje inaugurada no Palácio do Monteiro-Mor onde está instalado o Museu do Traje.

Com a exposição Vestir 1955-85 o Museu do Traje pretende chamar os jovens, camada habitualmente mais afastada dos museus, razão porque esta mostra assinala não só o Ano Internacional da Juventude mas também o Dia Internacional dos Museus.

A mostra decorre em sete salas, não sendo seguida a ordem cronológica das últimas três décadas mas sim uma sequência temática. Assim, o vestuário dos anos cinquenta usado pelo cidadão comum aparece ao lado das roupas punk.

As restantes salas são consagradas, respectivamente, à geração política e contestatária, ao movimento hippie, à confluência de culturas e etnias, sendo dado especial relevo à sala consagrada aos «decadentes».

É objectivo dos organizadores desta exposição recriar ambientes socioculturais relacionados com os modelos expostos que são acompanhados de acessórios e penteados de cada período.

Neste contexto está previsto um bar, uma discoteca, e cenários de rua.

A mostra é consagrada, exclusivamente, aos meios urbanos por ser neles que se verifica o maior consumo de moda e onde a roupa se afirma mais claramente como atitude e cultura.

A exposição prolonga-se até Dezembro, existindo também um espaço autónomo, consagrado a exposições mensais representativas da criatividade dos estilistas portugueses contemporâneos. A primeira destas mostras mensais é consagrada a Ana Salazar, seguindo-se Manuela Gonçalves, Ana Silva e Sousa, Manuel Abreu, Carlos Barroco e João Vieira, entre outros.

II Conferência Sindical em Almada

Mulheres trabalhadoras elaboram carta reivindicativa

A II conferência sindical da mulher trabalhadora vota esta tarde a carta reivindicativa, prevendo-se que Maria do Carmo Tavares, membro do secretariado nacional da CGTP-IN e da comissão organizadora da conferência, encerre os trabalhos, às 16 e 30, com uma intervenção final.

Na abertura dos trabalhos, ontem à tarde, na Incrível Almadense, as 500 delegadas presentes exigiram a proibição da subcontratação de mão-de-obra feminina, o combate ao trabalho clandestino, a revisão da lei dos contratos a prazo e a concessão de um subsídio às mulheres jovens à procura do primeiro emprego.

A preferência, nas empresas com menos de dez por cento de mulheres, pela admissão de trabalhadoras com responsabilidades familiares, foi outra reivindicação apresentada na sessão de abertura, bem como a diversificação de cursos de formação profissional para as mulheres e a dispensa do trabalho sem perda de remuneração para a frequência desses cursos.

Ao intervir na abertura da conferência, Odete Filipe, também membro do secretariado nacional da CGTP e da comissão organizadora desta conferência, salientou as «importantes vitórias» da mulher no campo legislativo com a entrada em vigor da Constituição, a alteração do Código Civil, a legislação sobre igualdade de trabalho e de emprego, a protecção à maternidade e paternidade, planeamento familiar, educação sexual e interrupção voluntária da gravidez. Alertou igualmente para que não basta a existência dos direitos da mulher e da igualdade na lei que é preciso aplicá-los na prática para que seja eliminada a discriminação da mulher e a sua vida se altere no sentido positivo.

«Podemos concluir — assinalou — que é mais difícil mudar as mentalidades criadas em relação à mulher do que as leis.»

Odete Filipe considerou que a situação da mulher tem origem «no obscurantismo, que foi prática do fascismo e é resultado de políticas que só interessam aos exploradores».

«Esta conferência — afirmou ainda — irá confirmar a existência de inúmeras razões para que as mulheres se empenhem na luta contra a actual política e Governo pela transformação da nossa sociedade».

Devido à sua dupla tarefa de trabalhadoras, mães e donas de casa, que a sociedade lhes impõe, as mulheres dificilmente têm tempo disponível para a participação na vida sindical ou para o estudo. Salientou também Odete Filipe.

Divulgou que o total de dirigentes em exercício na estrutura da CGTP são 4218, dos quais 732 (17,3 por cento) são mulheres, percentagem inferior à sua participação na população total (52 por cento) e na população activa (33 por cento).

Odete Filipe referiu a necessidade de «os homens, também explorados, compreenderem que só alcançarão a libertação quando deixarem de ser violados os direitos das mulheres» e «de as mulheres participarem com os restantes trabalhadores na defesa dos seus direitos».

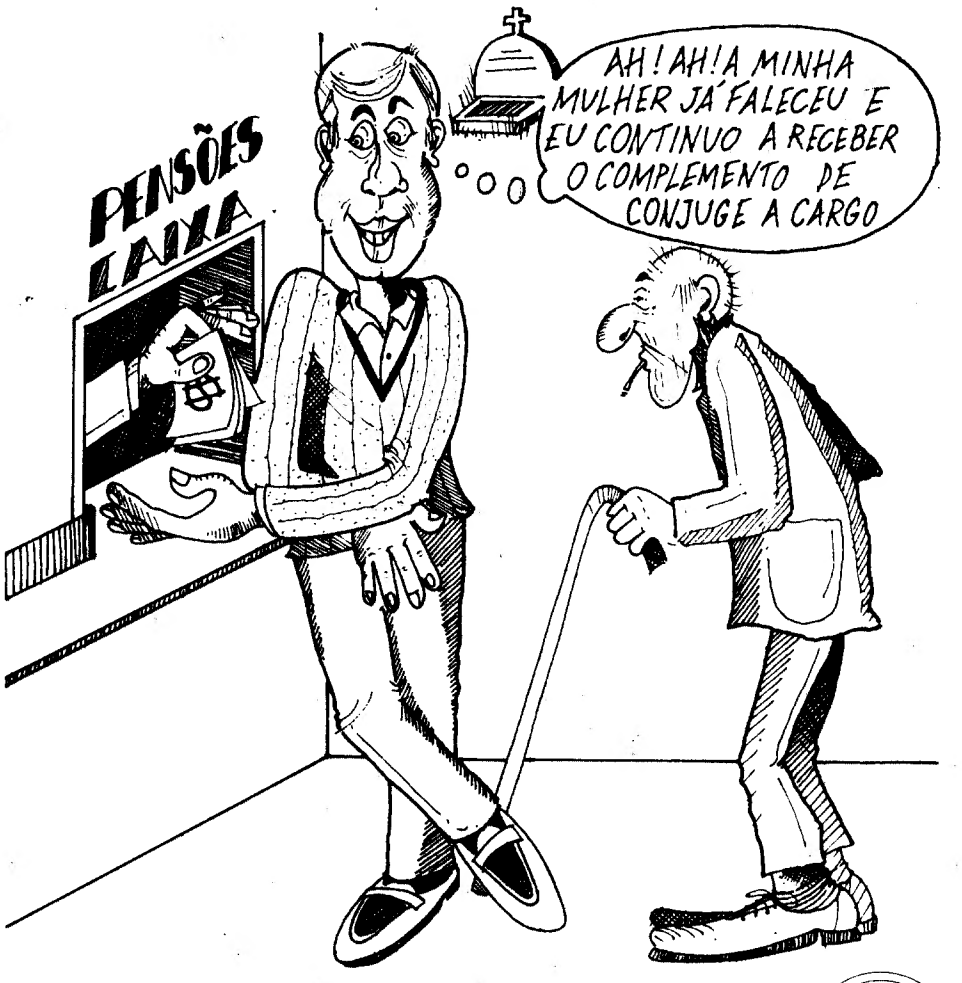
Escolas: assaltos continuam

A Polícia Judiciária de Lisboa recebeu desde Janeiro de 1985 até Abril deste ano a participação de 774 assaltos a estabelecimentos de ensino. Um informador da corporação da Gomes Freire revelou que nos primeiros quatro meses de 1985 foram participados 129 assaltos a estabelecimentos de ensino na área urbana da capital e comarcas periféricas. A directoria da PJ recebeu em Janeiro 31 participações (14 em Lisboa e 17 nas comarcas periféricas, 20 de Fevereiro, 42 em Março e e 36 em Abril.

Durante o ano passado foram participados 396 assaltos com furtos, sendo 180 em escolas da área urbana de Lisboa, 76 na comarca de Loures, 32 na de Odivelas e 55 na da Amadora. Relativamente a 1983 o Gabinete Técnico de Prevenção da Polícia Judiciária apurou 259 assaltos a estabelecimentos de ensino, dos quais 121 ocorreram em escolas da área urbana de Lisboa, e as restantes 130 em escolas das comarcas periféricas.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACÇÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES



ATENÇÃO se esse é o seu caso, comunique de imediato o falecimento do conjuge e regularize a sua situação.
Evite assim graves problemas!

SEGURANÇA SOCIAL

Sindicato e ANTRAL acusam Câmara de Lisboa

Atribuição de novos táxis gera polémica

A atribuição, em Junho próximo, de 100 novas licenças para táxis em Lisboa, está a gerar polémica. Ontem, em conferência de Imprensa, o Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Centro, criticou os sucessivos adiamentos por parte da Câmara Municipal de Lisboa da outorga das novas licenças. Para a Associação Nacional de Transportes Rodoviários de Automóveis Ligeiros, dada a crise do sector, não é a altura para dar mais licenças.

O sindicato contesta a afirmação de que o sector se encontra em crise. «Embora os serviços por dia tenham diminuído desde o último aumento das «corridas», o rendimento mais que duplicou», afirmaram os sindicalistas. «Se anteriormente se faziam 40 serviços por dia, agora apenas se fazem 20 ou 25, mas o rendimento é muito maior e com menos trabalho», sustentam.

Martins Carneiro, presidente da ANTRAL, considera, por seu lado, «que a crise está à vista de toda a gente: os carros estão no Rossio, no Aeroporto parados à espera de cliente». «Há mais carros a circular vazios do que ocupados», afirma.

No entanto, segundo o Sindicato dos Trabalhadores de Transportes Rodoviários e Urbanos do Centro (STTRUC), «a ANTRAL visa o monopólio do sector e é por isso que se opõe a esta atribuição de táxis uma vez que não ficam sob a sua alçada». Em causa, está, assim, a atribuição das novas licenças, entre proprietários individuais e cooperativas.

«Distribuição será equitativa»

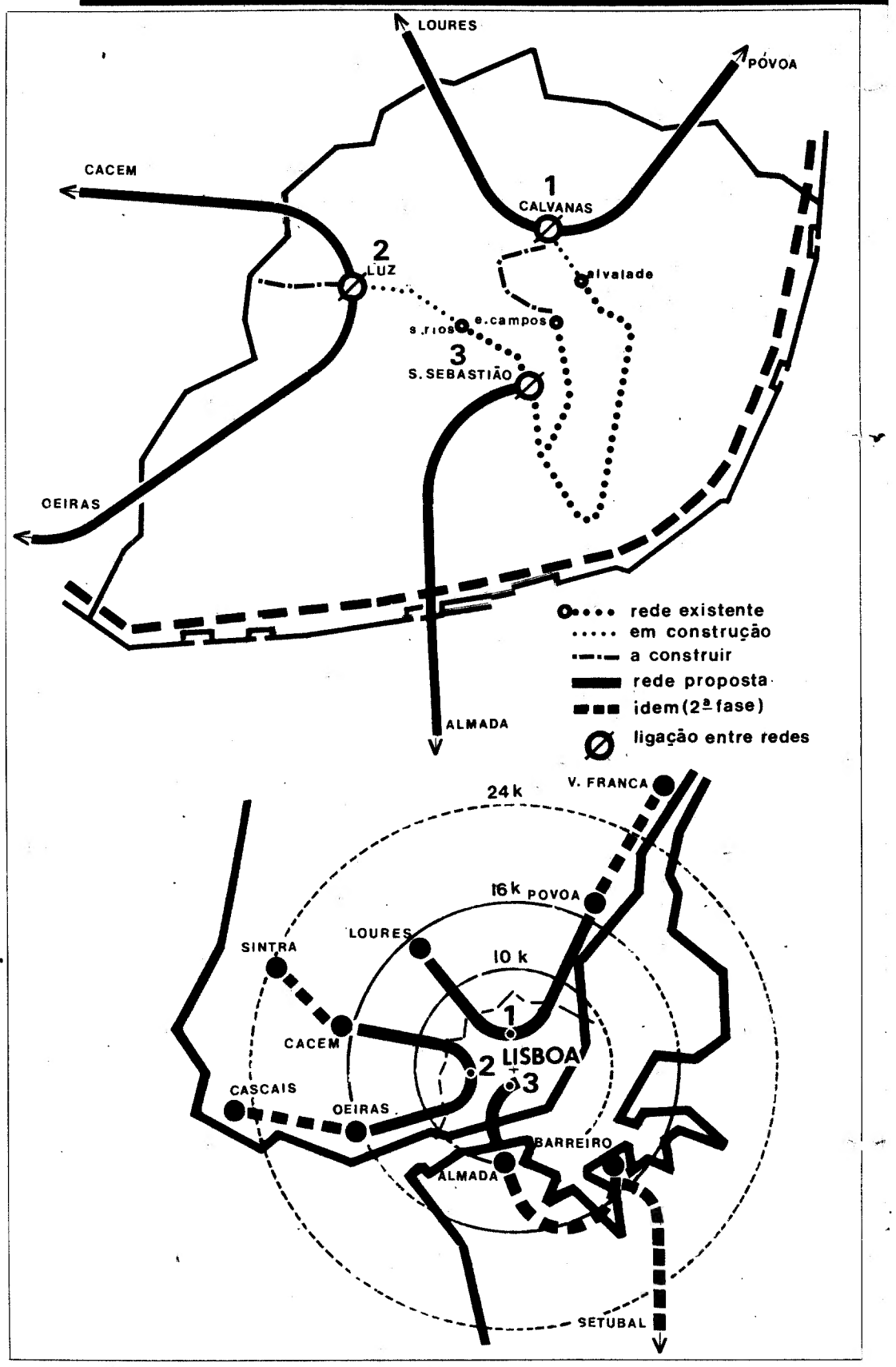
Para o responsável do pelouro do trânsito de Lisboa, Alberto Vila Nova, a atribuição dos novos alvarás, entre proprietários e cooperativas, será equitativa, «sendo priveligiados os motoristas de táxis de Lisboa».

Sobre as críticas formuladas pelo STTRUC aos sucessivos adiamentos da outorga das novas licenças por parte da câmara Municipal de Lisboa, aquele vereador considerou que os alheamentos verificados foram alheios à Câmara, e podem ser considerados naturais dado o processo burocrático que envolvem. «Insisti junto da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres e do secretário de Estado para que as novas licenças fossem atribuídas», explicita Alberto Vila Nova.

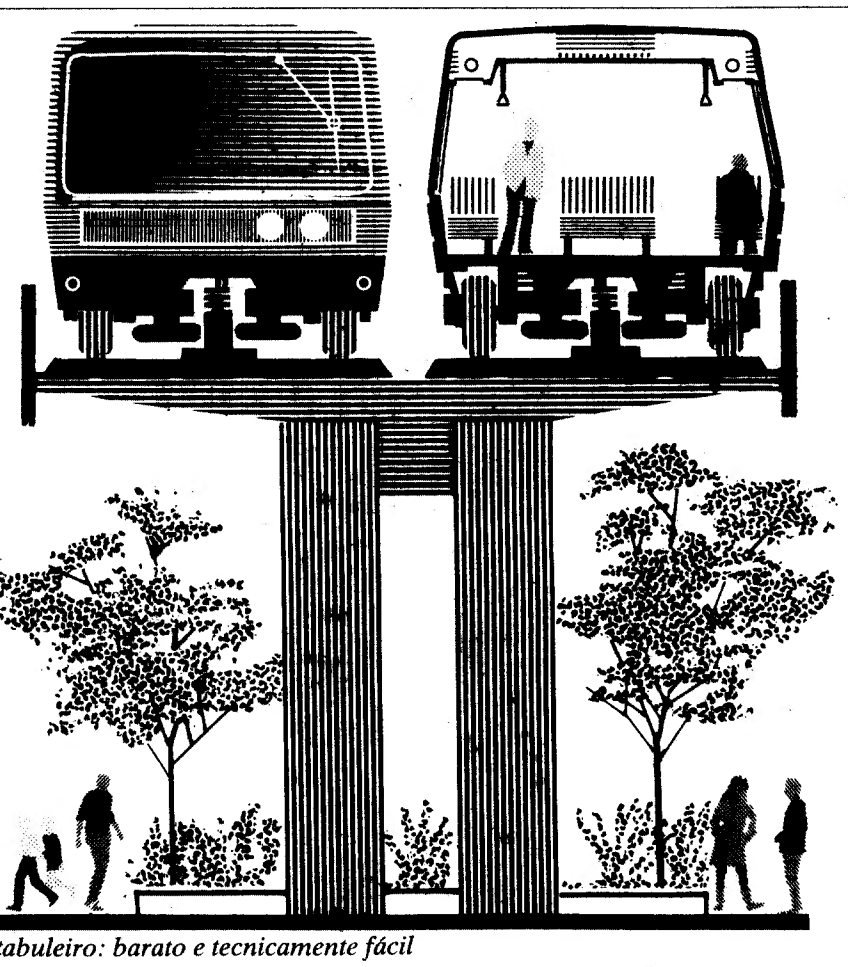
Aquele vereador refuta, igualmente, acusações do presidente da ANTRAL, sobre a atribuição das concessões por «compromissos assumidos anteriormente» e que, na opinião de Martins Carneiro, se teriam sobreposto a um estudo da Direcção-Geral dos Transportes Terrestres. Apesar do «estudo falar da situação difícil dos táxis, e depois do secretário de Estado dizer que estava também preocupado, surge, a seguir, um contigente de 100 novas viaturas».

O responsável pelo pelouro do trânsito sublinha que o compromisso existente não é de ninguém em particular, mas sim da Câmara Municipal, e foi tomado há mais de cinco anos, através de um pedido por escrito dirigido à Direcção Geral dos Transportes Terrestres para a atribuição de novos 200 táxis.

Do número inicial, passou-se a cerca de metade que irão aumentar, «o mais breve possível», segundo Alberto Vila Nova, a frota de táxis que trabalham em Lisboa.

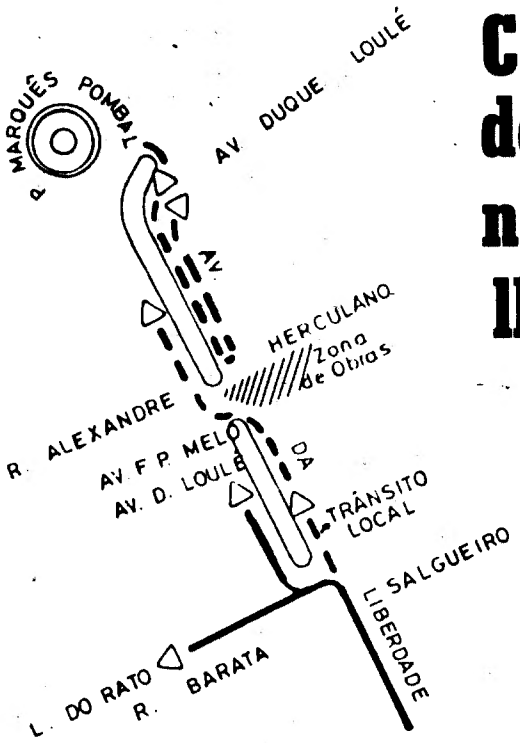


A rede do novo transporte: aproveitar o já existente e ampliar consideravelmente, a preço oito vezes mais barato que o metropolitano



Corte do tabuleiro: barato e tecnicamente fácil

Condicionamento de trânsito: nem a Liberdade lhe escapa



A Avenida da Liberdade vai conhecer, durante a próxima semana, um novo esquema de circulação de trânsito, por via da implantação das linhas de eléctrico na Rua Alexandre Herculano.

Assim, o trânsito que sobe a lateral da avenida com destino à Av. Duque de Loulé, deverá tomar a placa central no cruzamento da Rua Barata Salgueiro. De acordo com a informação da Câmara Municipal de Lisboa, foi ainda necessário transformar a Rua da Sociedade Farmacêutica em impasse para a continuação das obras na Rua Conde Redondo. Por sete dias, o trânsito passará a ser regulado de acordo com o esquema traçado no mapa que publicamos.

"Carris" divulga transportes públicos junto das escolas

Para divulgar à população em idade escolar qual a importância dos transportes públicos, qual o seu esquema de organização na área da Grande Lisboa, como funciona o esquema de passes sociais, quais os diferentes tipos de títulos de transporte e algumas regras para a utilização dos seus transportes, a «Carris» iniciou uma campanha junto das escolas. Assim, durante os meses de Maio e Junho, um autocarro de dois pisos preparado para o efeito, dará corpo aos «Encontros Escola-Carris». No piso inferior do velho HH-97-97 está patente uma exposição sobre transportes e, no piso superior, está instalado o necessário para a realização de palestras e projecções.

Quem acredita que a Câmara resolverá este caos?

Munícipes descontentes apresentam alternativas ao trânsito de Lisboa

Nuno Ribeiro

Constatando que o trânsito na capital é cada vez mais difícil, alguns munícipes e utentes da cidade estudaram planos alternativos. Não se trata, apenas, de uma prova de participação na vida da cidade, no diagnóstico dos seus problemas. Embora de natureza e propósitos diferentes, os dois planos revelam um mesmo sentimento: munícipes e utentes não acreditam que a Câmara resolva os muitos casos do trânsito lisboeta.

«A crise económica não consente semelhante projecto», afirma Carlos Rafael utilizando os argumentos que, contra o seu projecto, certamente se irão levantar. No entanto, como afirma, «a crise existe sim, ao nível das mentalidades, porque senão não haveria crise».

A crise, na sua perspectiva, encobre a «incompetência, a inoperância, a falta de criatividade». E, quando lhe falamos de utopia, responde pronto: «as pessoas quando não querem transformar a realidade, chamam-lhe utopia».

190 mil automóveis

O diagnóstico das dificuldades do trânsito de Lisboa tem como ponto base a constatação de que «dentro da cidade, a relação trabalho-habitação nunca foi considerada». Por isso, as teias de transporte aumentam, apenas por um motivo: o cidadão trabalha, geralmente, do lado da cidade oposto ao da sua residência.

Esta situação não é de hoje. Advém de uma prática de décadas, de uma gestão da cidade, que teve como consequência imediata a terciarização sucessiva de várias zonas da cidade.

Cerca de 300 mil habitantes já foram expulsos para as zonas periféricas e, em nome da rentabilização, criaram-se áreas de circulação difícil durante o dia e de trajecto perigoso à noite. A Avenida da Liberdade é um dos muitos exemplos, a que mais recentemente se poderá juntar o já preocupante caso de Alfama, ocupada por escritórios de transitários. Assim, o chafariz de um largo mal se consegue adivinhar entre um amontoado de automóveis que, dali, fazem parque de estacionamento, criando novos e inéditos congestionamentos de trânsito.

A tradução dos efeitos negativos desta política é, aliás, de fácil constatação. Uma cidade de colinas e ruas estreitas, encontra-se saturada. Não é por acaso que os dois programas têm como ponto chave a resolução dos problemas de trânsito fora da cidade...

A saturação existe, igualmente, ao nível da poluição, e para os que ainda pensam que Lisboa é um «oásis» , basta referir que em Setembro de 82 os valores médios dos fumos negros registados, foram superiores a 300 microgramas por metro cúbico na Rua do Carmo e, na Rua Augusta, chegaram mesmo aos 700. A título indicativo, as médias anuais no Mercado Comum situam-se a 80 microgramas por metro cúbico.

A juntar à poluição, há o consumo de energia, e todas as despesas relacionadas com a circulação de um automóvel. E, se estas hoje já são incomportáveis para um grande número de utentes da cidade, quando diariamente entram e saem da capital 110 mil automóveis, como será quando, em 1988, a este número se juntarem mais 80 mil viaturas?

Oito vezes mais barato

O plano apresentado por Carlos Rafael implica uma total revolução nos meios de transporte tradicionais. Mas, segundo o seu autor é de fácil montagem, e está ao alcance da tecnologia nacional.

Trata-se da utilização de um transporte eléctrico, como o metropolitano, mas tendo em relação a este uma concepção algo diferente: por um lado, através de um rodado pneumático, elimina-se o ruído; por outro, pela adopção de uma carruagem única articulada, evita a perda de espaço que se verifica entre carruagens e vem aumentar para mais de 100 os lugares por viagem.

A construção deste sistema é simples, pois consiste na colocação de um tabuleiro pré-fabricado apoiado sobre pilares de 40 em 40 metros, com afastamento ao solo de cerda de 5/6 metros, deixando livre o espaço inferior para urbanização. E, mais importante de tudo, de acordo com os cálculos do autor, será oito vezes mais barato que o metro: «por cada quilómetro de metro subterrâneo, 1,5 milhões de contos, é possível construir oito quilómetros à superfície».

O novo sistema seria complementar com a rede de metro já existente, através do aproveitamento de três estações, Calvanas - Luz - S. Sebastião. Da primeira, a rede proposta dirige-se a Loures e à Póvoa de Santo Adrião, tendo como destino final Vila Franca de Xira, num troço a ser completado numa segunda fase. Da futura estação de metro da Luz, outros dois ramais abrangeriam as zonas de Cacém e Oeiras, com prolongamentos, respectivamente, até Sintra e Cascais. A este propósito, Carlos Rafael sublinha que «por várias ocasiões, ao longo dos anos, a CP tem referido ser necessário construir um segundo ramal para aquelas linhas, actualmente saturadas». De S. Sebastião, partiria, por fim, outra linha, rumo a Almada, aproveitando o segundo tabuleiro existente na Ponte 25 de Abril. Neste ponto, o trajecto seria prolongado até ao Barreiro e «como 50 por cento das pessoas que trabalham naquela cidade vêm de Setúbal, a linha seria prolongada até esta última.

«A exequibilidade do estudo dependerá de uma manifesta vontade política do Estado e das autarquias abrangidas», sublinha o autor. Estaria, assim, criado um sistema de transporte que, tendo Lisboa como centro, se estenderia, na sua última fase, a 50 quilómetros da capital.

Mas a inovação não existe, apenas, nos trajectos propostos. «As estações, em edifício próprio, dariam lugar a mercados, centros comerciais, cinemas, teatros, ginásios, etc.» Seria assim possível, criar três mil postos de trabalho, pois cada estação funcionaria como um centro integrado de comércio, lazer e interesse público. «Porque não colocar ali uma repartição?» pergunta Carlos Rafael.

De Espanha à Alemanha, este princípio já foi aplicado. Porque não em Lisboa?

Parques temporizados

«Tenho 20 anos de praça e comecei a escrever cartas ao Santos e Castro», relembra Manuel Monteiro Carlos, um taxista que, desde há muito se preocupa com o trânsito na cidade. Em resposta às missivas, «um vereador de então disse-me que eu era um zero no assunto». Mas, inconformado, na memória o exemplo estrangeiro recolhido em algumas viagens, não desarma. A certeza de que, quem anda ao volante de um carro, soma facilmente exemplos e, nos engarrafamentos do quotidiano, tem tempo de sobra para pensar nas soluções.

Assim nasceu uma reflexão conjunta com um técnico de transportes marítimos, Manuel Marques Violante, um Plano de Organização do Trânsito, cuja primeira fase é sugestivamente denominada de «Operação Limpeza». Apesar do empenho, as estruturas municipais deixam passar esta colaboração em branco, não incentivando o trabalho que utentes e munícipes empreenderam por conta e risco.

Como condição para a reorganização do trânsito na capital, os autores defendem a criação de parques às portas da cidade, «com taxas de estacionamento relativamente baixas nas primeiras doze horas, razoáveis nas 24 e extremamente altas nas restantes», de forma a assegurar a rotatividade do estacionamento.

Com a consequente diminuição do tráfego na capital «seria convidativo tomar um dos transportes públicos» que veriam a sua velocidade média aumentada e diminuída a duração da viagem.

Estes parques, a serem construídos junto das vias de penetração mais intensas, Linha de Cascais, até Algés, Sintra, até Benfica, e Vila Franca de Xira, até Moscavide, seriam do «tipo europeu»: vedados, vigiados e iluminados, com instalações sanitárias que permitam ao utente tomar duche e trocar de roupa dispondo de bar com sala de espera e quiosque para venda de jornais e revistas. Para além destes, seriam também criados parques de «zona», usando a cor como identificação e marcação do tempo máximo de estacionamento, de meia e uma hora.

Aliás, as taxas de estacionamento seriam escalonadas atendendo aos objectivos de cada parque, dos edificados no centro da cidade (Praça do Comércio, Restauradores, Campo das Cebolas) aos periféricos já referidos, passando pelos intermédios (S. Sebastião da Pedreira, Praça de Espanha, Areeiro).

Rever a sinalização

O estacionamento dentro da cidade também seria revisto. Nas artérias interiores dos bairros antigos, deveria ser dada prioridade aos moradores, ao passo que na Baixa Pombalina não deveria ser permitido o estacionamento de veículos, com excepção dos habitantes. Ainda neste campo, para além de ser regulado o estacionamento nas ruas de sentido único, com a alternância dos dias pares e ímpares, junto aos mercados da capital deveria ser delimitada uma área para o parqueamento dos utentes de forma a não congestionar as principais artérias.

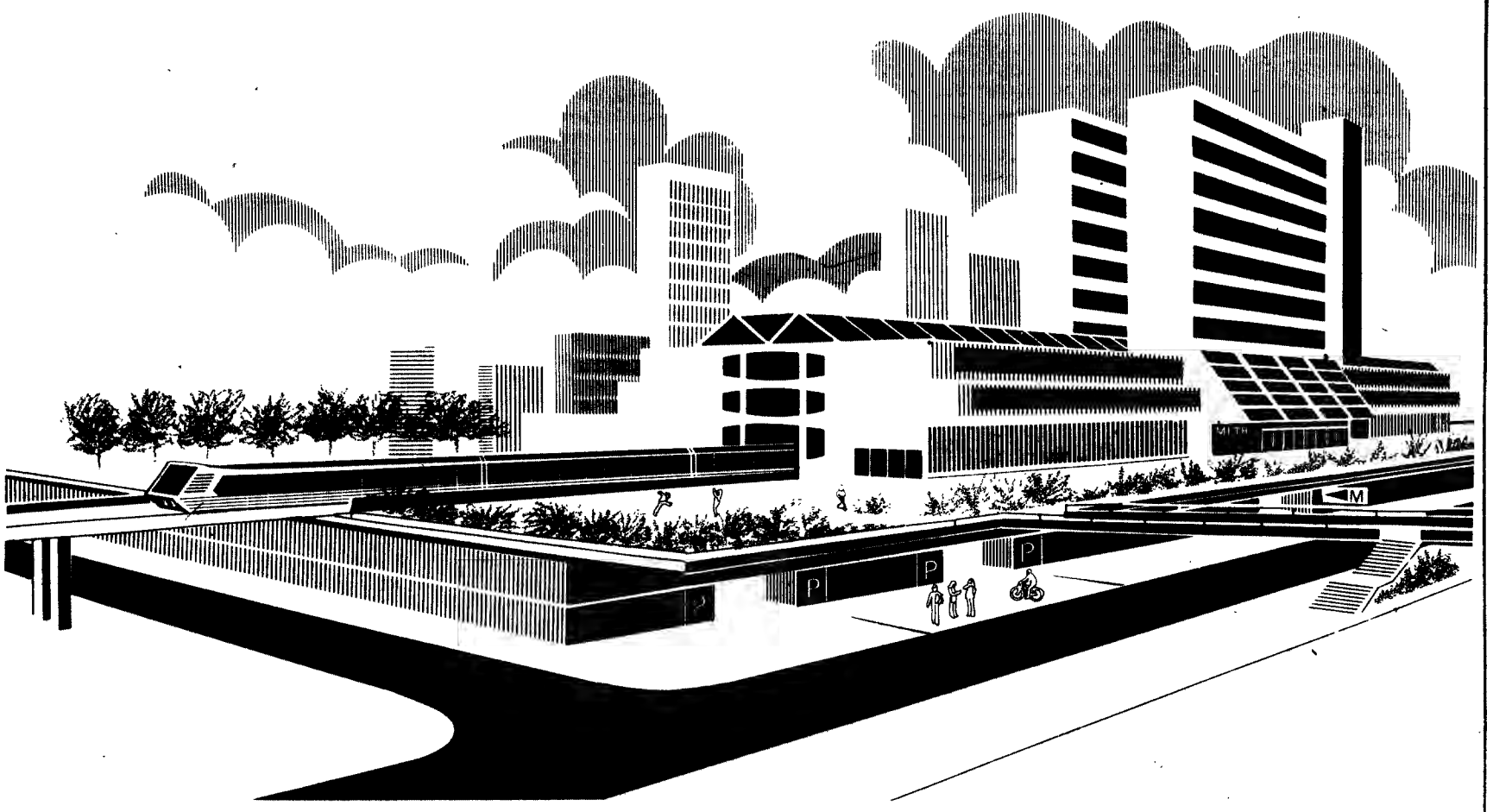
Do mesmo modo, o estacionamento de táxis seria alterado, pela criação de novas praças, e os veículos pesados de mercadorias de aluguer não seriam autorizados a parquearem fora de locais a determinar. «A nosso ver estas praças devem ser localizadas nas zonas periféricas da cidade, operando estes transportes da periferia para o centro», explicam os autores do plano. Também a colocação de contentores de lixo, de tapumes, e dos marcos de cimento, seria revista para salvaguardar uma melhor circulação de peões, não os obrigando a procurarem no asfalto o espaço que lhes está negado nos passeios.

A própria sinalização do estacionamento teria de ser alterada, não permitindo a marcação indevida das placas «ao abrigo do Art.º 14 do Código da Estrada».

Por fim, os transportes públicos de passageiros seriam dotados de um terminal rodoviário, onde todas as empresas fossem obrigadas a aparcar os seus veículos. Por outro lado, a implementação de corredores de transportes públicos a partir de zonas «intermédias», e a diluição das carreiras por vários locais de paragem, facilitariam o trânsito destas, não criando pontos de conflito como ocorre, presentemente, junto de algumas paragens de autocarros.

Este plano, que assenta na actual estrutura de transportes, pretende-a tornar mais eficaz e, pelo interesse e esforço, pela reflexão e estudo das soluções, merece bem mais do que o anonimato a que parece estar votado.

Os dois programas têm horizontes diversos, perspectivas diferentes sobre um denominador comum: a necessidade urgente de combater a situação caótica do trânsito lisboeta.



Exterior de um terminal: unificar a estação com a habitação, escritórios e parques

Viena — capital da espionagem

Peter Humphrey

Reuter (serviços NP)/"DL"

Se você conhecer um segredo, caminhe de modo circunspecto ao longo das avenidas de Viena. Se quiser fugir, apareça num «cocktail» diplomático e talvez consiga um bilhete para Moscovo ou Washington.

Os aliados da Segunda Guerra Mundial (Grã-Bretanha, França, Estados-Unidos e União Soviética) retiraram os seus exércitos de Viena depois de o tratado do Estado austríaco ter sido assinado há 30 anos, a 15 de Maio de 1955, mas deixaram atrás legiões de espiões – afirmam os responsáveis da segurança austríaca.

A Áustria neutral, na orla da divisão Leste-Oeste, mantém o potencial de espionagem do antigo império austro-húngaro que se estendeu até ao que são hoje as nações comunistas da Europa de Leste.

O legado tem sido alimentado pelo fluxo de refugiados do bloco de Leste desde a guerra. Tanto para diplomatas austríacos como estrangeiros, Viena é um óptimo terreno de espionagem, com as suas conferências Leste-Oeste, as conversações e cimeiras sobre armamentos e os organismos das Nações Unidas que aí têm as suas sedes.

Viena tem sido um ponto de encontro de espiões e seus controladores, um local de fuga para dissidentes, um terreno de caça de informações sobre serviços secretos inimigos e cenário de muitos raptos ligados a espionagem.

Nos anos 60, cerca de 50 000 agentes de espionagem, incluindo correios e espiões, operavam na Áustria – dizia-se. Hoje, crê-se que esse número seja muito mais elevado – segundo afirmaram à Reuter diplomatas ocidentais.

Inúmeros escândalos

A cidade tem estado ligada a muitos escândalos de espionagem.

O britânico Geoffrey Prime, preso há dois anos depois de espiar a favor dos soviéticos enquanto trabalhava na sede das comunicações governamentais, no Ocidente de Inglaterra, enviava material para os seus controladores em Moscovo através de contactos em Viena.

Michael Bettaney, um agente do M15 que actualmente cumpre uma pena de prisão de 23 anos, planeava transportar até Viena 50 documentos secretos nos planos da contra-espionagem britânica, mas fracassou por ter sido detido em 1983.

O diplomata norueguês Arne Treholt, actualmente a ser julgado por alegada espionagem a favor dos soviéticos, foi acusado de ter os seus contactos em Viena.

Vadim Ivanov, correspondente da Tass em Viena, foi referido pela Imprensa alemã-federal como tendo fugido do KGB para o Ocidente, depois de desaparecer o ano passado.

Vladislav Bittman, adido cultural checoslovaco e agente dos serviços secretos, fugiu para Bona depois da entrada das forças do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia, em 1968, e revelou os nomes de numerosos espiões austríacos que faziam parte da sua rede.

O antigo chefe da Polícia aliada estrangeira na Áustria, Edgar Berger, foi denunciado em 1980 como espião ao serviço da Roménia, activo entre os exilados romenos no maior campo de refugiados da Áustria.

Seguir a tradição

Outros polícias e funcionários públicos austríacos têm sido desmascarados como espiões a favor da Checoslováquia, recebendo apenas 3000 xelins (cerca de 27 000 escudos) mensais pelos serviços prestados.

Os espiões do pós-guerra seguiram a tradição. O espião britânico Kim Philby disse que foi em Viena, em 1934, que foi recrutado pelo KGB antes de entrar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros e tornar-se agente dos serviços secretos britânicos. Philby, fugiu para Moscovo em 1963.

As grandes potências mantêm grandes delegações em Viena, com três missões separadas – junto da Áustria, das Nações Unidas e das conversações sobre Redução Mútua e Equilibrada de Forças (MBFR).

Mesmo a China, cujo correspondente da agência noticiosa fugiu para o Ocidente em Viena nos anos 70, mantém nesta cidade a sua maior missão na Europa.

As funções diplomáticas são por vezes utilizadas pelos agentes dos serviços secretos para recolher dados sobre personalidades e para detectar espiões inimigos e prováveis fugitivos ou agentes – afirmou um diplomata ocidental.

Com boas relações com as duas superpotências enquanto Estado neutro, é com as idas e vindas de empresários e cientistas de ambos os lados, a Áustria é aproveitada como uma via de transferência de alta tecnologia restrita do Ocidente para o Leste.

Desde que não prejudiquem...

A década que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, quando a Áustria estava sob a ocupação das quatros potências, foi um período particularmente activo de espionagem. Mesmo antigos nazis conseguiram sair de dificuldades servindo um dos aliados como espiões.

A Áustria, um dos poucos Estados que não tem serviços de espionagem, parece hoje pôr-se à margem de todas as actividades desse tipo.

«Podem espiar-se uns aos outros tanto quanto quiserem, desde que não prejudiquem a Áustria» – disse um funcionário da segurança interna.

Em 1956, o Supremo Tribunal decidiu que nem austríacos nem estrangeiros que trabalhem para os serviços secretos são puníveis por essas actividades de espionagem, a menos que violem os interesses vitais da Áustria.

Os políticos têm apelado por diversas vezes a uma segurança mais eficaz, na sequência de notícias sobre raptos e crimes políticos cometidos em Viena por espiões e seus agentes, mas a decisão do tribunal tem-se mantido em vigor.

"Guerra das Estrelas"

Europa resiste

A maioria esmagadora dos delegados parlamentares à sessão de abertura da Assembleia do Atlântico Norte apoiou ontem, em Estugarda, uma resposta única da Europa à Iniciativa de Defesa Estratégica de Washington. Durante a sessão da Primavera da Assembleia Parlamentar da NATO, foi anunciada a oposição à «guerra das estrelas» por delegados de três nações europeus, não especificadas, mas que se presume sejam a França, a Noruega e a Dinamarca, que mostraram reservas ao projecto em anteriores ocasiões.

O chefe da delegação alemã-federal disse que Bona tem interesse em participar na Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI), mas que uma decisão final dependerá da tomada de posição conjunta da Europa Ocidental sobre o assunto.

O ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans-Dietrich Genshcer, disse que a militarização do Espaço contraria a política mundial de desanuaviamento.

Em entrevista a um jornal da RFA, o ministro afirmou que o desanuviamento político não pode realizar-se enquanto se verificar uma corrida para os armamentos espaciais.

O Comité Político da Assembleia emitiu uma recomendação para a limitação da cooperação com Ancara devido a violações dos direitos humanos na Turquia.

À sessão da Primavera da Assembleia da NATO, a decorrer até segunda-feira, assistem 184 parlamentares dos 16 Estados membros da Organização.

«Nada de novo»

O secretário norte-americano de Estado não ofereceu «nada de novo» durante o seu encontro em Viena com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, comentou sexta-feira em Moscovo um alto funcionário soviético.

Vladimir Lomeyko, porta-voz do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, considerou que os Estados Unidos continum a manter uma «atitude negativa» em relação às negociações para a limitação de armamentos que decorrem em Genebra, na Suíça.

Lomeyko criticou globalmente a posição dos Estados Unidos nas referidas negociações durante uma conferência de Imprensa de seis horas em

Uma nova tese sobre o atentado contra o Papa

O atentado do turco Ali Agca contra João Paulo II foi organizado por «aqueles que receavam que o Papa se tornasse um obstáculo ao rearmamento intensivo da Europa Ocidental» — refere o livro «A Pista» lançado em Roma ontem.

Esta tese é defendida pelo advogado francês, Christian Roulet, que, sem citar directamente a CIA — Serviços Secretos Norte-Americanos — acusa da conspiração círculos ultraconservadores dos Estados Unidos.

«A Pista» pretende demonstrar a «inconsistência total» das acusações contra Sergei Ivanov Antonov, funcionário das Linhas Aéreas Búlgaras, acusado de cumplicidade no atentado ocorrido em Roma a 13 de Maio de 1981 e que deverá ser levado a tribunal dia 27.

Roullet reporta-se à origem duma «guerra ideológica» promovida em 1979 pelo ex-secretário norte-americano de Estado, Henry Kissinger, pelo assessor do presidente Carter, Zbigniew Brzezinski, e pelo actual vice-presidente, George Bush.

De acordo com a tese defendida no livro que, diz o próprio autor, constitui uma «contra-investigação», o assassínio do Papa polaco «cuja responsabilidade seria atribuída aos governos comunistas, podia converter-se na chispa para a desestabilização da Polónia e para pôr em marcha uma violenta cruzada anticomunista em todos os países católicos».

O turco que disparou contra o Papa, actualmente a cumprir pena de prisão perpétua, manteve durante mais de dois anos que havia actuado sozinho.

Subitamente, Ali Agca começou a envolver no atentado os nomes de Antonov, de dois outros búlgaros e de quatro turcos, dando início ao caso que passou a ser conhecido na Imprensa como «A Pista Búlgara».

Iraque faz trégu

O presidente iraquiano Saddam Hussein, disse hoje que o seu país observará uma trégua de 31 dias durante o próximo mês do Ramadão e interromperá a sua guerra «por ar, terra e mar» com o vizinho Irão, noticiou rádio Bagdad.

A noticia surgiu pouco antes de as autoridades iraquianas terem anunciado que a sua aviação atacara um «grande alvo naval», provavelmente um petróleiro, junto ao terminal petrolífero iraniano da ilha de Kharg, no golfo Pérsico, e que regressara posteriormente a salvo à sua base.

A rádio Bagdad, citando um comunicado oficial assinado por Hussein, referiu-se à festividade santa muçulmana do Ramadão, que deverá ter início a 20 de Maio, quando se avistar a lua cheia, durante um mês, até ao feriado de Pits, previsto para 21 de Junho.

O comunicado referiu que

Explosão em mina ja

— 61 mortos

Pelo menos 61 mineiros morreram e 29 permanecem bloquados numa mina de carvão subterrânea do Norte do Japão, após uma explosão que se seguiu à concentração de gases nas galerias, anunciou a Polícia.

As autoridades disseram que 22 outros mineiros tinham ficado feridos em consequência da explosão na mina de Yubari, na ilha de Hokkaido.

Adiantaram que as equipas de socorro estavam a encontrar dificuldades em chegar aos mineiros que ficaram bloqueados pelo desabamento da mina e que se encontram a 700 metros de profundidade.

As galerias da mina encheram-se de metano e ruíram após a explosão.

«Houve um grande estrondo, as luzes apagaram-se e enormes nuvens de pó de carvão espalharam-se pela mina», disse um dos mineiros salvos.

Aproximadamente 340 mineiros estavam a trabalhar na mina de Hokkaido na altura do acidente.

Um funcionário da empresa proprietária da mina, a Companhia Mitsubishi, disse que as

Sinn Fein avança no Uls

Sinn Fein, ala política do IRA, conseguiu já 41 dos 566 lugares de vereadores na Irlanda do Norte, o que lhe dá um novo papel na política local, revelaram os primeiros resultados.

Danny Morrison, o número dois do Sinn Fein, afirmou que as eleições forneceram à organização um mandato popular para o seu apoio ao Exército Republicano Irlandês, que desenvolve há 16 anos a luta armada para pôr fim ao domínio britânico naquela província.

Analistas britânicos disseram que o Sinn Fein pode vir a ter um papel nocivo nos Conselhos Locais. O jornal «Guardian» indica que o Sinn Fein tem agora oportunidade «à sua vontade de desestabilizar o Governo e a administração da Irlanda do Norte».

Tal como se previa, o vencedor das eleições de quarta-feira foi o Partido Unionista, a principal força política protestante do Ulster. Mas outras formações de ambos os lados obtiveram ganhos, o que levará a duras confrontações nas 26 câmaras concelhias da província.

AL

e

s-
16
i-

a-
eu
eu
i-
os
a-
n-

a-
os
si-
os
u-
e-
de
m

l-
os
a-
ia
m

que analisou os tópicos das conversações mantidas na passada terça-feira entre Shultz e Gromyko.

O alto funcionário soviético asseverou que os Estados Unidos não manifestaram o desejo de debater de maneira séria a questão da limitação das armas nucleares e a proibição da militarização do Espaço.

Shultz e Gromyko reuniram na Embaixada soviética em Viena para discutir questões de desarmamento e um possível encontro, no último trimestre do corrente ano, entre o presidente norte-americano Ronald Reagan e o líder soviético Mikhail Gorbachev.

A reunião teve lugar durante as celebrações do trigésimo aniversário do restabelecimento da soberania austríaca após 17 anos de ocupação, primeiro pelos nazis e depois pelas Forças Aliadas.

gua

g,
s-
à

m
or
i-
a-
a
a
é
a

e

«foram dadas ordens às tropas iraquianas para interromperem a luta».

«Deixaremos de realizar combates aéreos, marítimos e terrestres a partir de 20 de Maio e durante um período de 31 dias, que terminará um dia depois do Feriado de Pits», dizia o comunicado. Hussein disse esperar que «o inimigo» (Irão) não «tire vantagem desta manifestação de boa vontade para lançar ataques» através da fronteira.

japonesa

-
a
n

.
s
o
e

-
a
-
a
a
-
s

carruagens da mina foram vistas fora dos carris e alguns mineiros mortos tinham aparentemente sido atirados contra as paredes das galerias.

Cerca de 300 familiares e amigos dos mineiros bloqueados passaram a noite junto da entrada da mina, aguardando notícias.

No dia 24 de Abril último 11 mineiros morreram e seis ficaram feridos por uma explosão numa outra mina da Mitsubishi, numa pequena ilha ao largo da cidade japonesa de Nagasaki.

lster

n
-
-
a
e
a
o

-
a
-
e
-
-
s
s

Com 75 por cento dos votos contados, os Unionistas têm 152 lugares, ou 29 por cento dos votos. O Partido Democrático Unionista, uma formação protestante militante, 119 lugares, ou 26 por cento; o Partido Trabalhista e Social-Democrático, um grupo moderado católico, 78 lugares,ou 16 por cento; o Sinn Fein, 41 lugares, ou 10 por cento; e o Partido da Aliança Não-Sectária, 29 lugares, ou sete por cento. Outros pequenos partidos alcançaram 38 lugares, ou 12 por cento. Faltam ainda apurar 187 lugares.

Ajuda dos EUA a Moçambique

Condições propostas são uma "palermice"

— diz Maputo

As condições estabelecidas pelo Senado dos Estados Unidos para conceder uma ajuda de 18 milhões de dólares a Moçambique foram classificadas ontem por um membro do Governo de Maputo como «palermice que não merece comentários».

Falando à agência Notícias de Portugal, este membro do Governo comentava a notícia divulgada em Washington de que o Senado obrigou ao estabelecimento de algumas condições prévias ao empréstimo.

A emenda, proposta pelo senador republicano Jesse Homes representante da nova direita, extremista, obriga a Administração Ronald Reagan a verificar se uma série de condições foi observada antes da concessão da ajuda a Moçambique.

As medidas incluem provas de que o governo do Maputo está a fazer esforços importantes para respeitar os direitos humanos e realizar reformas económicas e políticas, especialmente no que diz respeito à iniciativa e propriedade privada. A emenda obriga também Maputo a reduzir os conselheiros militares estrangeiros, nomeadamente soviéticos, para um total de 55, e a realizar eleições livres até 30 de Setembro de 1986.

Porém, uma ajuda de dois milhões de dólares para ajuda ao desenvolvimento e dez milhões de dólares de alimentos, também propostos por Reagan para Moçambique, não serão afectados pela emenda.

A Administração Reagan propôs para Moçambique uma ajuda total de 30,2 milhões de dólares, sendo 15 milhões para assistência económica e três milhões para comprar armamento.

Namíbia em questão

Um novo plano norte-americano para a independência da Namíbia que já não exige a total retirada cubana de Angola causou ira na África do Sul — revelou na Cidade do Cabo um político conservador dos Estados Unidos, citado pela NP.

Howard Phillips, um político anticomunieta norte-americano de visita à África do Sul, declarou que o regime de Pretória continua a insistir na retirada total de cubanos.

Fontes bem informadas citadas pela Reuter disseram que a proposta de compromisso, apresentada secretamente à África do Sul e a Angola há algumas semanas pelo secretário de Estado assistente, Chester Crocker, falava em retirada parcial dos cubanos.

O vice-ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel, «ficou irado por Crocker ter abandonado os compromissos em relação ao governo da África do Sul» — disse Howard Phillips.

O senador republicano norte-americano Steven Symms foi citado em jornais sul-africanos como tendo declarado em Washington que o plano dos Estados Unidos pedia a retirada de Angola de 12000 cubanos em oito meses.

Em troca, Pretória cessaria o apoio aos guerrilheiros antigovernamentais angolanos da UNITA e retiraria as suas forças da Namíbia.

Em Angola poderiam permanecer indefinidamente 15000 cubanos de acordo com Symms. O departamento de Estado confirmou a existência de um plano de compromisso, mas observou que os números fornecidos pelo senador eram inexactos.

Phillips declarou na Cidade do Cabo que a África do Sul não mostra sinais de abrandar o apoio à UNITA e que o presidente sul-africano, P.W. Botha, fez saber há semanas a Crocker que o plano de compromisso era inaceitável para os sul-africanos.

Mistério nos radares japoneses

O governo japonês continua a desconhecer a sorte do avião soviético que desapareceu dos «ecrans» de radar militares japoneses quando sobrevoava o mar do Japão, disse o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Tóquio.

O informador oficial acrescentou que não foi possível precisar se se tratava de um avião civil ou militar.

O director dos Serviços de Informação do Ministério japonês da Defesa, Shinji Yazaki, disse que o local em que desapareceu o avião soviético se encontrava fora da zona de identificação da Defesa Aérea Japonesa (ADIZ) a qual se estende num raio de 400 a 500 quilómetros ao largo das costas do Japão.

Yazaki disse que os seus serviços «não dispõem de mais informações sobre o avião desaparecido e que as investigações prosseguem».

O porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Yoshio Hatano, disse que o avião não sobrevoava o alto mar, e deixou entender que podia encontrar-se sobre as águas territoriais soviéticas, junto à costa oriental da Sibéria.

Falou-se inicialmente da queda de um avião comercial da companhia soviética Aeroflot entre Primorskly e a ilha de Sacalina, mas estas informações não foram confirmadas, precisou Hatano.

Apoio europeu à Nicarágua depois da viagem de Ortega

O presidente da Nicarágua, Daniel Ortega, declarou ontem ter obtido garantias de apoio em todas as capitais europeias que visitou, mas admitiu que o embargo comercial norte-americano continuará a prejudicar o seu país.

No final de uma viagem de três semanas à Europa, Ortega disse que lideres governamentais em países com diferentes sistemas ideológicos rejeitaram unanimemente as sanções decretadas pelos Estados Unidos contra a Nicarágua.

O embargo foi anunciado pelo presidente norte-americano, Ronald Reagan, durante uma visita à Alemanha Federal, quando Ortega se encontrava na Jugoslávia, no passado dia 1 deste mês.

Além da Jugoslávia, Ortega visitou a União Soviética, outros países da Europa de Leste e cinco Estados da Europa Ocidental.

«Todos estes países mostraram vontade de nos apoiar nestes tempos difíceis, não apenas politicamente, mas com medidas práticas» — frisou Ortega numa conferência de Imprensa, em Estocolmo.

Avião europeu está difícil

A reunião dos ministros da Defesa dos cinco países interessados na construção do futuro avião europeu de combate (EFA) terminou ontem de madrugada sem se ter chegado a um acordo definitivo.

Após nove horas de discussão, os ministros adiaram para a próxima reunião, a realizar a 19 de Junho em Londres, a polémica questão acerca das comparticipações dos cinco países (Grã-Bretanha, França, Alemanha Federal, Itália e Espanha) no projecto.

Os ministros chegaram, no entanto, a acordos sobre outros importantes aspectos do projecto.

Segundo o ministro espanhol Narciso Serra, a discussão da potência do motor foi a mais longamente debatida, já que desta característica depende a maior parte do projecto.

Ficou estabelecido que o avião — que se chamará EFA (siglas inglesas de European Fighter Aircraft) será equipado com um motor inteiramente novo, de uma potência de 84 a 88 quilonewtons o que corresponde a uma vitória das teses francesas, contra a posição britânica, que propunha uma nova versão dos motores actualmente construídos pela Rolls Royce.

Acerca do peso do futuro avião, ficou estabelecido em 9,5 toneladas, com uma margem de 250 quilos, não prevalecendo os pontos de vista da Grã-Bretanha, que queria um avião com mais de 10 toneladas nem da França, que defendia um peso inferior às 9 toneladas.

O ministro espanhol disse que a reunião de Roma «não alcançou os objectivos esperados», mas que continuava convencido de que o projecto «seria em breve uma realidade».

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/5309-1/1, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Carnaxide, concelho de Oeiras, de uma linha mista, a 10 KV, n.º 619/R-8, com 254 metros (parte aérea com 229 metros e parte subterrânea com 25 metros), do poste n.º 3, da linha N.º 619, ao PT n.º 5309, sito na Azinhaga de Queijas-Cerrado das Oliveiras, em Queijas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 9 de Maio de 1985

Pel' O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no "Diário da República", o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo n.º 1/6068-1/2, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de S. João das Lampas, concelho de Sintra, de uma modificação da linha mista, a 10 KV, N.º 781/R-4, com a montagem dum troço misto com 148 metros, parte aérea com 123 m, e parte subterrânea com 25 metros, do poste n.º 7 ao PT n.º 1896.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, em 9 de Maio de 1985

Pel' O ENGENHEIRO DIRECTOR,
João Carlos Oudinot Larcher Nunes

BULGÁRIA
COM UMA NOITE NA SUIÇA

- 2 semanas, incluindo 6 dias no Mar Negro e visitando Varna, Plovdiv, Stara Zagora, Sófia, etc. + uma noite em Zurique
- *Pensão completa, excursões diárias, guia*
- Partidas 18/7, 29/7 e 26/8
- Preços 93 a 96.000$00

Voando com a swissair
Peça programas
AGITURISMO
Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv Op 414

QUARTO ALUGA-SE

Com WC privativo, a menina ou senhora, estudante ou empregada, na margem Sul.
Exige-se rigorosas referências.

Resposta a este jornal ao n.º 11 503.

2 RODAS 2 vezes mais atenção!

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros.

O Texas, terras de aventura

Dallas a conquistadora, o apelo do Rio Grande

Olivier Schmitt Exclusivo Le Monde/DL

Texas: a nordeste, Dallas; a sudeste, o Rio Grande. Aqui, a América é conservadora, negociante, empreendedora. Pelo contrário, o nordeste da América é rural, brutal, perseverante. De uma para a outra a bússola do viajante hesita, a pequena agulha agita-se.

Antes de mais a distância. Enorme. O Texas é tão grande como a França. Depois, o dólar. O Texas é, como toda a aventura americana, hoje e decerto durante muito tempo, uma deslocação dispendiosa. Os orçamentos demasiado pequenos evitam-na a fim de evitar dificuldades.

Pelo preço de um maço de cigarros em França, o francês só lá poderá comprar oito ou nove cigarros. Pelo preço de uma «tee-shirt» só terá direito às mangas. Pequeno-almoço num total médio: 65 francos (aproximadamente 1170 escudos). O **T bone** anuncia 100 francos (6500 escudos). Única consolação: o preço do aluguer de carros. Esse aluguer é relativamente baixo e, embora os automóveis de além-Atlântico gastem muito mais gasolina do que os nossos, ela é duas vezes mais barata.

Então, a caminho. Começando pela cidade que talvez se tenha tornado um mito, Dallas, devido a numerosas horas de choques sórdidos nos pequenos ecrãs do mundo inteiro. Dallas imediatamente porque a cidade farol do Southwest já está a dez horas de Paris, quatro vezes por semana e sem escala, desde que a American Airlines, terceira companhia dos Estados Unidos lançou os seus bons velhos DC 10 ao assalto do Velho — e barato — Continente.

Eles descolam de Orly-sul para aterrar nas pistas do aeroporto de Dallas-Fort Worth, duas cidades absolutamente diferentes, rivais senão opostas, que essa ligação aeroportuária reúne muito enganadoramente.

Dallas é a cidade da infâmia, dizem os americanos, a cidade onde foi assassinado John Fitzgerald Kennedy. Dallas é ainda a série televisiva. «**A city that never should have been**», diz o genérico original.

Uma cidade que nunca devia ter sido uma cidade. Porque, como o diz o guia Fodor, não há ali nenhum rio importante — mesmo que Dallas seja construída a leste do Trinity River, um estreito fio de água que só deu preocupações — nem recursos naturais. Nem ouro nem prata nem petróleo, ao contrário do Oeste mais longínquo ou do Sul próximo.

E, no entanto, Dallas — Big D — existe, e soberbamente. Novo Eldordo dos negócios devido ao seu génio da persuasão e da sua diabólica habilidade para o empreendimento, também se tornou, em ricochete, um importante centro cultural e turístico.

Arquitectura

E, antes de mais, o local de um apaixonante passeio arquitectural. A primeira paragem será o Mongolia Oil Building, hoje sede da sociedade Mobil Oil, construído em 1921 e encimado, desde 1934, por um Pégaso vermelho fluorescente, testemunho de uma arquitectura neoclássica muito americana. Depois virão os anos 50 e uma volta pelos hotéis Hilton e Sheraton, protótipos da arquitectura de vidro e aço. Continuar-se-á com um edifício da mesma época, o Dallas Theater Center, construído em Highland Park pelo genial Frank Lloyd Wright.

Um pequeno chinês que fez escândalo em Paris conseguiu ali a unanimidade devido à sua audácia e ao seu talento.

Finalmente há que citar duas realizações que já marcam ou se preparam para marcar o insolente crescimento de Dallas. O hotel Hyatt Regency, cuja fachada azulada reflecte o conjunto dos arranha-céus do cento da cidade, e que possui uma torre com uma cúpula geodésica que se tornou o símbolo do espírito pioneiro dos locais de Dallas. E Informart, há pouco terminada no nordeste da cidade, obra de Martin Growald e réplica audaciosa do Crystal Palace, de Londres, construído em 1851 por Joseph Paxton a fim de celebrar o modelo britânico da revolução industrial antes de arder, em 1936. Este amplo edifício prepara-se para acolher o mais importante mercado permanente da informática.

Não há arquitectura numa cidade onde não se passa nada.

A noite

Em Dallas, o visitante, seja qual for a estação, pode esperar por tudo. Desporto, com os desafios dos Dallas Cowboys, estrelas do bas-ball, e o torneio de Tennis WCT que reúne os maiores campeões. Música, ópera, teatro, gastronomia. À noite hesita entre a animação ruidosa de Greenville Avenue, mais elegante e estudantil na secção sul, mais popular e até ordinária na secção norte, e as vibrações mais ricas do bairro histórico do West End, recentemente reconquistado pela alta sociedade. Um farol: o clube lançado há dois anos por Philippe Starck, um dos designers do Eliseu, em Paris, clube que tem o seu nome, a sua marca, e que destila aos «nightclubbers» as mais subtis noites de Dallas.

Nos Estados Unidos toda a gente conhece este clube não só pela sua decoração requintada, mas também porque criou uma verdadeira revolução nos costumes do país. Os toilettes do local, que os habitués do café Costes de Paris imaginarão facilmente, são, com efeito, o lugar de encontro favorito da juventude doirada de Dallas, e, embora estejam marcados, à direita pela silhueta de uma mulher e à esquerda pela de um homem, tanto uns como outros os frequentam indiferentemente com conhecimento de todos, embora com grande prejuízo da tradição puritana americana.

Estamos muito longe do outro grande local das noites texanas, o Billy Bob's Texas, a maior sala de espectáculos do mundo onde umas doze mil pessoas podem jantar, jogar, assistir ao concerto de uma glória da música country ou a um rodeo absolutamente autêntico. Meca dos prazeres rústicos, marca exterior da tradição western, em pleno centro da grande rival de Dallas, Forth-Worth, «**lá, onde o Oeste começa**».

O centro da cidade está aqui povoado por alguns arranha-céus. Mas prefeririam restaurar, polir todos os testemunhos de uma história gloriosa, as balizas da aventura para o Oeste. Ao contrário da prestigiosa vizinha, Dallas, «**lá, onde o Leste termina**».

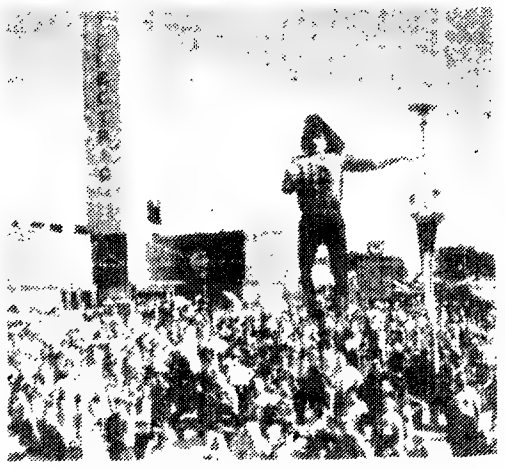
Construída a partir de 1849 num relevo sobre o Trinity River, a cidade foi antes de mais o promontório ideal para vigiar a planície dominada pelos Comanches, logo depois local de encontro dos cow-boys e dos seus animais antes de tomarem o caminho da bolsa de Abilene, no Kansas.

Todo o western passou por Forth-Worth: Buffalo Bill e o seu **West wild show,** Doc Holliday, Butch Cassidy e Sundance Kid. Main Street foi durante muito tempo o campo fechado de choques armados, de alegres noites bem regadas de Jack Daniels antes de partir para o Norte ou de regressar.

Cow-boys

O vestígio mais espectacular e sempre vivo do mito heróico que é, decerto, o mercado dos animais, os Fort-Worth Stockyards sempre em actividade. Claro que as vacas já não são conduzidas pela rua principal, por cow-boys, que se tornaram muito raros. Os criadores levam-nas de comboio. Mas os animais fazem depois o mesmo e eterno percurso no labirinto de bosques que os leva ao beco sem saída que tem por cima uma pequena ponte de onde os compradores fazem a sua escolha.

Não longe daí, todos os actores deste comércio, hoje ferido pela crise agrícola americana, vão



partilhar as suas preocupações ou festejar as suas trocas numa série de saloons, restaurantes e lojas cuidadosamente preservadas.

Fort-Worth, cidade verde e tranquila, soube muito bem misturar os ingredientes que tornam uma cidade acolhedora. Parques, museus, hotéis e restaurantes, nada falha. O momento mais emocionante da descoberta talvez seja uma visita à Sid Richardson **Collection of Western Art,** na Main Street.

Este magnate do petróleo reuniu as obras principais de dois pintores western, Frederic Remington e Charles Russel.

Charles Russel, de origem mais popular, também era criador de carneiros e especialista das longas transumâncias de gado. Nascido em 1864, testemunhou todas as transformações do Oeste, e activamente, visto que nunca se separava dos seus lapis e das suas aguarelas, as suas obras, talvez menos convincentes do que as de Remington, são, no entanto muito atraentes e reveladoras até à emoção de um amor encarniçado pela planície. **Utica** (1907) será a melhor porta aberta para o sonho, antes de ele pintar, a Sudoeste do Texas, os heróis do eterno Oeste.

Alguns começam por San Antonio, a cidade mais autêntica ou considerada como tal pelos texanos. Os acasos da vagabundagem levaram-nos mais para Oeste, a Odessa (uma hora de avião).

Para grande gozo das hospedeiras da companhia aérea, que não percebiam o que viajantes franceses podiam ir fazer àquele «buraco». Em redor a planície é rasa, amarela, semeada de «girafas» negras e mecânicas que balizam os poços de petróleo. Paisagem infinitamente triste que o seu exotismo industrial salva. Não é de certo um objectivo de viagem

O deserto

Antes o será a última etapa antes do deserto, o último centro comercial onde se pode fazer compras antes de tomar a estrada do Sul, a que leva ao parque nacional de Big Bend, pouco conhecido e, no entanto regado ou, mais justamente, parcimoniosamente irrigado por um rio lendário, o Rio Grande.

Big Bend vai buscar o seu nome a um ângulo recto desenhado pelo rio no relevo escarpado do deserto Chihuahua, perto de uma curiosa e rebelde cadeia de montanhas, os Chisos. Essa cadeia, o rio, e entre ambos a planície árida e desértica são os três elementos do parque nacional que fez de si um cartão de visita: «**Três degraus para o céu**», um céu quase sempre azul e soberbamente estrelado de noite, promontório favorito dos astrónomos.

Aqui chove muito pouco e não podemos verificar uma história muito bela: há mais de um século, um cow-boy mexicano descrevia Big-Bend como «**a região onde os arco-íris esperam pela chuva**» «Em França aparecem com a chuva ou depois dela. Ali, parecem alimentar-se de nuvens ameaçadoras que raramente estalam e das águas projectadas na atomosfera quente, pelo rio, de vez em quando apertado em vertiginosas paredes minerais de canyons com nomes espanhóis: Santa Helena, Mariscal e Boquillas. Outros tantos rápidos que os mais valentes descerão num desporto cada vez mais popular, o **rafting.**

É certo que depois de longos passeios nas florestas do Chisos, um percurso entre os cactos floridos da planície e as centenas de espécies vegetais e animais que aproveitam a menor gota de água para existir, enfeitando-se de cores inesperadas, o apelo do rio Grande torna-se demasiado forte.

Os índios

Banhamo-nos então nas suas águas tépidas, com limos. Entre dois rápidos, suficientemente lentos para não serem assustadores, saltamos do barço para nadar sem esforço numa corrente revigorante. E depois talvez vamos ao outro lado, ao México, por um desses múltiplos canyons que correm entre paredes de rochas, e onde teremos a sombra e a frescura, e também a certeza de estar longe de tudo e de todos, o tempo dessas pequenas paragens absolutamente irreais sem as quais o viajante não poderia pretender ter, na realidade, partido.

Dallas, Forth-Worth e os seus cow-boys, os grandes espaços, o anel texano não seria fechado sem um gancho não longe dos territórios índios, onde a história de povos autóctones se deteve nas paredes dos fortes da prestigiosa cavalaria americana.

Na linha que, de San António a El Paso protegia as conquistas americanas dos ataques índios, por que não escolher Fort-Davis, na encruzilhada das pistas dos Comanches, a noroeste, e dos Apaches, a oeste?

Posto-chave do sistema de defesa do Texas, este forte foi construido em 1854 quando um número cada vez mais importante de imigrantes vindos de Leste se instalavam na região e reclamavam a protecção do exército. Mais tarde seriam construídos os fortes de Hudson, Lancaster, Stockton e Quitman, de ambos os lados de Fort-Davis.

Se com os índios os incidentes foram raros, a guerra civil fez voar essa linha em estilhaços, e os fortes foram abandonados às tropas dos Estados confederados, em 1861.

Destruído pelos Apaches depois da partida destas tropas no fim da guerra, Fort-Davis foi reconstruido em 1867 e tornou-se a base das guerras constra os Apaches até à rendição de Gerónimo, em 1886. Do primeiro forte só restam alguns vestígios dos alicerces.

Do segundo, construído entre 1867 e 1891, foram aproveitados numerosos edifícios cuidadosamente restaurados, depois de, em 1961, o Congresso ter inscrito o forte ao serviço dos parques nacionais. Assim, a visita tornou-se apaixonante, do hospital à casa do comandante, ao som, reconstituído, dos ruídos e das vozes das tropas, difundidos por altifalantes.

Termina então, na magnífica simplicidade das montanhas de Davis, a viagem ao coração da América, tantas vezes contada no cinema mas nunca com a força, a alacridade e a emoção que um contacto real, mesmo efémero, permite.

Protocolo automóvel concluido com a CEE

Portugal e a Comunidade Europeia chegaram por fim a acordo sobre as questões ainda pendentes relacionadas com o protocolo automóvel e aplicação da cláusula das indústrias novas, informou a NP de Bruxelas.

O acordo sobre ambas as questões, que não estão directamente ligadas às negociações de adesão na medida em que dizem respeito à gestão do acordo Portugal/CEE (embora os seus efeitos se prolonguem para além da adesão), foi obtido na passada quarta-feira.

No caso do protocolo automóvel, cujo regime geral tinha já sido acordado no final do ano passado para entrar em vigor no princípio deste ano, estava em causa determinar a taxa de crescimento aplicada às quotas de importação concedidas em 1984 a cada uma das marcas, taxa essa que determinará os limites de importação de veículos desmontados que vigorarão em 1985.

A delegação portuguesa tinha de início sugerido que essa taxa de crescimento fosse fixada em 8,64 por cento, tendo agora acabado por aceitar que ela se situe em 14 por cento.

Durante o longo processo de discussões técnicas sobre o assunto, sobressaiu a oposição dos italianos (Fiat) em relação ao número avançado pelos negociadores portugueses, os quais não estariam satisfeitos com as potencialidades de penetração no mercado português que o mesmo lhes conferia.

Défice externo reduzido à custa das importações

O défice das trocas comerciais de Portugal com o exterior desceu 49 por cento em dólares, no primeiro trimestre deste ano, relativamente a igual período de 1984 — informou ontem o Instituto Nacional de Estatística.

Esta melhoria do resultado global do comércio externo explica-se pela quebra em dólares das exportações, de 2,6 por cento, e uma muito mais forte contenção das importações, que diminuíram 19,3 por cento em três meses, relativamente ao primeiro trimestre do ano passado, sempre aferidas em dólares.

Em escudos, o saldo negativo diminuiu 32,8 por cento, o que reflecte uma significativa melhoria comparativamente com os decréscimos registados nos primeiros trimestres dos dois anos anteriores: 8,7 por cento em 1984 e 1,8 por cento em 1983 — salienta o INE .

No período considerado as exportações portuguesas contabilizadas em escudos, aumentaram 30 por cento, para um total de 228,750 milhões de contos, enquanto as importações cresceram apenas 7,3 por cento (295,553 milhões de contos).

A taxa de cobertura das importações pelas exportações foi, assim, de 77,4 por cento, contra 63,9 e 49,7 em períodos homólogos de, respectivamente, 1984 e 1983.

Nas suas trocas com o exterior, Portugal continua a apresentar saldos positivos com a CEE (13,3 milhões de contos), efta (11,6 milhões de contos) e países africanos de língua oficial portuguesa (3,6 milhões de contos) e défices com os países da OPEP (49,7 milhões de contos), Estados Unidos (13 milhões de contos) e Espanha (9,5 milhões de contos).

Entretanto o ministro do Comércio Externo, Ferreira do Amaral, disse ontem que as exportações para os Estados Unidos (o principal credor de Portugal, junto com os países fornecedores de petróleo dado que nos vende muito mais do que compra) têm perspectivas de aumentar por gozarem de uma imagem de qualidade no mercado.

Ferreira do Amaral falava em Lisboa depois da cerimónia em que lhe foi entregue a proclamação do «mayor» da cidade de Nova Iorque1 Edward Koch, com que foi distinguida a «Semana Portuguesa» realizada maquela cidade de 22 a 26 de Abril.

A «Semana», promovida pelo World Trade Center com o apoio do ICEP — Instituto do Comércio Externo Português, de do IAPMEI — Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas Industriais — constituiu uma mostra de produtos de 75 empresas portuguesas tendo em vista maior penetração das exportações no mercado norte-americano.

O ministro do Comércio e Turismo referiu que as exportações portuguesas para os Estados Unidos cresceram de forma «espectacular» no ano passado e que essa tendência deverá prosseguir dada «a boa imagem» dos produtos portugueses naquele mercado.

«Os importadores norte-americanos foram unânimes em afirmar que o produto português tem vindo a subir de qualidade» — frisou.

Portugal: um automóvel por nove pessoas

Portugal tem um parque automóvel composto por 1106 mil automóveis ligeiros e 357 mil comerciais o que corresponde a um veículo por cada nove habitantes, foi ontem revelado pela Associação do Comércio Automóvel de Portugal (ACAP).

Num congresso de três dias que vai reunir em Lisboa 100 representantes do comércio automóvel em todo o mundo os comerciantes portugueses fazem uma abordagem da situação da venda de automóveis e peças sobressalentes em que afirmam que ele «reflecte com grande clareza o investimento em Portugal».

Em Portugal estão filiados 400 importadores de peças para automóveis que vendem «por grosso» e 1250 retalhistas.

No seu conjunto abastecem cerca de 4000 oficinas de automóveis legalizadas.

A industria electrica e electrónica exporta mais de metade da produção

A indústria eléctrica e electrónica exportou no ano passado mais de metade dos bens produzidos pois, da facturação total de 106 milhões de contos, 60 milhões foram exportados e convertidos em moeda forte.

Segundo o presidente da Associação Patronal do sector, a ANIMEE, essas exportações orientam-se, especialmente, para o Mercado Comum Europeu, nomeadamente Alemanha Federal, França e Grã-Bretanha.

Estes dados foram revelados pelo presidente da ANIMEE, Morais Gomes, durante o quarto Encontro Nacional para o Desenvolvimento das Indústrias Eléctricas e Electrónicas (ENDIEL), que está a decorrer no Porto, com a presença de uma centena de industriais.

Para aquele empresário, apesar do dinamismo deste sector industrial e do seu forte contributo para o equilíbrio da balança de pagamentos, «existe uma total ausência de estímulos ao investimento em áreas tão importantes como a inovação e o desenvolvimento» que são vitais para o sector manter a sua capacidade competitiva no mercado internacional.

Para Morais Gomes, o valor das exportações e da produção do sector poderia ser aumentado significativamente caso Portugal não fosse o país europeu que menor investimento consagra às áreas prioritárias e fundamentais de inovação e desenvolvimento — apenas 0,35 por cento do Produto Interno Bruto.

Com investimento de um milhão de contos

BPSM inaugurou teleprocessamento

O sistema bancário português está atrasado em relação aos seus congéneres europeus entre 20 e 30 anos, disse ontem à ANOP, Licínio Cunha, do Banco Pinto & Sotto Mayor.

O atraso na «bancarização» do sistema português, segundo Licínio Cunha, verifica-se na ainda muito escassa utilização dos cheques como meio de pagamento e no número de agências «per capita» que, em Portugal, oscila entre uma para quatro mil a quatro mil e quinhentas pessoas, quando na Europa Ocidental, a proporção é de uma agência para 1500 a 2000 pessoas.

Licínio Cunha admitiu, contudo, que este atraso pode ser recuperado até ao final da década com investimentos na informatização, exemplificando com o Banco Pinto & Sotto Mayor que quarta-feira inaugurou o seu centro informático em Lisboa, com a presença do secretário de Estado do Tesouro.

O sistema de teleprocessamento do BPSM contempla um investimento superior a um milhão de contos permitirá que, até ao final de 1986, todas as agências do banco estejam informatizadas.

Os clientes – disse – terão a possibilidade de controlar directamente as suas contas, o que eliminará demoras no atendimento, aumentará a rapidez das operações de pagamentos e diminuirá os custos dos bancos.

As operações feitas por teleprocessamento são, com efeito, mais baratas três a quatro vezes do que quando efectuadas por cheque normal, referiu aquele elemento do BPSM.

Licínio Cunha, admite que a utilização do novo sistema será gradual e encontrará algumas resistências face ao baixo índice escolar da população portuguesa, mas admite que mesmo atingindo apenas 30 por cento dos clientes, já será compensador.

Fibras ópticas para os CTT/TLP

Os CTT/TLP são um exemplo para as outras empresas públicas quanto ao que deve ser feito para o desenvolvimento do País – afirmou ontem Carlos Melancia, ministro do Equipamento Social, na cerimónia de assinatura de um contrato-programa entre os CTT/TLP e a Cabelte (Cabos Eléctricos e Telefónicos) que se realizou no Porto.

O montante global do contrato-programa, para o fornecimento de fibras ópticas aos CTT/TLP durante o período de 1986/1988, é de cerca de 50 000 contos.

Nelson Quintas, presidente do conselho de administração da Cabelte disse à ANOP que a assinatura do contrato-programa permitirá à empresa uma maior projecção «a nível nacional e internacional».

Nos termos do contrato, a empresa de cabos eléctricos e telefónicos deverá assegurar o fornecimento de fibras ópticas segundo as especificações técnicas que forem determinadas pelos correios. Prevê-se, ainda, que venha a satisfazer eventuais necessidades adicionais daquela empresa pública.

No clausulado do contrato a Cabelte obriga-se também a fazer esforços para uma maior incorporação nacional nas fibras ópticas, de forma a que – acrescenta-se: «a fibra óptica venha a adquirir características de produto nacional».

O contrato envolve o fornecimento anual durante o período de três anos, de cem quilómetros de fibras ópticas.

O administrador dos CTT/TLP , Guimarães Fernandes, classificou o contrato-programa como uma etapa importante no desenvolvimento dos sistemas de telecomunicações, sublinhando «ter de se apostar na eficiência e na qualidade».

Mais semi-reboques para os EUA

Uma empresa fabril do Barreiro embarcou ontem 90 semireboques para os Estados Unidos no navio dinamarquês «Mercandian Suppleir II». Trata-se da segunda remessa de um contrato de 1800 unidades semi-reboques no valor de 4 milhões de contos.

A ARB-Auto Reconstrutora do Barreiro construiu também e embarcou naquele navio um conjunto industrial de transporte de areia, pirites ou cereais directamente para o subsolo. Esta empresa com instalações fabris no Barreiro e no Porto tem 240 trabalhadores.

Madeira quer protocolo no tratado

O Governo madeirense vai apresentar ao Governo da República uma proposta de protocolo anexo ao acto de adesão de Portugal à CEE, disse ontem à ANOP fonte oficial.

A proposta será apresentada segunda-feira, em Lisboa, numa reunião que o secretário regional do Plano, Miguel de Sousa, terá com o ministro das Finanças, Ernâni Lopes.

A proposta refere-se exclusivamente ao caso específico das regiões autónomas da Madeira e dos Açores.

O Governo pretende, também, acordar com o Ministério das Finanças a fixação de uma quota afecta à região nos instrumentos financeiros da CEE, FEDER e FEOGA.

Na reunião com Ernâni Lopes, Miguel de Sousa solicitará também «urgência na aprovação dos diplomas propostos pelo Governo da Madeira e relativos à implementação da zona franca da madeira e centro bancário «off-shore».

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	68$02	74$20
ALEMANHA FED (marco)	55$55	56$65
ÁUSTRIA (xelim)	7$85	8$05
BÉLGICA (franco)	2$597	2$797
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	124$80	126$80
(notas de 5 a 1000)	125$30	127$30
DINAMARCA (coroa)	15$45	15$45
ESPANHA (peseta)	$937	1$057
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	171$85	173$85
(notas de 5 a 1000)	172$35	174$35
FINLÂNDIA (marka)	26$70	27$30
FRANÇA (franco)	18$30	19$00
HOLANDA (florim)	49$20	50$20
IRLANDA (libra)	174$85	178$85
ITÁLIA (lira)	$079	$089
JAPÃO (iene)	$658	$693
NORUEGA (coroa)	19$30	19$80
REINO UNIDO (libra)	217$05	221$05
SUÉCIA (coroa)	19$25	19$85
SUÍÇA (franco)	66$00	67$10
VENEZUELA (bolívar)	11$10	12$10

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Futebol: campeonato

Sporting espera Boavista outros quase desesperam

Quando apenas faltam três jornadas para terminar este campeonato número 51, está, desde o passado domingo, encontrado o titular do lugar central no pódio. F. C. do Porto justo campeão já que inquestionavelmente se revelou ao longo do torneio como equipa de superior gabarito. Dúvidas continuam sobre quem serão o segundo e terceiro classificados já que, mau grado o avanço dos sportinguistas, poderá suceder que venha a ser ultrapassado pelo seu rival da Luz nesta «rampa final». Para que isso possa, no entanto, suceder, o Benfica teria que pontuar seis pontos nos três encontros e o Sporting perder um jogo e, naturalmente ser derrotado no confronto a realizar no palco de Carnide.

Outra questão finca-se nos lugares «europeus» onde o Boavista e Portimonense são únicos candidatos e estão separados por um pontinho».

Complicadas estão as coisas no funda da pauta onde seis clubes se situam abaixo dos 23 pontos, por conseguinte sob a ameaça da descida. Mas vejamos o programa da «ronda» de amanhã: em Alvalade o Sporting espera pelo Boavista num jogo que se prevê bastante emotivo e que será dirigido por Miranda Dias (Coimbra); o Vizela receberá os novos campeões com o lisboeta Sepa Santos na coordenação do jogo; em Penafiel estará presente o Benfica, cabando a direcção do encontro a Santos Ruivo (Santarém) e o Portimonense visitará Braga (árbitro Vítor Correia — Lisbia). Na série em que intervêm os «aflitos» temos os seguintes confrontos: Farense - Académica (Rosa Santos, de Beja), Salgueiros - Guimarães (João Rosa, Évora), Varzim - Vitória de Setúbal (Alder Dante, Santarém) e Belenenses - Rio Ave (António Costa — Viana do Castelo). Uma jornada com vários pontos quentes.

Cameponato Nacional da II Divisão — Zona Norte: Fafe -Lixa, Ezequiel Feijão (Setúbal); Valonguense - Famalicão, Sá Pereira (Viseu); Sporting de Espinho - Lourosa, Francisco Passeiro (Lisboa); Chaves - Sanjoanense, Ramiro Santiago (Coimbra); Farense - Paços de Ferreira, Carlos Esteves (Lisboa); Tirsense - Aves, Veiga Trigo (Beja); Gil Vicente - Leixões, Mário Luís Santarém); e Felgueiras - Marco, Vitorino Gonçalves (Aveiro). **Zona Centro**: Águeda - Estarreja, José Alves (Braga); Peniche -Torriense, Gil Rosa (Setúbal); Marinhense - O Elvas, Fortunato Azevedo (Braga); Alcobaça - Covilhã, Hernâni Silva (Porto); Benfica de Castelo Branco - Guarda, Xavier Oliveira (Porto); Estrela de Portalegre -União de Leiria, Carlos Valente (Setúbal); Mangualde -Caldas, Francisco Gonçalo (Braga); e Beira-Mar - União de Coimbra, Azevedo Duarte (Braga). **Zona Sul**: Torralta -Cova da Piedade, Fernando Costa (Lisboa); Sesimbra -União, Joaquim Gonçalves (Porto); Estoril - Atlético, Silvério Patéiro (Évora); Estrela da Amadora - Barreirense, Isodro Santos (Porto); AMítimo -Lusitano de Évora, Aníbal Pereira (Porto); Montijo - Odivelas, José Vassalo (Santarém); Amora - Nacional, Raul Ribeiro (Aveiro); e Olhanense - Campinense, António Galrinho (Setúbal).

Campeonato Nacional da III Divisão — Série A: Vieira -Merelinense, Carlos Carvalho (Porto); Ponte da Barca - Moreirense, Júlio Bastos (Coimbra); Vianense - Esposende, Amorim Silva (Porto); Macedo de Cavaleiros - Monção, Manuel Nogueira (Porto); Valenciano -Montalegre, Soares Dias (Porto); Taipas -Neves, Artur Pinto (Porto); e Mirandela -Bragança, Ribeiro Santos (Vila Real). **Série B**: Infesta - Régua, Evaristo Carvalho (Viana do Castelo); Vilanovense - Paivense, Adão Mendes (Braga); Ermesinde - São Martinho, Rocha Silva (Braga); Valadares Oliveirense, Marques Lucas (Coimbra); Cucujães - Freamunde, Carlos Rebelo (Coimbra); União de Lamas - Esmoriz, Agnelo Alexandre (Santarém); Paredes - Amarante, Agostinho Santos (Leiria); e Ovarense - Trofense, João Gonçalves (Viana do Castelo). **Série C**: Anadia - Mealhada, Ramiro Viana (Braga); Seia - Penalva do Castelo, Santos Luís (Coimbra); Santacombadense -Académico de Viseu, Fernandes Pereira (Braga); Belmonte -Poiares, Celestino Alexandre (Vila Real); Lusitano de Vildemoinhos - Naval, João Mesquita (Porto); Viseu e Benfica -Tondela, Américo Santos (Porto); Os Marialvas — Gouveia, Magalhães Monteiro (Porto); e Luso -Oliveira do Bairro, Sérgio Miranda (Viana do Castelo). **Série D**: Almeirim - Rio Maior, Fernando Rodolfo (Lisboa); Alferrarede -Paroquial de Fátima, Manuel Varandas (Évora); Guiense - Portalegrense, Frederico Lourenço (Lisboa); Lousanense - Alcains, Joaquim Grilo (Aveiro); Nisa e Benfica -Os Nazarenos, Bento Marques (Évora); Mirense - Sport Lisboa e Marinha, Fernando Correia (Lisboa); União de Tomar -Bombarralense, António Jorge (Setúbal); e União de Santarém -Eléctrico de Ponte de Sor, Manuel Melo Angra do Heroísmo). **Série E**: Lusitânia - Vialonga, António Santos (Castelo Branco); Samora Correia -Águia Desportivo, Francisco Caroço (Portalegre); Cacém -Charneca, Manuel Dória (Funchal); Sport Lisboa e Olivais -Tires, Alexandre Afonso (Faro); Sacavenense - Olivais e Moscavide, José Filipe (Faro) Campomaiorense - Oriental, João Santana (Santarém); Santa Clara - Vilafranquense, Rodrigues Silva (Guarda); e Almada -Marinhais, Serafim Alvito (Évora). **Série F**: Louletano -Alvorense, José Alves (Lisboa); Aljustrelense - Santiago de Cacém, Monteiro Alves (Lisboa); Estrela de Vendas Novas - Silves, Alfredo Basílio (Lisboa); Juventude - Esperança de Lagos, José Crujo (Beja); Quimigal - União de Montemor, Fernando Canejo (Ponta Delgada); Comércio e Indústria -Moitense, Pernes Salvador (Lisboa); Vasco da Gama - Beja, Martins Ferreira (Lisboa); e Lusitano de Vila Real - Quarteirense, Carlos Pebre (Lisboa).

Vitinha renovou

O médio **Vitinha**, que no final da época terminava o contrato com o Vitória de Setúbal, renovou por mais duas épocas com o clube sadino. O Vitória está interessado em **Kostov**, do Sporting e em **Ademar** do Futebol Clube do Porto, com quem já estabeleceu contactos.

O avançado dinamarquês **Allan Petersen**, que quinta-feira chegou a Portugal, deverá na próxima época integrar o plantel sadino, dado que agradou à equipa técnica do clube no seu primeiro treino no Estádio do Bonfim.

Cajuda regressa ao Olhanense

O actual adjunto de Fernando Mendes (no Farense), **Manuel Cajuda**, será o novo técnico da equipa de futebol do Olhanense, a partir da próxima época.

Manuel Cajuda iniciou-se como jogador no Olhanense, tendo-se transferido para o Farense em 76/77, onde se manteve como jogador até à época 82/83.

O contrato entre o Olhanense e o seu ex-jogador, é de 3 épocas, tendo Cajuda indicado já à direcção do clube uma lista de possíveis reforços.

Carlos Brito vai assinar pelo Salgueiros

O avançado **Carlos Brito**, cujo contrato com o Boavista termina esta temporada, vai assinar por três épocas com o Salgueiros — revelou Manuel Silva, chefe do departamento de futebol salgueirista.

Carlos Brito, 21 anos, com uma internacionalização pelas «esperanças» e três pelos juniores, ingresssou no Boavista na época de 1980-81, depois de ter representado o Progresso da primeira distrital durante três anos. O mesmo resonsável garantiu ainda que o guarda-redes **Madureira** foi cedido, definitivamente, pelo Boavista ao Salgueiros, depois de o clube ter emprestado o jogador no início da época.

Futebol de salão: Portugal vai ao «Mundial»

Portugal vai participar no Segundo Campeonato Mundial de Futebol de Salão, que se realiza em Espanha de 18 a 27 de Outubro.

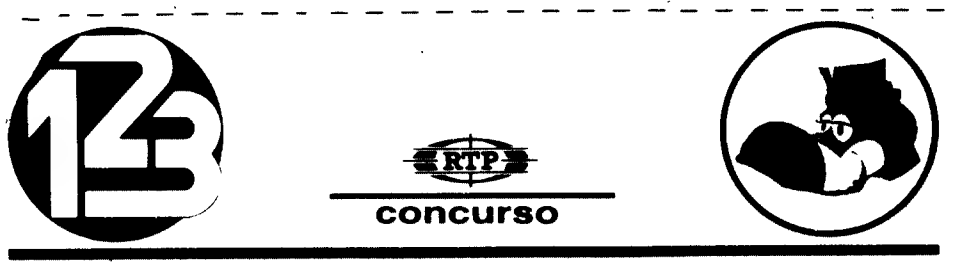
Nos primeiros dias, joga-se uma fase eliminatória com a participação das doze equipas e depois uma fase semifinal, com seis equipas. As selecções participantes no Segundo Campeonato de Futebol de Salão foram seleccionadas por razões de «nível profissional ou convite», afirmou o presidente da Federação Espanhola de Futebol de Salão.

Espanha, Checoslováquia, Holanda e Portugal são os quatro países europeus cuja presença já está confirmada. O Brasil, como primeiro campeão mundial, Argentina, Uruguai, Paraguai e Estados Unidos, são os países representantes do continente americano. O Japão representará a Ásia e Austrália participa em representação da Oceânia.

O traço de Pargana

Atlético tem novo presidente

Para suceder a Manuel Eira Jacinto, os associados do Atlético Clube de Portugal elegeram ontem o seu futuro presidente votando em **Diamantino deJesus Correia.** Durante a sessão que ontem decorreu na sede da colectividade foram abordadas e resolvidas outras questões de interesse com relevância para a análise de processos disciplinares aplicados a alguns sócios e votação do relatório e contas. Manuel Eira Jacinto viu aprovado um voto de louvor e Joaquim Santos Vaquinhas vai continuar como associado não sendo aprovada, como certo sector pretendia, a sua expulsão. Passou a «crise» e o «velho clube alcantarense aí está pujante para continuar. Força amigos!



NOME .....

Idade ..... Profissão .....

Morada .....

Localidade ..... Cod. Postal .....

Telefone .....

Freguesia ..... Concelho .....

Tem televisor? ..... N.º Licença .....

ACOMPANHANTE .....

Idade ..... Profissão .....

IMPORTANTE Preencher em letras maiusculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um. Dois. Três. Apartado 4315 1508 Lisboa Codex

juniores

Portugal empata com a RFA para o "europeu" da Hungria

Um golo de **Fernando Pires,** aos 20 minutos, garantiu a Portugal um empate (1-1) frente à RFA em jogo do Grupo «A» do europeu de juniores «B», em futebol, a decorrer na Hungria.

A formação alemã-federal abriu o activo, aos 10 minutos, mas a turma das «quinas» reagiu e igualou volvidos dez minutos através de Fernando Pires.

O mesmo jogador, que se cotou entre os melhores em campo, rematou ao poste, aos 23 minutos, num lance que merecia melhor sorte e que poderia ter ditado outro desfecho.

No período complementar, o conjunto germânico, dotado de maior poder atlético, impôes-se no terreno e dominou a partida, mas no último quarto de hora Portugal voltou a criar as melhores ocasiões de golo.

O jogo foi disputado sob más condições atmosféricas, com a chuva a fustigar os jogadores e a tornar o terreno pesado para a prática de futebol.

O técnico **José Augusto** referiu que o empate mantém intactas as aspirações da turma nacional na prova, sendo o próximo confronto com a Hungria decisivo para os seus pupilos.

«Toda a equipa cumpriu a missão e as melhores oportunidades de golo pertenceram-nos» – destacou José Augusto.

Portugal alinhou com: Bizarro; Brito, José Luís, Penetra e Cabral; Toninho, Fernando Pires e Zé Nando; Cali, Sérgio Barros e Canana (Bento, 50).

Resultados

Grupo A: Portugal-Alemanha Federal, 1-1.

Grupo B: Jugoslávia-Itália, 1-0 e Espanha-Suécia, 4-0.

Grupo C: Noruega-Bulgária, 1-0 e RDA-Holanda, 1-1.

Grupo D: Escócia-Islândia, 2-0 e Grécia-França, 2-0.

Próxima jornada: domingo, em Nagyxanizsa, às 17.30 (locais) **Hungria-Portugal**, URSS-RFA, Itália-Espanha, Jugoslávia-Suécia, Bulgária-RDA, Noruega-Holanda, França-Islândia e Escócia-Grécia.

Varzim-Boavista: repetição

O presidente do Varzim e Lídio Marques, afirmou que considera «um acto de justiça» a repetição do jogo Varzim-Boavista dos quartos-de-final da Taça de Portugal. **É uma decisão de direito. Sabia que tínhamos a razão do nosso lado** acrescentou o presidente varzinista comentando a decisão do Conselho Superior de Justiça da FPF, que decidiu de madrugada anular a deliberação do Conselho de Disciplina, que interditou preventivamente o Estádio do Varzim. De acordo com esta resolução, o jogo Varzim-Boavista disputado no Estádio do Bessa com vitória dos «axadrezados» por 2-0 terá de ser repetido em data a designar pela FPF, na Póvoa do Varzim. **Actuámos dentro do civismo e fomos ao Estádio do Bessa numa situação de pura ilegalidade** afirmou Lídio Marques.

O presidente varzinista acrescentou também que não vai retirar uma palavra acerca das atitudes da Associação de Futebol do Porto e da Federação Portuguesa de Futebol. **Não foram correctos para o Varzim. Ainda estamos profundamente chocados** disse.

Lídio Marques observou que a propósito de uma eventual repetição do sorteio da Taça ele não deveria ser repetido. **É um caso que envolve o Varzim e o Boavista, os outros clubes poderão sair prejudicados** afirmou.

Caselas não fecha as portas

A assembleia geral do Caselas Futebol Clube elegeu uma comissão administrativa composta por cinco elementos, o que garante a continuidade e o funcionamento daquela colectividade nos termos da legislação em vigor.

O Caselas, clube de grande popularidade na zona de Lisboa, onde se encontra implantado, encerrou todas as suas instalações há oito dias por falta de corpos gerentes, já que os anteriores haviam terminado o respectivo mandato sem que qualquer lista apresentasse a sua candidatura.

A assembleia geral foi uma das mais concorridas da história do Caselas e mandatou a comissão administrativa, agora eleita, para num prazo o mais curto possível apresentar uma lista completa de corpos gerentes.

Voleibol: torneio custa 3400 contos

O torneio de apuramento do grupo «C» para o campeonato europeu de voleibol a disputar-se de 22 a 26 do corrente em Viana do Castelo está orçado em 3.400 contos, participando as equipas da Checoslováquia, Espanha, Inglaterra, Polónia e Portugal.

O seleccionador nacional de voleibol, Vicente de Araújo, afirmou que as equipas checa, jugoslava e polaca são as que detêm o favoritismo no grupo que considerou «o mais difícil». **«Portugal vai lutar por conseguir uma boa posição, mas a possibilidade de ficar apurado é bastante remota»,** adiantou Vicente de Araújo.

Grade electrificada não tem voto

As autoridades municipais londrinas decidiram proíbir o Chelsea de utilizar no seu estádio uma grade electrificada para prevenir distúrbios, instalada no passado mês de Abril.

As autoridades municipais evocaram para justificar a proibição argumentos sobre a segurança, alegando que esta é mais importante do que a luta contra o vandalismo.

A tragédia ocorrida no fim de semana anterior no estádio de Bradford terá influenciado a decisão dos vereadores da Câmara de Londres. Se o estádio de Bradford estivesse dotado com uma cerca electrificada a tragédia teria sido de muito maiores proporções, já que os espectadores não poderiam ter fugido para o relvado.

O Chelsea pode agora recorrer da decisão da câmara para o ministro do Interior.

Inglaterra: outra bancada que arde

Um incêndio destruiu parte da tribuna principal de madeira do estádio de futebol do Torquay United, de Inglaterra, mas não houve vitímas.

O incêndio ocorreu menos de uma semana depois do sinistro que no estádio do Bradford matou 52 pessoas e feriu mais de 200. Os bombeiros julgam que as causas do incêndio no campo do Torquay, último classificado da terceira divisão do futebol inglês, foi um curto-cirtuito.

O estádio estava vazio, não se tendo registado acidentes pessoais, mas as chamas comsumiram cerca de um terço da tribuna principal, construída em madeira há 65 anos.

Este sector do campo deveria ser em breve desmontado, para cumprimento das estritas regras de segurança determinadas pelas autoridades na sequência da tragédia de Bradford.

Venables: o treinador do ano

Terry Venables, treinador da equipa de futebol do Barcelona, foi eleito **«o treinador do ano»** no campeonato de Espanha por um júri de jornalistas desportivos.

Venables recebeu um troféu de prata das mãos de Miguel Muñoz, treinador da selecção de Espanha, numa cerimónia efectuada num hotel de Madrid.

O júri de 23 jornalistas desportivos decidiu eleger Venables, que começou a treinar o Barcelona a época passada e conquistou o campeonato de Espanha de futebol na época 1984/85.

Hóquei em patins: taças europeias

Entre cinco portugueses Sanjoanense pode "patinar"

Com a participação de cinco clubes portugueses nas competições europeias de hóquei em patins, realizam-se hoje os jogos correspondentes à segunda «mão» dos quartos-de-final. Vejamos como as «coisas» de encontram: **Taça dos Campeões Europeus** — Sunday's (Bélgica)-FC Porto (2-13); **Taça das Taças** — Sporting-La Vendenne (França) (21-6); **Taça CERS** — Voltregá (Espanha)-Benfica (4-10); Juventude de Viana-Nantes (França) (2-10) e Serdanyola (Espanha)-Sanjoanense (3-2). Com excepção do jogo de Alvalade, que se realiza às 18.30, todos os outros são às 21.30.

Tudo parece indicar de que pelo menos Porto Sporting, Benfica e Juventude de Viana têm assegurada a continuidade nas diferentes provas, restando saber-se até que ponto a Sanjoanense terá força física e psíquica para superar o 2-3 sofrido no seu próprio recinto.

Como quer que seja o nosso hóquei continua a rolar sobre rodas...

Federação castiga

Por terem faltado à cerimonia da entrega dos prémios, em sessão que decorreu após terminar o «Europeu» de Barcelos, a Federação da modalidade resolveu aplicar a pena de afastamento dos atletas que a seguir se indicam da selecção por seis meses. Os punidos: Vítor Bruno, Alves, Trindade, Realista e Soares. A Federação considera que aqueles hoquistas terão «quebrado a ética e os mais elementares deveres desportivos».

Surpreendentemente o rigor federativo não abrangeu o treinador-seleccionador António Livramento que igualmente terá faltado à referida cerimónia.

Taça amizade com a Espanha

Para tentar «limpar» as cenas vergonhosas ocorridas em Barcelos a FPP está a procurar realizar dois encontros com a sua congénere espanhola instituindo a Taça Amizade. Uma decisão que merecerá aprovação e aplauso generalizado.

Após reunião em Lisboa

Violência continua a preocupar ministros dos desportos

O reforço do combate à violência nos estádios é um dos pontos recomendados aos 21 países do Conselho da Europa no comunicado final da reunião de Lisboa dos ministros dos Desportos, que ontem terminou na Fundação Gulbenkian.

Na quarta e última sessão de trabalhos, em que participaram durante dois dias sete ministros, seis secretários de Estado, um embaixador e outros representantes governamentais dos 21 países membros, o tema principal dos debates voltou a incidir sobre o incêndio no Estádio de Bradford e uma proposta da Grécia que foi aprovada por unanimidade.

A proposta grega, que visa combater a violência nos estádios, estipula a criação de uma comissão mista que estude com urgência o problema, devendo enviar um relatório circunstanciado ao conselho da Europa em Estrasburgo, que por sua vez o distribuirá a todos os países membros para análise.

A colaboração entre os países, a nível político e policial, foi também abordada na última reunião, com os secretário de Estado dos Desportos da Holanda, JP Van Der Reijden, a incentivar essa colaboração e a dar exemplos recentes.

Reijden referiu que, em acontecimentos desportivos que envolvam equipas ou atletas de outros países, essa colaboração é preciosa antes, durante e depois dos jogos.

O dirigente holandês referiu concretamente o encontro da final da Taça das Taças de quarta-feira em Roterdão, entre o Everton e o Rapid de Viena.

«A Polícia holandesa recebeu o apoio das suas congéneres inglesa e austríaca, e uma semana antes do jogo os agentes dos três países estudaram até ao mais pequeno pormenor a segurança para antes, durante e após o encontro em Roterdão». «Foi uma medida ousada, mas preferível a assistir aos distúrbios que poderiam eclodir no estádio e nas ruas. Devido à segurança que montámos, com a colaboração das Polícias inglesa e austríaca, mantivemos bares abertos mesmo após o jogo, e não se registaram problemas», acrescentou o secretário de Estado holandês.

Terminados os trabalhos, e antes do regresso dos delegados aos seus países, decorreu na Gulbenkian uma conferência de Imprensa em que participaram o secretário de Estado Português, Miranda Calha, o ministro francês da Juventude e Desportos, Alain Calmat, o holandês Reidjen, o responsável pelos desportos do Conselho da Europa, George Walker, e o secretário-geral adjunto da organização, Gaetano Adinolfi.

«A reunião de Lisboa foi informal, pois não tinha competência para tomar decisões políticas», salientou Adinolfi.

Campeonatos nacionais

Andebol

O título decide-se no final da tarde de hoje no Pavilhão da Luz com a realização do encontro Benfica-Belenenses, únicos que podem aspirar à subida ao pódio de onde o Sporting acaba de sair. O encontro iniciar-se-á às 18.30 horas (mesma hora em que nas Antas se realiza o jogo entre o Sporting e FC Porto).

Basquetebol

Como sucede com o andebol também parece provável que o Benfica conquiste o «nacional» de basquetebol para o que dependerá o seu comportamento na dupla jornada deste fim-de-semana. Vejamos o calendário dos golos:

Grupo A — Hoje: FC Porto -Benfica, às 16 horas; Sangalhos - Olivais, às 18 horas, e Queluz -Barreirense, às 17 horas amanhã; FC Porto - Olivais e Sangalhos -Benfica, ambos às 17 horas. **Grupo B — Hoje:** Sanjoanense - Ginásio Figueirense e Ovarense - Illiabum, ambos às 18 horas; **amanhã:** Sanjoanense -Illiabum, às 17 horas, e Ovarense - Ginásio Figueirense, às 18 horas.

MODALIDADES

Golfe: Luís Espadinha vence circuito

Luís Espadinha venceu o quarto e penúltimo torneio do circuito profissional do golfe português.

Na prova que se conclui no campo da Carregueira, Luís Espadinha venceu em «play off» Rogério Valente, batendo-o por uma pancada ao segundo buraco. Anterioremnte, na derradeira jornada do torneio, Valente conseguira reduzir a diferença de oito pancadas que o separavam de Espadinha, forçando o «play off».

Com este triunfo, Luís Espadinha subiu ao quarto lugar do circuito em que ocupava o décimo primeiro.

A classificação final do torneio foi a seguinte:

1.º **Luís Espadinha,** Palamares, 67+70+73+76=286; 2.º Rogério Valente, Quinta do Lago, 72+71+75+68=186; 3.º Carlos Alberto, Oporto, 68+76+73+74=291; 4.º Carlos Aleixo, Estoril, 71+76+73+74=294; 5.º João de Sousa, Madeira, 77+69+75+75=296; 6.º João Figueiredo,

O quinto e último torneio do circuito decorre de 8 a 13 de Junho, na Quinta do Lago, Algarve. Porém, quaisquer que sejam os seus resultados e se não houver desistência, Rogério Valente e Carlos Alberto serão os representantes portugueses na prova de qualificação europeia, em Palmela e que conta para a Taça do Mundo.

Ciclismo: «Giro» de Itália anima esta tarde

O suíço Urs Freuler foi declarado vencedor, após observação da «foto finish», da primeira etapa da Volta à Itália em Bicicleta. A tirada disputou-se sob intenso sol entre Verona e Busto Arsizio, 218 quilómetros.

Após longo «sprint», em que participaram todos os especialistas do pelotão, só a «Foto Finish» conseguiu apurar o vencedor, que bateu o italiano Rossola sobre a meta.

A etapa previa-se que seria resolvida ao «sprint», depois de a tirada ter sido percorrida em pelotão, apenas quebrado nos últimos quilómetros por escapadas sem êxito, certamente mais devidas à aparição da televisão e à notoriedade, inclusive publicitária, que dá a pequena fuga.

Acácio Silva, ainda que colocado na 42.ª posição, está apenas a 32 segundos do líder (Moser).

Hoje disputa-se o contra-relógio (36 quilómetros) entre Arsídio e Milão, depois do qual as classificações ficarão mais definidas.

Hipismo

Os cavaleiros portugueses **Manuel Malta da Costa** e **Francisco Caldeira** classificaram-se ambos em quinto lugar na prova de potência do concurso hípico internacional de Madrid.

Tiro com arco

Vencedores do torneio de tiro com arco, realizado no Estádio Nacional, para comemoração do 26.º Aniversário do Ginásio Clube de Queluz: Paula Guedes (juvenis femininos), Fé Carvalho (aspirantes fem.), Ricardo Neves (aspirante masc.), Ana Sousa (juniores fem.), Sérgio Santos (juniores masc.), Helena Noronha (seniores fém.), Rui Data (seniores masc.), Madalena Monteiro (iniciados fem.), Miguel Portelinha (iniciados masc.), Pedro Miguel (flechas), Gustavo Lopes (plumas) e Tiago Galvão (robins).

ESPECIAL FÉRIAS/85

HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO

Sabemos que você precisa mesmo de umas férias tranquilas. 7 dias por 9 450$00 p/pessoa em quarto duplo nos meses de Maio/Junho ou 10 850$00 em Julho/Setembro, é a possibilidade que o Hotel do Parque pensando em si lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no coração do Alto Minho, além de agradáveis surpresas.
(Pequeno sup. para ocupação quarto individual ou com varanda).

Agravamento por quarto durante o mês de Agosto 2800$00. Peça-nos p.f. programa detalhado 'Especial Férias/85' por escrito C.P. 4900, através dos Telefs. 24151/5, Telex 32511 ou no seu habitual agente de viagens.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
8.º JUÍZO
ANÚNCIO
Processo N.º 2118/B
3.ª Secção

para citação de credores desconhecidos

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados, AUGUSTO HENRIQUES DA SILVA e mulher MARIA ODETE DIAS PEREIRA, residentes no lugar da Baganha-Fajões-Oliveira de Azeméis, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por «Portugal Previdente» — Companhia de Seguros, SARL, com sede na Rua Andrade Corvo, n.º 19-Lisboa.

Lisboa, 3 de Maio de 1985

O Juiz,
Américo Joaquim Marcelino
O Escrivão de Direito,
Maria Irene Afonso

DL — 18/5/85 — 2.ª Pub.

ESTREIA

«OS CÁGADOS»

TEXTO: JOSÉ ALMADA NEGREIROS
18, 19, 25 e 26 MAIO
Sábados e domingos às 15 horas

COMUNA
Praça de Espanha

Maiores de 6 anos
Sub. M.C.

HOLLYWOOD:

STACEY KEACH: «A cocaína é uma força diabólica que destrói a saúde do corpo e da mente»

A luta contra a droga

J. Castillo

Ao sair da cadeia, Stacey Keach anunciou que levará a cabo uma intensa campanha antidroga. O conhecido actor, que triunfou tanto no cinema como na televisão, em que apareceu ultimamente em várias séries, entre as quais «Mike Hammer», foi preso a 3 de Abril de 1984 no aeroporto de Heathrow, em Londres, ao serem encontrados na sua bagagem 36 gramas de cocaína.

O pó branco encontrava-se escondido dentro de um tubo de creme de barbear. No bolso do seu secretário também se descobriram uns gramas do «veneno branco» cuidadosamente embrulhados num lenço. Stacey Keach foi condenado a nove meses de prisão. O seu secretário ficou três meses atrás das grades.

Ao que parece arrependido, o actor escreveu uma carta, da prisão de Reading, dirigida a uma revista londrina, na qual se expressava nestes termos: «A cocaína é uma força diabólica que destrói tanto a saúde do corpo como a da mente, chega a arruinar a carreira de qualquer indivíduo e a sua personalidade. Eu posso falar com conhecimento de causa porque tomei a droga e a minha estada na cadeia fez-me reflectir. Peço a todos os que se tenham iniciado com a droga que tratem de a deixar quanto antes, que lutem com todas as suas forças antes que seja demasiado tarde para não acabarem transformados num destroço humano.»

Stacey confessou ter consumido cocaína durante vários meses: «Ajudava-me a concentrar-me, podia interpretar melhor os meus papéis. O êxito alcançado por alguns dos meus amigos levou-me a seguir-lhes o exemplo, cheguei a julgar que precisava dela.»

Não é caso único

O «caso» de Stacey Keach não é senão um de tantos que se dão nos Estados Unidos. Mas quando os protagonistas de tais acontecimentos são estrelas do mundo do espectáculo, a sua ressonância é, logicamente, muito maior.

Em Hollywood morreram por «overdose» actores e actrizes que se encontravam no mais alto da sua carreira, outros que haviam iniciado o seu declive e não poucos, totalmente desconhecidos, cuja morte não foi, por isso mesmo, muito falada: não tinham chegado a triunfar e não eram famosos nem populares.

Nos anos 20, Wallace Reid, um dos galãs de maior prestígio do cinema mudo, foi encontrado morto, vítima de uma crise ocorrida durante o período de desintoxicação. Vinte anos mais tarde, Bela Lugosi, o mais famoso dos «Dráculas» cinematográficos, viu destruída a sua carreira e a sua reputação ao converter-se num morfinómano.

Robert Mitchun foi preso em 1948 por posse ilegal de marijuana.

Agentes do Narcotic Bureau andavam há já vários meses a vigiá-lo. Surpreenderam-no por fim em casa de uma jovem, Lila Leeds, um pouco antes da meia-noite. O famoso actor que quase quarente anos depois desse caso ainda se encontrava em actividade, julgou ter destruído a sua carreira, mas conseguiu uma reabilitação surpreendente e o seu caso foi muitas vezes apresentado como exemplo.

Números aterradores

A morte de Jonn Beloshi, uma das últimas revelações do cinema norte-americano, protagonista de «1941», em Março de 1982, devido a uma «overdose» de heroína e cocaína, causou grande emoção. Richard Pryor sofreu graves queimaduras quando preparava um «cocktail» especial chamado «free-base», mescla de cocaína, amoníaco e éter. Richard Dreyfus, que obteve um triunfo definitivo em «Encontros imediatos do terceiro grau», foi vítima de um desastre de automóvel e, ao ser auxiliado pela Polícia, foi-lhe encontrada cocaína.

Outro actor que viu eclipsar-se uma carreira que se pressentia triunfal depois do êxito de «Expresso da meia-noite», foi Brad Davis a quem Fassbinder deu um polémico e escandaloso papel em «Querelle.»

LIZ TAYLOR: «Quero prevenir todas as mulheres para que não caiam na infernal porcaria que são os estimulantes»

Perante tantos casos graves, muitos dos quais se ignoram e permanecem ocultos, Hollywood prepara uma campanha contra a droga, à frente da qual está Susan Newman, filha de Paul Newman. O infeliz Scott, filho de Paul e irmão de Susan, faleceu por abuso de tranquilizantes misturados com álcool, em Novembro de 1978.

Betty Ford, esposa do ex-presidente Gerald Ford é outra das principais impulsionadoras desta luta contra os estupefacientes.

Mais de 170 representantes do mundo do cinema e da televisão começaram o seu programa de assistência aos toxicómanos, cujo número está actualmente a aumentar não só em Los Angeles como em toda a América. Os números são alarmantes. Segundo as estatísticas, dez por cento da população americana no activo vive submetida aos estupefacientes. Doze milhões, portanto, de norte-americanos.

Liz Taylor e Liza Minnelli fizeram curas de desintoxicação no Betty Ford Center, de Los Angeles. «Comecei a tomar soníferos porque não podia dormir, confessou Liz. De manhã acordava com grande peso e dores de cabeça. Tomava então estimulantes e as doses eram cada vez mais fortes... Felizmente dei-me conta a tempo. Quero prevenir todas as mulheres para que não caiam neste inferno.»

O presidente da «Dosit now Foundation» afirma que mais de 50 milhões de prescrições médicas de tranquilizantes são apresentadas por ano nas farmácias dos Estados Unidos.

As jovens vítimas

Os últimos assustadores casos que se conhecem afectaram filhos de estrelas de cinema. Para além da morte de Scott, filho de Newman, Ray Milland perdeu o seu filho único, vítima de «overdose». Jenny, filha de James Arness, morreu aos vinte e quatro anos por ter ingerido barbitúricos. Angela Lasbury passou anos de angústia, quando soube que seu filho Anthony se «picava», Tyrone Power Júnior foi destruído pelo álcool e pela droga, Michael Landon lutou para além do possível para salvar sua filha Cheryl, que se refugiara nos tranquilizantes para superar uma profunda depressão em que caíra.

O inferno da droga causa horror devido às consequências, frequentemente mortais, que traz consigo. A luta é realmente difícil e nem sempre é acompanhada pelo triunfo. O trágico final de tantos infelizes que foram apanhados pela teia de aranha da droga, deve servir de alerta.

Informação

PASSEIOS FLUVIAIS

INTEGRADOS NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA ESTAÇÃO DO BARREIRO

A CP, com a colaboração da Câmara Municipal do Barreiro e da Associação Portuguesa dos Caminhos de Ferro (APAC), promove a realização dos seguintes passeios fluviais, com animaçaão cultural:

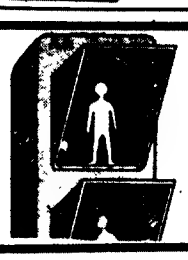
21 de Abril, das 15 às 17-30
19 de Maio, das 15 às 17-30
2 de Junho, das 15 às 17-30
29 de Junho, das 21 às 23-30

com origem e término no Barreiro.

Cada um destes passeios terá itinerário diferente. O passeio de 29 de Junho (nocturno) permitirá assistir ao fogo de artifício das festas da cidade.

Lotação rigorosamente limitada.
Tarifa única: 150$00.
Bilhetes à venda, a partir da antevéspera de cada passeio, nas estações de Lisboa-TP, Barreiro, Pinhal Novo e Setúbal.

Caminhos de Ferro Portugueses



NAS PASSADEIRAS
Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização lumínosa

A propósito da sua apresentação em Lisboa

O que é o Royal Ballet britânico

William Gilman
NP/«DL»

O «Royal Ballet» britânico vai estar em Lisboa até segunda-feira, no final de uma digressão pela Europa, para uma série de espectáculos no S. Carlos.

O «Royal Ballet» de Covent Garden estará anteriormente em Budapeste, onde fez uma apresentação do Ballet «Manon» no Teatro da Ópera Estatal Húngaro e com a presença da princesa Margarida de Inglaterra.

Em Dresden e Berlim, aquela companhia apresentou um programa semelhante, que incluiu ainda «consort Lessons», «A Month in the Country» e «Elite Syncopations».

Entre 5 e 16, o «Royal Ballet» ofereceu em Barcelona uma série de espectáculos que incuíram ainda «A Bela Adormecida» e «La Fille Mal Gardee», mas não o ballet «Manon».

Os principais membros do «Royal Ballet», que estão em Lisboa, são Bryony Brind, Fiona Chadwick, Michael Coleman, Lesley Colier, Sandra Conley, Derek Deane, Anthony Dowell, David Drew, Wayne Eagling, Wendy Ellis, Alessandra Ferri, Julian Hosking, Stephen Jefferies, Jay Jolley, Monica Mason, Ashley Page, Jennifer Penney, Marguerite Porter, Derek Recher e Mark Silver.

São acompanhados pelo director Norman Morrice, pelo director administrativo Atnhony Russell-Roberts e pelo director musical Ashley Lawrence, que é o maestro em «A Bela Adormecida.»

Bela Adormecida desde 39

A primeira apresentação de «A Bela Adormecida» pelo «Royal Ballet» teve lugar em 1939 e foi também com este bailado que se inaugurou o Teatro Real de Ópera de Covent Garden, em Londres, em Fevereiro de 1946.

O mesmo bailado foi um êxito quando a companhia se apresentou na ópera metropolitana de Nova York, em 1949.

A presente produção, que é apresentada em Lisboa no Teatro de S. Carlos, baseia-se na de 1939, mas foi adaptada por Nikolai Sergueyev, com coreografia adicional de Frederick Ashton.

Tchaikovsky compôs a música para este bailado a pedido do director dos teatros imperiais, I.A. Vsevolozhsky, que em 1888 lhe escreveu dizendo: «não seria uma boa ideia compôr am balllet? tenho estado a pensar escrever um libretto baseado em «La Belle au Bois Dormant», de Perrault.

A ideia parece ter agradado a Tchaikovsky, que iniciou de imediato a obra e a concluiu em Maio de 1889, depois de ter recebido cerca de um ano antes de Marius Petipa uma estrutura completa da coreografia desse bailado.

O ensaio geral realizou-se no dia 2 de Janeiro de 1890, no Teatro Maryinsky, de S. Petersburgo, perante o czar e a corte, que o receberam com muita frieza.

O papel de Aurora foi dançado, nessa altura, por Carlotta Brianza, o de príncipe por Pavel Gerdt e o de Carabosse e pássaro azul por Enrico Cecchetti.

Em Covent Garden desde 46

Apesar do desinteresse da corte russa, o «ballet» teve grande sucesso e foi trazido para o Ocidente por Diaghliev.

Na sua estreia londrina, no dia 2 de Fevereiro de 1939, o elenco tinha como bailarinos principais Margot Fonteyn e Robert Helpmann.

Este bailado passou a fazer parte do repertório clássico do «Royal Ballet», que passou a ter residência oficial no Teatro de Ópera de Covent Garden a partir de 20 de Fevereiro de 1946.

A ideia da companhia teve porém origem na década de 1920, altura em que Ninette de Valois se associou a Lilian Baylis, que nessa altura dirigia o Teatro Old Vic de Londres.

Em 1931, as duas mulheres conseguiram inaugurar a sede do então chamado «Vic Wells Ballet e Escola» no Teatro de Sadlers Wells, e criar um repertório clássico com o auxílio de Nikolai Sergueyev, antigo «regisseur» do «ballet» imperial de S. Petersburgo, e com a participação de um par de excelentes bailarinos, Alicia Markova e Alton Dolin, e seguidos mais tarde por Margot Fonteyn e Robert Helpmann, bem como o coreógrafo Frederick Ashton.

Mas foi sem dúvida a direcção de Ninette de Valois que levou ao êxito desta companhia e à sua transferência para Covent Garden.

Por seu lado, a escola do Sadlers Wells mudou-se para instalações próprias e fornece um fluxo contínuo de bailarinos não só para o Sadlers Wells Theatre Ballet como para o «Royal Ballet».

Companhia para digressões

Finalmente, Ninette de Valois, a quem foi concedido o título de «dame» pela rainha Isabel II, concretizou em 1970 um dos seus maiores desejos: a formação de uma companhia para digressões.

Em 1963, Ninette de Valois tinha abandonado o lugar de directora da companhia e foi substituída por Kenneth MacMillan, que em 1977 veio a demitir-se para poder continuar a ser o coreógrafo principal do «Royal Ballet».

Foi então substituído por Norman Morrice, o director que acompanha o grupo a Lisboa.

«Dame» Ninette de Valois continua, porém, apesar dos seus 86 anos, a manter grande interesse pela vida diária do «Royal Ballet», bem como pela da segunda companhia e da escola do Sadlers Wells.

De ascendência irlandesa, Ninette de Valois iniciou a sua carreira artística como bailarina em 1913. Teve lições de Edouard Espinosa e Enrico Cecchitti, «maitres de ballet» respectivamente do Teatro Empire e do Ballet Diaghilev.

Em 1923, entrou para o Ballet Diaghilev e dançou ao lado de nomes famosos como Lydia Lopokova e Serge Lifar. Escreveu vários livros sobre «ballet» e, como coreógrafa, foi responsável por diversas produções, das quais as mais famosas foram «Job» (1931), «The Rake's Progress» (1935) e «Checkmate» (1937).

Força motriz e inspiração

«Dame» Ninette de Valois continua a ser a força motriz e inspiração do «Royal Ballet» e prefere falar do futuro e dos planos parra a companhia que ajudou a criar.

No entanto, quando alguém sugere que ela criou o «Royal Ballet», frisa de imediato que uma só pessoa não podia ter atingido esse objectivo e acrescenta:

«O Ballet Real é o resultado da colaboração de talentos complementares, do auxílio generoso e do trabalho altruísta de muitas pessoas.»

Diz também desejar que a companhia continue a existir por tantos séculos que ninguém mais se recorde de que foi ela que a iniciou.

Interrogada pela Notícias de Portugal sobre qual era a estrela de «ballet» de que mais gostava entre as muitas que passaram pela companhia, respondeu:

«Não posso, não quero e não ouso dizê-lo. As estrelas nascem com talento e não são criadas. São importantes, mas apenas como parte da totalidade da companhia.»

Norman Morrice, por seu lado, afirmou à NP que «o Ballet Real está delirante por ter a oportunidade de fazer esta visita a Portugal, mas apenas um pouco receoso por o palco do São Carlos ser inclinado, pois os bailarinos da companhia estão habituados a dançar em palcos totalmente horizontais».

Outra guerra de "estrelas"

MANE DEL VALLE

(Serviço especial da agência EFE em exclusivo para Portugal)

Qualquer pessoa que tenha uma vida pública transforma-se automaticamente no centro das atenções daqueles que gostam de coscuvilhices.

Na sua época, por exemplo, o eterno galã do ecrã e quebra-corações Errol Flynn foi acusado de tudo, desde ser homossexual a espião nazi.

Atacar os mortos não é difícil, uma vez que não podem defender-se. Mas os ataques a figuras ainda vivas parecem ter-se tornado um desporto da moda e tanto assim que já serviram para escrever um livro em que os «piropos» mais mordazes e até injuriosos dirigidos às celebridades são dados a conhecer.

Richard Burton e Mark Phillips

Foram muitas as vezes que o falecido actor Richard Burton disse que amava e que amaria sempre a actriz Elizabeth Taylor, embora — afirmava — não pudesse viver com ela nem sem ela.

Bastante falados foram os dois casamentos que contraíram, assim como as violentas discussões que mantinham em consequência das suas fortes personalidades.

Foi depois de uma destas discussões que Burton comentou a respeito da mulher: «Tem um duplo queixo muito acentuado, um peito demasiado desenvolvido e as suas pernas são muito curtas.»

Por seu lado, o capitão Mark Phillips, marido da princesa Ana de Inglaterra, disse um dia a respeito do príncipe Carlos, seu cunhado: «Sentimo-nos obrigados a rir quando ele conta uma anedota, embora pessoalmente eu não lhes ache graça nenhuma.»

Groucho Marx e Edward Kennedy

Doris Day, que se tornou numa lenda graças aos numerosos papéis de rapariga decente e simpática que interpretou no cinema, muitas vezes ao lado de galãs como Cary Grant ou Rock Hudson, também tem sido alvo de comentários sarcásticos por parte dos seus companheiros de profissão.

Talvez o melhor tenha sido o que lhe dedicou o extravagante e espantoso Groucho Marx: «Ando há muito tempo por todo o lado e posso dizer que conheci Doris Day ainda antes de ela ser virgem.»

Richard Burton não gostava das pernas de Liz: «são muito curtas»

No mundo do cinema há comentários para todos os gostos e deles não se safa sequer o antigo actor e actual presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, de quem o senador Edward Kennedy afirmou: «Deve sentir um grande amor pelos pobres porque tem criado bastantes.»

Para sir Laurence Olivier, a actriz Deborah Kerr era «irracionalmente casta».

Woody Allen e Christopher Plummer

Woody Allen fez uma vez o seguinte comentário acerca de Diane Keaton, actriz de muitos dos seus filmes: «Na vida real, Diane acredita em Deus, mas também acredita que a rádio funciona porque tem uns anõezinhos a falar lá dentro.»

Referindo-se a Gina Lollobrigida, a também actriz e actual ministro da Cultura da Grécia, Melina Mercouri, disse uma vez: «Damo-nos tão mal uma com a outra que ambas consideramos que nada pode modificar isso, pelo que o melhor que há a fazer é mantermo-nos longe uma da outra.»

Por seu lado, Joey Adams afirmou a respeito de Dean Martin: «Eu não diria que Dean tem problemas com a bebida porque o seu maior interesse na vida é saber qual é o vinho apropriado para o whisky.»

A actriz Elke Sommer afirmou uma vez a respeito de Paul Newman: «Embora seja uma grande admiradora de Paul, tenho de admitir que preferia beijar o tronco de uma árvore.»

E Christopher Plummer, referindo-se a Julie Andrews, com quem trabalhou em «Música no coração», disse uma vez: «Trabalhar com ela é como levar na cabeça com uma carta de amor de S. Valentim.»

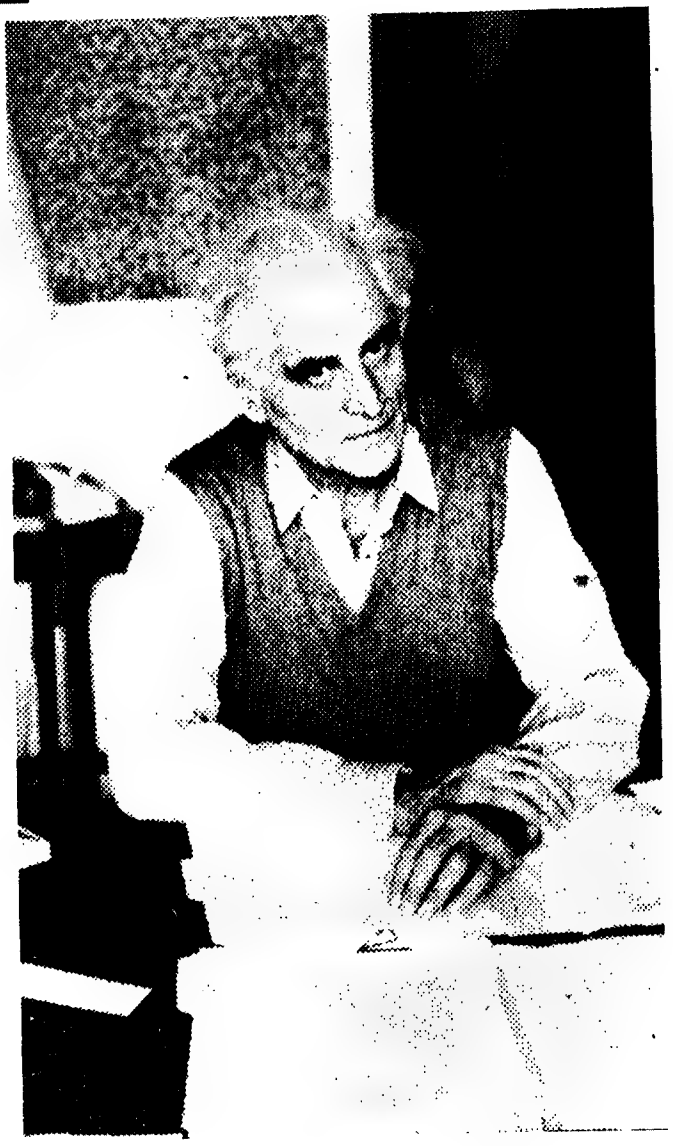
No entanto, os compiladores destas frases, o Grupo de Investigadores de Celebridades, fazem questão de sublinhar que nem todos estes ditos correspondem à verdade já que muitas vezes são mais um reflexo de quem os proferiu do que das pessoas visadas.

Michel Serres, mestre de silêncio

Frederic Gause e Guitta Pessis-Pasternak

Exclusivo Le Monde/DL

Com a sua cabeleira branca e a sua pronúncia da Gasconha, o seu rosto marcado e o seu andar dançante, Michel Serres lembra mais um marinheiro (que foi) ou um actor (que é quando fala e fascina os auditórios) do que um austero professor de filosofia. E ele ocupa efectivamente um lugar aparte na constelação universitária. Marginal e desconcertante. O seu itinerário intelectual está cheio de voltas e de surpresas.



Depois da sua tese sobre **O sistema de Leibnitz e os seus modelos matemáticos,** trabalha no problema da comunicação e das novas relações entre a ciência e o mundo moderno, a que consagra os cinco tomos da série dos **Hermès.** Mas também escreve sobre Júlio Verne, Zola, Carpaccio, e prossegue uma reflexão vagabunda nas fronteiras da filosofia e da ciênca, da moral e da estética.

Saltando de um tema para outro, esforça-se por marcar o que pode ser o futuro do homem e do conhecimento, com os novos dados da ciência e da política, da arte e dos costumes. Mas este esforço para decifrar as mensagens da modernidade está ao lado de um enraizamento na tradição da filosofia francesa, com o seu gosto pelo belo estilo e a sua preocupação enciclopédica.

Este regresso às origens exprime-se tão bem na gigantesca empresa editorial cuja niciativa tomou com a publicação do **Corpus des oeuvres de philosophie de langue française,** como na investigação formal que se manifesta nos seus últimos livros: **le Parisite, Genèse, Détachement.**

Para este apaixonado de rugby, grande admirador de Tintin e amigo fiel de Maurice Béjart, o mundo das ideias não se situa num eter inacessível mas incarna-se antes de mais em gestos, sensações, sabores, ritmos.

— O silêncio e a obscuridade são, para si, necessidades profundas e orgânicas que permitem aos seus sentidos e ao seu ser criador, que se expandam. Pensa que Eckart o compreendia assim quando dizia: o verbo é a palavra que sai do silêncio e regressa ao silêncio. Qualquer outro verbo contenta-se com palavras»?

— Tenho saudades do tempo em que esse texto foi escrito, visto que parece que entre a palavra e o silêncio não terão havido intermediários. Agora já não é a mesma coisa: se nos calamos não conseguimos o silêncio mas o ruído. Vivemos mergulhados no ruído, tanto nas cidades como no campo, onde poucos espaços silenciosos existem. Agora, mesmo as nossas casas estão cheias de motores, que nos impedem de viver em silêncio como dantes.

O meio ambiente está doente: as coisas rangem como órgãos que gritam quando nos ferimos. Também não existe a escuridão: uma cidade como Paris está incessantemente iluminada por uma luz que não muda de intensidade nem de direcção, de modo que o ângulo de iluminação é sempre o mesmo. Para existirmos, tanto a vista como o ouvido precisam de ser muitas vezes mergulhados do estado zero de silêncio e escuridão, a fim de podermos apreender todos os graus de intensidade que os sons e as luzes adqirem.

Felizmente há alguns momentos em que é respeitado um certo silêncio e em que uma certa escuridão ainda pode ser vivida: os breves instanes que precedem a aurora.

— Se o silêncio e a escuridão são indispensáves à nossa integridade física e mental, o nosso mal-estar actual não seria também devido a essa agressividade permanente do ruído e da luz?

A luz branca e o ruído surdo em que estamos permanentemente mergulhados têm em nós um efeito de droga. Estamos anestesiados. Vivi durante longo tempo nessa anestesia e não foi por razões intelectuais nem morais mas de tratamento físico que me pus a viver no silêncio e na obscuridade.

— Pensa que é por acaso que assim somos drogados, ou não haverá mesmo um certo «desejo» de embrutecimento?

— Numerosos livros defendem que a sociedade nos impõe certas normas para nos submeter; é possível. Proponho um remédio para nos libertarmos: não é caro e não implica nenhum medicamento. Ele consiste unicamente em apagar a electricidade e mandar colocar janelas duplas. Se organizar uma viagem de silêncio e escuridão verá rapidamente reaparecer a percepção de uma riqueza que tínhamos perdido.

— Que género de sensibilidade?

— Acontece que a minha profissão é escrever. Ora, para isso, é preciso ser-se sensível à música. Todo o escritor é, antes de mais, músico, deve ter rouvido, intensidade e ritmo. Ora, para ficarmos absolutamente atentos ao ritmo da frase, à intensidade das vogais, à respiração da linguagem, é preciso mergulharmos na calma.

— Quando acaba de escrever um texto lê-o em voz alta para lhe «testar» a sonoridade?

— Não é preciso se se tiver um bom ouvido. A visão do texto restitui igualmente bem o ritmo e cor das vogais. O ouvido e o olhar físicos são órgãos indispensáveis à escrita, e foi por causa dessa higiene fundamental que me senti obrigado a levar uma vida que reduz as luzes e os sons a zero. Não falo sempre de moral nem de pensamento, mas simplesmente da ginástica daquele que escreve, se quiser elaborar uma frase que tenha música, sonoridades, cores, sombras...

— Os seus pensamentos surgem mais facilmente na escuridão do que na luz?

— Provavelmente. O meu trabalho exige saúde do corpo e dos sentidos. Quanto mais drogado se está, menos se pode escrever. Ora nós estamos drogados e todo e qualquer esforço consiste em me desintoxicar. Por exemplo, visitar um local em grupo não nos deixa vê-lo por causa do ruído colectivo; estudar um assunto com citações impede-nos de o conhecer, porque se é forçosamente levado por esse ruído citacional a uma visão diferente. Um bom texto não tem nomes próprios.

— Ainda podíamos ir mais longe sustentando que toda a cultura que nos é inculcada ao longo da vida é um «ruído» de que devemos saber libertar-nos a fim de mergulhar num silêncio autêntico?

— Passamos a juventude a estudar coisas que procuramos esquecer na idade adulta.

— Em certa altura da vida será o esquecimento mais importante do que a memória?

— Claro que sim. Depois de termos adquirido certas informações sobre determinado assunto, devemos pensar sozinhos, esquecer essa informação prévia. Sou agora suficientemente velho para adoptar a mesma atitude perante o saber; por outras palavras, já não leio livros...

— Mas escreve obras que outros vão ler; eles vão pois suportar o seu ruído!

— Peço antecipadamente desculpa da minha existência como emissor de ruído!

— Vivemos numa sociedade de interdependência na qual os outros precisam do nosso pensamento para se enriquecerem...

— Não tenho tanto a certeza disso como você.

— Talvez tenha chegado a um estádio privilegiado em que pode retirar-se, no seu silêncio, recusando o ruído cultural dos outros...

— Não o recuso, só preciso menos dele. De resto, a lealdade daquele que reflectiu ou que escreveu consiste em dizer exactamente o que pensa graças aos seus próprios meios e não copiando os de outrem. Não só por razões morais mas porque o grupo faz um ruído que nos impede de ouvir as palavras ditas.

— Toda a procura de verdade seria então um trabalho solitário e monástico?

— Gosto de viver no silêncio e na obscuridade, tanto no sentido moral como físico. É muito difícil para um escritor manter-se um ser privado, viver na obscuridade que ama. Vivo bastante dolorosamente essa contradição: sou obrigado a estar em público quando preferia, de longe, estar no escuro.

O outro paradoxo consiste em exercer uma arte, a da palavra, que implica um certo tipo de música, de ritmo, e logo de ruído, quando eu amo o silêncio. Uma tal contradição é difícil de assumir, mas, enfim, é a minha, e tenho que viver com ela.

— Será para dar remédio à sua produção de ruído que escreve uma prosa que é quase poesia?

— É sempre preciso pedir perdão do esforço que pedimos ao leitor, o de nos ler. Mas não creio que possam chamar-me poeta.

— No entanto o seu estilo é muito puro, muito cinzelado...

— Se escrevermos em pleno ruído, fazemos um texto barulhento; se escrevermos no silêncio temos a possibilidade de criar um texto próximo da música. Do mesmo modo, se vivermos numa luz mate e monótona, nunca obtemos nos nossos textos as diferenças subtis e os cambiantes que um bom quadro deve ter.

Para escrever bem é preciso seguir uma espécie de higiene, de dietética sensorial: para o ouvido, o silêncio é o pão quotidiano; para o olhar, é a obscuridade. Para além deles, os sentidos só absorvem ópio. E eu prefiro pão.

José Pedro Gomes e Marques Arede, numa cena do espectáculo de Café-Teatro «Pó de Palco»

Teatro

• Na Comuna o teaatro não pára, e durante o fim-de-semana quatro peças vão estar em cena. Assim, na sala principal, Isabel Bezelga, Júlia Correia, Teresa Garcia Fernandes e Teresa Mónica apresentam a peça **«Quatro para Quatro»,** numa encenação de João Mota, hoje às 21.15 horas e amanhã às 17 e 21.15 horas. Na sala 2, o grupo **O Bando**, estreia a peça «Os Cágados», um espectáculo infantil adaptado de um conto de Almada Negreiros. As representações são às 15 horas, hoje e amanhã. O 2.º ano do curso de formação de actores da Comuna sobe à cena hoje, pelas 21.15 horas, na sala 3, com a peça, **«Mestre, meu Mestre Querido»,** de Fernando Pessoa, numa encenação de João Mota. Em seguida, quem quiser pode ainda assistir ao espectáculo de Café-Teatro, pelas 23.30 horas, **«Pó de Palco»,** que Amélia Videira, Carmen Marques, Carlos Paulo, José Pedro Gomes e Marques Aredes, levam à cena em últimas repesentações.

• O grupo de teatro portuense **Seiva Trupe**, mantém em cena, no Teatro Campo Alegre, hoje às 21.45 horas e amanhã também às 16 horas, a peça «Uma Família do Porto», com encenação de Norberto Barroca, música de Paulino Garcia e coreografia de Manuel Passos. Os diálogos são da responsabilidade de Manuel Dias e a interpretação está a cargo de António Reis, Alfredo Correia, Luís Correia, Josefina Ungaro e Isabel D'Ávila, entre outros. Às 15.30 horas, o mesmo grupo apresenta, na sala Povo Portuense, a peça «O Fidalgo Aprendiz», de D. Francisco Manuel de Melo, numa encenação de Norberto Barroca.

• Durante este fim-de-semana e a continuar no próximo, realiza-se, na cidade de Santarém, um **Festival de Teatro**, organizado pela ARSTA – Associação Regional de Santarém do Teatro de Amadores. Os espectáculos, nos quais participam 11 grupos de teatro amador do distrito e 2 companhias convidadas, serão comentados por profissionais e críticos, e decorrem no Círculo Scalabitano. Entre as várias peças que constam do programa salientam-se, hoje, «O Espião», de B. Brecht, que o grupo de Teatro «A Semente» — Carmanal, apresenta às 10.30 horas, e «Não se paga, não se paga», de Dário Fô, às 21.30 horas, pelo Grupo de Teatro Secção Cultural Casa do Povo — Pego.

Musica

• O **Festival da Canção Juvenil** decorre hoje em Alhandra, sob o lema: «Com a Juventude Preparar o Futuro». O festival, organizado pelo grupo dinamizador da juventude do município de Vila Franca de Xira, insere-se na iniciativa intermunicipal «Juvenil-85», que tem por objectivo as comemorações do Ano Internacional da Juventude. A participação está aberta a todos os jovens com menos de 30 anos, não inseridos no sindicato dos músicos e que não tenham discos editados.

• Um concerto rock pelo grupo **UHF**, que se realiza hoje, pelas 16 horas, no largo fronteiro ao Palácio da Vila de Sintra, constituiu um dos momentos altos da IV Semana Cultural da Escola Secundária de Santa Maria, organizada pelo Grupo de Acção Cultural.

Exposições

• Na sala de exposições das Arcadas do Parque, no Estoril, **Maria Antónia Gomes** inaugura, pelas 17 horas, a sua exposição de pintura «Naife». Maria Antónia nasceu em Lisboa e é cabeleireira. Começou a pintar em 1980, utilizando unicamente verniz de unhas.

• Integrado no programa da Exposição de Artesanato e Escultura de Eduardo Nascimento, realiza-se esta noite, pelas 21.30 horas, no Amador'Arte, na Rua 2, lote 5, na Amadora, um **Recital de Poesia,** com a participação de Eduardo Nascimento, Fernando Lobo Duarte, Luís Maçarico e Rui Brás. A música está a cargo de Jorge Paulo Gama.

CINEMAS

Uma cena do filme **«O Último Combate»** *realizado por* **Luc Besson.** *Galardoado com o* ***Prémio do Júri*** *e* ***Prémio da Crítica do Festival Avoriaz, Grande Prémio,*** *e* ***Prémio da Realização do Fantasporto.*** *Em exibição no cinema Quarteto*

Alfas Triplex
— T. 806496

Alfa 1

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsy
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 2

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 3

ATRÁS DA PORTA
de Liliana Cavani
(para maiores de 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

Alfa Club
2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h

Apolo 70
— T. 763319

ATRÁS DA PORTA
de Liliana Cavani
(para maiores de 16 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.30 h

Ávila
— T. 539930

O FIO DA NAVALHA
de John Byrum
(para maiores de 12 anos)
14.30, 17, 19.15, 21.45 e 24 h

Avis
— T. 547163

CLUBE PRIVADO
(para maiores de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio
— T. 795093

O ABC DO AMOR
de Woody Allen
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Capitólio
— T. 372358

GATAS VICIADAS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil
— T. 530194

UM RUSSO EM NOVA IORQUE
de Paul Mazursky
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cinebloco
— T. 556824

AS MULHERES QUE NÃO POSSUÍMOS
de Pascal Thomas
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

REVOLTA NO PACÍFICO
de Roger Donaldson
(para maiores de 12 anos)
24 h

Cine Camões
— T. 324194

O CAMINHO DA ESPERANÇA
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

UM AMOR INFINITO
de Franco Zeffirelli
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

ENCONTRO COM O PERIGO
de George Kaczender
(para maiores de 13 anos)
24 h

Cinemateca
LOS DESAFIOS
de Claudio Guerin, Jose Luis Echea e Victor Erice
15.30

EL ESPIRITU DE LA COLMENA
de Victor Erice
18.30

EL SUR
de Victor Erice
21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Amália

BROADWAY DANNY ROSE
de Woody Allen
(para maiores de 12 anos)
16, 21.45 e 24 h

Estúdio Sheza

O HOMEM QUE VEIO DE LONGE
de Krzystof
(para maiores de 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

O MEU TIO DA AMÉRICA
de Alain Resnais
(para maiores de 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A ESFINGE
de Franklin J. Schaffner
(não acons. men. de 13 anos)
23.45 h

Condes
— T. 322523

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

O MONGE DE SHAOLIN
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Estúdio
— T. 555134

O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
de Bob Rafaelson
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Estúdio ACS
— T. 887255

TOP SECRET!
de Jim Abrahams
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 779095

AVENIDA DOS ASSASSINOS
de Boramy Tioulong
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 24 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1

TERRA SANGRENTA
de Roland Joffé
(para maiores de 16 anos)
15.15, 18.15 e 21 h

Sala 2

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 3

SOLTEIROS... E TARADOS
de Neal Israel
(para maiores de 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Fórum Picoas
— T. 541037

ANA
de António Reis e Margarida Cordeiro
(para maiores de 12 anos)
14.30 e 18 h

Auditório 2

O SÉTIMO SELO
de Ingmar Bergman
16, 19 e 22 h

Hollywood
— T. 802859

Sala 1

A MULHER PÚBLICA
de Andrzej Zulawski
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24 h

Império
— T. 555134

REDS
de Warren Beaty
(não acons. men. 13 anos)
14, 17.45 e 21.15 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1

O CONFRONTO
de Paul Newman
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

Sala 2

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Londres
— T. 801313

AMADEUS
de Milos Forman
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15, 21.30 e 00.15 h

Montecarlo
— T. 681117

O MACACO DE FERRO
(não acons. men. 18 anos)
14.15 e 21.30

Mundial
— T. 538743

AS MULHERES QUE NÃO POSSUÍMOS
de Pascal Thomas
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas
— T. 574362

UM LUGAR NO CORAÇÃO
de Robert Benton
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

FOGO NO RABO
de Siggi Gotz
(para maiores de 18 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Olímpia
— T. 325309

A GRANDE ORGIA
(para maiores de 18 anos)
Sessões contínuas

Pathé
— T. 821933

O EXECUTOR
de Eric Tsang
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

A SELVA DE CIMENTO
de Tom Simone
(para maiores de 18 anos)
24 h

Politeama
— T. 326305

PELA MEDIDA GRANDE!
de Italo Zingarelli
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora
— T. 637180

ADÃO E EVA
de John Wilder
(para maiores de 16 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto
— T. 771378

Sala 1

O BAILE
de Ettore Scola
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

METEORO
de Ronald Neame
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Sala 2

A CORDA
de Alfred Hitchcock
(para maiores de 17 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h

A ABSOLVIÇÃO
de Ulv Grosbard
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Sala 3

O ÚLTIMO COMBATE
de Luc Besson
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h

A ARMA DA JUSTIÇA
de Alain Corneau
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Sala 4

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h

A OESTE NADA DE NOVO
de Delbert Mann
(para maiores de 18 anos)
00.45 h

Quinteto
— T. 573407

2010 — O ANO DO CONTACTO
de Peter Hyams
(para maiores de 6 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

REVELAÇÃO
de James Toback
(para maiores de 16 anos)
24 h

Restelo
— T. 610375

SHEENA, A RAINHA DA SELVA
de John Guillermin
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Roma
— T. 889192

PURPLE RAIN — VIVA A MÚSICA
de Albert Magnoli
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy
— T. 548560

O GRANDE ATAQUE
de Umberto Lenzi
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge
— T. 579144

Sala 1

ENCONTRO COM O AMOR
de Ulu Grosbard
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

PASSAGEM PARA A ÍNDIA
de David Lean
(para maiores de 12 anos)
14.15, 17.45 e 21 h

Sala 3

ASSIM NASCE UMA ESTRELA
de George Cukor
(para maiores de 12 anos)
14, 17.30 e 21 h

7.ª Arte
— T. 730715

MICKI E MAUDE
de Blake Edwards
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
T. 804210

AMOR ETERNO
de Alain Resnais
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

TESTEMUNHA DE UM CRIME
de Brian de Palma
(para maiores de 18 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli
— T. 570595

OS AMANTES DE MARIA
de Andrei Konchalovsky
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim
— T. 706666

O LUGAR DO MORTO
de António Pedro Vasconcelos
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.45 h

EXORCISTA II, O EREGE
de John Boorman
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Vox
— T. 880808

GENTE GIRA
de Jamie Uys
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Xenon
— T. 368480

O REGRESSO DO COMBOIO DO TERROR
de Roger Sottiswoode
(para maiores de 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco
— T. 570151

O CÔNSUL HONORÁRIO
de John MacKenzie
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

O CLARIM DA REVOLTA
de Harold Becker
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Vingador da Estrada», às 15.30, 18.30 e 21.30 (não acons. men. 18 anos)

AMADORA — Cine Teatro Lido — «2010 — O Ano do Contacto», às 15.30 e 21.15 (maiores de 6 anos)

AMADORA — Cine-Plaza — «O Caça-Polícias», às 15.30, 18.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «Um Lobisomem Americano em Londres», às 24 (não acons. men. 18 anos)

AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia», às 14, 16.30, 19 e 21.30 (maiores de 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — «Prisioneiros o Universo Perdido», às 15 e 21.30 (maiores de 6 aos) — «Poder Diabólico», às 24 (não acons. men. 18 anos)

MEM MARTINS — Cine Chaby — «O Último Executor», às 21.30 (maiores de 16 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Destravado do Táxi Amarelo», às 15, 18 e 21.30 (maiores de 6 anos)

SINTRA — Carlos Manuel — «Espiões por Conta Própria», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS — 2000 — «Impacto Súbito», às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30 (maiores de 16 anos) — «O Dragão Negro Ataca», às 23.45 (maiores de 18 anos)

ALGÉS — Stadium — «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 15.30 e 21.30 (não acons. men. 13 anos)

PAÇO D'ARCOS — Cine-Chaplin — «A Turma dos Tarados», às 15.30 e 24 (maiores de 12 anos) — «Os Amigos de Alex», às 18 e 21.15 (maiores de 16 anos)

OEIRAS — Oeiras-Cine — «Vingança Selvagem», às 15.30, 18 e 21.15 (maiores de 16 anos) — «A Noite do Falcão», às 24 (não acons. men. 13 anos)

CARCAVELOS — Atlântida — «Protocolo», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «1990 — Os Guerreiros do Bronx», às 24 (maiores de 16 anos)

PAREDE — Royal-Cine — «O Caçador de Tubarões», às 16.15 e 21.15 (não acons. men. 13 anos)

S. JOÃO DO ESTORIL — São João — «Fugitivos do Inferno», às 15.30, 18.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)

ESTORIL — Casino — «O Caça-Polícias», às 18.15 e 21.15 (não acons. men. 18 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Passagem para a Índia», às 15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Sala 2** — «A Mulher Pública», às 15.30, 19, 21.45 e 24 (maiores de 18 anos)

CASCAIS — Oxford — «O Caça-Polícias», às 15, 18.15 e 21.30 (maiores de 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Gente Gira», às 15.30, 18 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «Turno da Noite», às 24 (não acons. men. 18 anos)

ALMADA — Incrível — «Passagem para a Índia», às 15.30 e 21.15 (maiores de 12 anos) — «Caça Zero, Terror do Pacífico», às 24 (não acons. men. 13 anos)

COSTA DE CAPARICA — Silcine — «O Clã Negro Ataca», às 15.30 e 21.45 (maiores de 16 anos) — «Mais Forte que Bruce Lee», às 24 (maiores de 13 anos)

COSTA DE CAPARICA — Caparica Oceano — Sala 1 — «Flashdance», às 15.45 e 21.30 (maiores de 6 anos) — **Sala 2** — «Loucuras de uma Recruta», às 16.15 e 21.45 (maiores de 13 anos)

Farmácias

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

AJUDA: Mendes Gomes, C. da Ajuda, 222 (T. 638256); **ALMIRANTE GAGO COUTINHO: Estados Unidos, Av. dos Estados Unidos da América, 16-B (T. 885859); ANJOS - RUA MARIA ANDRADE: Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (T. 831504); **AVENIDAS NOVAS: Figueiras**, Av. Marquês de Tomar, 20-22 (T. 544995); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **HOSPITAL DOS CAPUCHOS: Capuchos**, R. Luciano Cordeiro, 2-A (T. 572076); **JANELAS VERDES: S. A. E. Sliva Filhos**, R. de São João da Mata, 72-74 (T. 661010); **LUMIAR: Central do Lumiar**, Al. das Linhas de Torres, 254-B (T. 758063); **MERCADO DO CHILE: Alcalis**, R. Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Dimar**, R. Conde de Monsaraz, 17-B (T. 842533); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **RATO: Soares**, Av. Álvares Cabral, 1 (T. 684282); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA: Vitex**, E. de Benfica, 373-B (T. 780548); **BRANDOA -AMADORA: Correia**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 137, loja B, poente (T. 990122); **ODIVELAS: Central de Odivelas**, Al. Infante D. Henrique, 1 (T. 9811203); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

PERMANENTE
(Amanhã)

AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **AREEIRO - APEADEIRO: Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 39-A (T. 892803); **CAMINHOS-DE-FERRO: Alves Carvalho**, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE: Nova Iorque**, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS: Tanara**, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **INFANTE SANTO - PAMPULHA: Infante Santo**, R. Olival, 290 (T. 661003); **LUMIAR: Nicolau**, C. de Carriche, lote 4, loja, Esq. (T. 7588727); **ROSSIO: Estácio**, Rossio, 60-62 (T. 327067); **SÃO BENTO - PALÁCIO: São Bento**, R. Poiais de São Bento, 73 (T. 601073); **SALDANHA: Saldanha**, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BÁRBARA: Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS: Canto**, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **ODIVELAS: Joleni**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

Outra Banda

ALMADA: Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Chai**, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218). Até às 19 horas; **FEIJÓ: Feijó**, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta**, R. Conselheiro Joaquim António Aguiar, 259 (T. 2073012). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Lino**. Até às 19 horas; **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco A, loja A, Paivas (T. 2216824). Até às 22 horas; **ARRENTELA: Lusitana**, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007). Até às 22 horas; **MONTIJO: São Pedro**, Av. de Camões, 16 (T. 2311133). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Marques**, R. Arronches Junqueira, 109 (T. 22783). Permanente; **Normal do Sul**, P. do Bocage, 137 (T. 22216). Permanente; **Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: H. Amaral, R. X, lote 146, Algés de Cima (T. 2104556). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Pinto**, R. Antero de Quental, 9 (T. 2190610). Até às 19 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Permanente; **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Aisir**, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas (T. 2472948). Permanente; **CASCAIS: A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214). Permanente.

Linha de Sintra

AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019). Permanente; **Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Até às 22 horas; **DAMAIA: Damaia**, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (T. 970523). Até às 22 horas; **QUELUZ: Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-GE (T. 957619). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Araújo e Sá**, E. de Paço de Arcos, lote 1 (T. 9240781). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 hras; **COLARES: Abreja** (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias

SACAVÉM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 2530027). Permanente.

Porto

DE DIA E TODA A NOITE

LIGA DAS ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MÚTUOS, R. do Bonjardim, 286; **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122; **BORRALHO**, Av. Fernão de Magalhães, 692; **CORREIA**, P. Mousinho de Albuquerque, 78; **MATOS**, R. de Bordeaux, 184, Viso.

Coimbra

NAZARETH, R. Ferreira Borges, 135-139 (T. 22605); **MACHADO**, R. Bernardo de Albuquerque, Celas (T. 23767).

DL TEATROS

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — — Tel. 89 70 17

(De quarta a sábado, às 21.45).
«CONFERÊNCIA DE ALTO NÍVEL».

Café-Concerto

R. Norte, 24

(Quintas, sextas e sábados, às 24.00).
«PROÍBIDO».

Teatro Nacional D. Maria II

Praça D. Pedro IV — Tel. 37 22 48

(De segunda a sábado às 21.30. Sábados e domingos, às 16.00).

«O GEBO E A SIMBRA». De Raul Brandão. Cenários de JOÃO HOGAN, figurinos de TERESA PAULO e música e execução de CARLOS PAREDES — 12 anos.

Sala Garret
às 18.30

ELA NÃO SABIA SONHAR de Denise CHALEN. Encenação de Jacinto Ramos.

Sala Experimental

(De terça a sábado, às 21.45. Sábados e domingos às 16.30).

«O REI IMAGINÁRIO». «O AVEJÃO». «EU SOU UM HOMEM DE BEM» e «O DOIDO E A MORTE».

Teatro do Nosso Tempo

R. José Fontana — Tel. 57 40 37

(Às quintas, sextas e sábados, às 21.45).
«CANDIDATURA ZERO», interpretada por Adélia Loureiro, António Vasco, Elisa Lisboa e Maria José Pascoal.

Ocarina

Trav. do Poço da Cidade (ao Bairro Alto) — Tel. 37 29 99

(Às segundas, quartas, sextas e domingos, às 19.00).
«O PARAÍSO NÃO ESTÁ À VISTA», de R. W. Fassbinder, pelo **GRUPO DE TEATRO MAIZUM.**

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).
«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).
«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Teatro Villaret

Av. Fontes Pereira de Melo, 30-A — Tel. 53 85 86

(De terça a sábado às 21.30. Domingos às 16.00).
«O BEIJO DA MULHER ARANHA».

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

— CORNUCÓPIA
(Sábados e domingos, às 15.30).
«Ó QUE MEDO QUE AQUI HÁ».

Teatro Infantil de Lisboa

R. Leão Oliveira — Tel. 63 99 74

(Todos os sábados, domingos e feriados, às 16.00).
«GRAÇAS E DESGRAÇAS NA CORTE D'EL-REI TADINHO».

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

(De terça a sexta, às 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00 e 21.45).
«BOEING! BOEING!», de Marc Camoletti. Adapt.: César de Oliveira e Raul Solnado.

Teatro Aberto

Praça de Espanha — Tel. 77 09 69

(De quarta a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00).

«O ESFINGE GORDA». Compilação de textos, dramaturgia e encenação: Mário Viegas. Participação musical: Janita Salomé. Interpretação: Amílcar Botita, Francisco Pestana, Melim Teixeira e Tiago Vidigal.

Comuna

Av. Calouste Gulbenkian — Tel. 720818
(Quintas, sextas e sábados às 21.15. Domingos, às 17).
«QUATRO PARA QUATRO».
(Sextas, sábados, às 19 e 21.15).
MESTRE MEU MESTRE QUERIDO».
(Sextas, às 22 e sábados às 23.30).
«PÓ DE PALCO-CAFÉ-TEATRO».

Comuna-Sala 2
(Sábados e domingos, às 15.00).
«S. CRISTÓVÃO», pelo grupo **O BANDO.**

Teatro da Graça

Trav. de S. Vicente (à Voz do Operário) — — Tel. 87 56 26

(De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00 e 21.30)

«TODOS OS CÓMICOS ACABAM COM UMA CANÇÃO» de Catherine Hayes. Encenação: Carlos Fernando. Interpretação: Anna Paula, Carlos Fernando e Teresa Madruga. Grupo **TEATRO HOJE.**

Casa da Comédia

R. S. Francisco Borja, 24 (Tel. 60 72 99)

De quarta a domingo às 21.30 h

«EVA PÉRON». Texto, encenação, cenografia e figurinos de Filipe de La Féria. Música de Sérgio António.

Teatro do Século

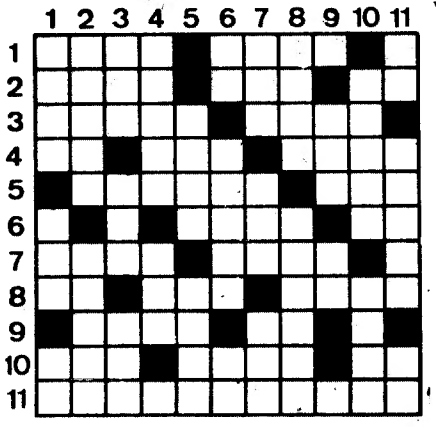
R. Século 41

De terça a sábado às 21.30

«ARTIMANHAS DE SCAPIN» de MOLIÉRE. Encenação de Rogério Carvalho. Cenografia de José Manuel Castanheira. Figurinos de Michel Ribó.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 14 434



HORIZONTAIS:

1 De preferência. Estica.
2 Aversão. Pau-ferro. Cério (s.q.).
3 O mesmo que couro. Equipo.
4 Clima. Aguardente de cereais. Palmeira da Amazónia.
5 Afectos. Graúdo.
6 Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais. Aparência.
7 Costumes. Bolsa.
8 Eurípio (s.q.). Nome de letra. Faldas.
9 Encoleriza. Arsénio (s.q.).
10 Nome de mulher. Imperador romano célebre pela sua crueldade. Ruténio (s.q.).
11 Confrontassem.

VERTICAIS:

1 Rapariga. Pronome relativo. Antes de Cristo.
2 Venera. Transpirado.
3 Terceiro. Trituro. Tempo do verbo ir.
4 Planta gramínea cultivada em Portugal para fabrico de farinha e de bebidas alcoólicas. Ente.
5 Metal precioso de cor amarela. Irmã.
6 Letra grega. Ceifa. Érbio (s.q.).
7 Joeira. Sua senhoria. Altar cristão.
8 Espécie de avestruz. Poentes.
9 Ruim. Rio da Rússia.
10 Cabo. Apre!
11 Catedral. Gorgulhos tropicais. Artigo indefinido.

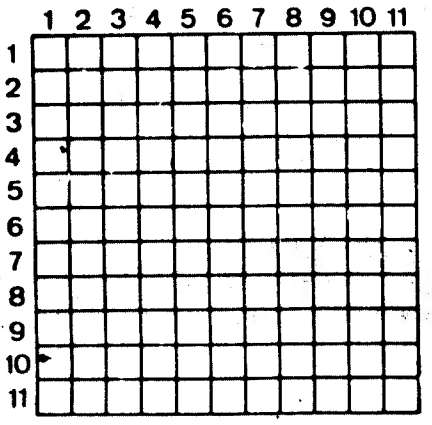
Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 433

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 DEUS. SABE. O.	1 Destino. QUE.
2 Espie. Marte.	2 És. Aves. Sim.
3 SC. São.	3 Upa. Aram. VA.
4 Ta. Ata. Iman.	4 Si. Atol.
5 Ivã. Anel. Ro.	5 ESTÁ. POR.
6 Nero. Ária.	6 Cana. Siar.
7 Osa. Aotos.	7 Am. Era. Grã.
8 Mãos.	8 Basílio.
9 QS. Trigo VS.	9 Eram. Ata.
10 Uivo. Ar. Bi.	10 Toar. VIR.
11 Emalaras.	11 Oé. Nossas.

PROVÉRBIO: Deus sabe o que está por vir.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 274



HORIZONTAIS:

1 Moeda de cinco réis (ant.). Na Índia, negociante de cereais, tendeiro.
2 Líquido gorduroso. Que se consorciou.
3 Cunho. Hindu, geralmente da casta dos Sudas, que vive isolado da família e se entrega a penitências.
4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Lusitana.
5 Praia. Dádiva.
6 Emprega. Palmatoada.
7 Crómio (s.q.). Tamanco. Raer.
8 Donzela de Orleães. Cidade da Turquia no delta do rio Mariza.
9 Filtrarei. Imposto de transmissão.
10 O que ajuda à missa e auxilia o sacerdote nos ofícios divinos.
11 Estima. Gorgulho tropical. Abreviatura de Santíssimo.

VERTICAIS:

1 Reprovação em exame (Bras. gir). Nome de uma ave de S. Tomé.
2 Pronome pessoal. Freguesia do concelho de Arouca (Aveiro).
3 Que são do ar. Vivenda.
4 Tangeras. Batráquio.
5 Romancista português autor de «Os Maias».
6 Soldado armado de lança.
7 Cidade da Pérsia, porto do mar Cáspio. Em o (inv.). Irídio (s.q.).
8 Membros de aves. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.
9 Trabalhador de enxada. Item.
10 Nome de mulher. Untuosas.
11 O lado do vento. Afecto. Preposição e artigo (pl.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 273

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Saale. Manga.	1 Senha. Sulca.
2 Er. Irmãs. Al.	2 Areasses. Ur.
3 Negar. Rindo.	3 Airadas.
4 Há. Malga. Ar.	4 Liam. Na. Ame.
5 Asa. Ana.	5 Errata. Anás.
6 Sina. Rh.	6 Com.
7 Será. Grãs.	7 Margem. Sara.
8 Usa. Aos. Es.	8 Ásia. Rol.
9 Dançara.	9 Arreata.
10 Cuama. Rota.	10 Gadanhas. Ar.
11 Arses. Alara.	11 Alora. Usa.

Antena Um

18.00: . Transparências; **19.00**: Por outro lado; **20.00**: Som de sábado; **22.00**: Porto de honra; **23.30**: Último jornal; **23.45**: No estúdio e no estádio. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.10: Trio em ré menor, op. 49, de Mendelshon; **16.40**: Música de câmara; **17.25**: Música; **19.30**: Música vocal; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: Histórias de música e... outras; **21.10**: Músida de tecla, de Seixas; **21.30**: Para além da leitura; **22.30**: Quartetos de Câmara; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana; **19.00**: 4 tempos; **20.00**: Quando o telefone toca; **21.00**: Tempo e resultado; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Concertos da Comercial. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A nossa turma; **16.00**: Espectáculo; **18.00**: Top do TNT; **19.00**: Quatro tempos; **20.00**: Reticências e som da livre; **21.00**: Computadores; **22.00**: A luz de Edison; **01.00**: Concertos da Comercial e no calor da noite. Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

15.00: Desporto e música; **18.00**: Não perca na RR; **18.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Programa da LARR; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **23.55**: Meditando; **24.00**: Sessão da meia-noite; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

15.00: Estereofonias; **17.00**: A cor das ondas da frente; **18.00**: Country music; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Fora de série; **22.00**: Chiado Terrasse; **23.55**: Boa noite; **24.00**: O regresso dos heróis; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

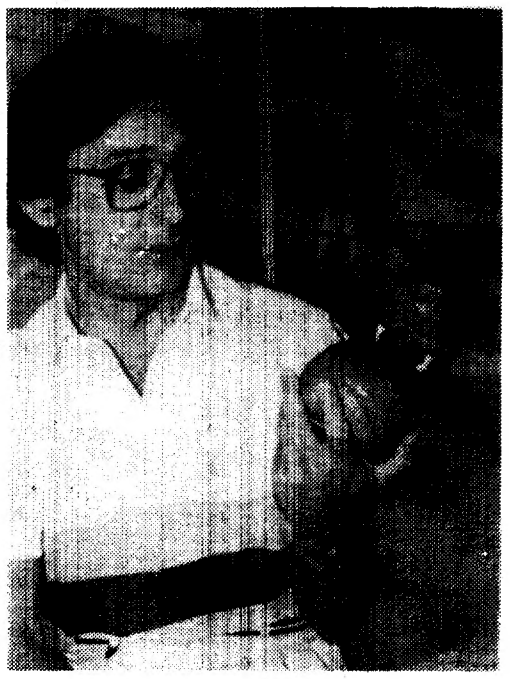
TELEVISÃO

RTP 1

14.40 — «Eurovisão»
Transmissão directa da Final da Taça de Inglaterra, disputada no estádio londrino de Wembley, entre as equipas do Everton e do Manchester United. No intervalo, há as primeiras «Notícias» do dia.

16.50 — «Você e o seu Coração»
O que há comigo e com o meu coração, professor Fernando Pádua?

17.15 — «História das Invenções»
Este episódio é, em grande parte, dedicado a Thomas Edison. A partir da invenção da electricidade, a vida do Homem modificou-se totalmente. Mas não faltaram também aplicações mais absurdas para esta nova fonte de energia: garfos eléctricos para comer esparguete, bastões luminosos para os polícias . . . Um programa de Daniel Costelle.



Carlos Cruz e a Bota são os protagonistas do «1, 2, 3», hoje com um arrebatamento «nacionalista»: «Aljubarrota»

18.10 — «Notícias»
Nova síntese informativa dos acontecimentos do País e do estrangeiro.

18.15 — «A Semana que Vem»
Os programas dos oito dias seguintes.

19.10 — «Aquele Bar»
Diane não consegue ocultar o seu desprezo pelos sucessivos encontros de Sam com mulheres que, embora bonitas, são de baixo nível e tenta fazer-lhe ver o seu mau gosto quanto a mulheres. Então Sam decide impressionar Diane, apresentando-lhe a sua ex-mulher e actual namorada . . .

Intérpretes: Shelley Long, Ted Danson, Angela Aames e Dona McKechnie. Realização: James Burrows.

19.40 — «Totoloto»
Será hoje que um de nós é milionário?

20.00 — «Telejornal»
A informação do dia, segundo os critérios da RTP.

20.25 — «Boletim Meteorológico»
E se amanhã estivesse tempo para darmos um saltinho à praia? . . .

20.40 — «Concurso 1, 2, 3»
O tema escolhido pela equipa de Carlos Cruz é «Aljubarrota». É para perder ou ganhar, esta batalha?

23.15 — «Último Jornal»

«O Renascimento»: em foco a génese da Galáxia de Gutemberg, ou por outras palavras, a invenção da tipografia (na foto, uma máquina de imprimir)

23.30 — «Última Sessão»
«Os Insaciáveis». Baseado no romance homónimo de Harold Robbins, este filme tem como protagonista um fabricante de aviões milionário, que tem como passatempos o cinema e o sexo. O herói-«playboy» é Jonas Cord Jr., réplica tenuamente disfarçada de Howard Hughes. Os restantes personagens de Harold Robbins são adaptações de figuras em destaque nas revistas de escândalos.

Intérpretes: George Peppard, Alan Ladd, Bob Cummings, Martha Hyer, Elizabeth Ashley, Lew Ayres, Martin Balsam, Leif Erickson e Carrol Baker. Realização: Edward Dmytryk.

RTP 2

18.00 — «Troféu»
O programa inclui diversos apontamentos de reportagem, designadamente sobre os Campeonatos Absolutos de Ténis de Mesa, campismo em Torres Vedras, Simpósio Internacional de Árbitros, Porto-Benfica para a Supertaça, além de outros.

20.00 — «Animação»
«O Pássaro e o Verme». A luta pela sobrevivência pode assumir aspectos grotescos. É o que acontece com os filmes «O Pássaro e o Verme» e «Papá», de Zlatko Grgic e Zlatko Pavlinic.

20.25 — «D. Quixote»
Sancho Pança trata o seu amo, D. Quixote, por «Cavaleiro da Triste Figura», nome que este doravante adoptará como título das suas aventurosas andanças por terras da Mancha.

21.15 — «O Renascimento»
«A Tipografia». O papel, vindo da China por intermédio dos árabes, permitiu, na Europa, a racionalização da cópia dos manuscritos, logo seguida pela xilografia e pela estampa. Deve ter sido o fabricante de espelhos Gutemberg a inventar a tipografia; de qualquer modo, os primeiros livros impressos saíram da sua oficina de Mogúncia. Realização: Bernard Jannin.

AMANHÃ

RTP-1

10.32 — «70 vezes 7»
10.55 — «Eucaristia dominical»
11.50 — «Tempo dos mais novos»
13.05 — «TV Rural»
14.05 — «Eurovisão — Automobilismo»
16.45 — «Sessão da tarde» «Notícias» no intervalo
19.00 — «Top Disco»
20.35 — «Falando de Schubert»
21.00 — «Ventos de Guerra»
22.00 — «Domingo Desportivo»

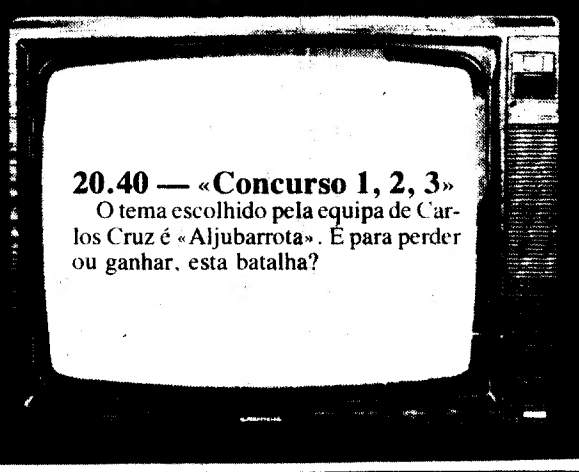
RTP-2

19.30 — «Novos Horizontes»
20.05 — «Nós . . . por cá»
20.50 — «Adágio»
21.10 — «Cineclube: 'Mónica e o Desejo'»

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS
A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus 15 B • R. de Macau, 8-1.º LISBOA

SE QUER BEBER, O PROBLEMA É SEU
Se quer parar de beber o problema é nosso.
Venha falar connosco, venha a uma reunião dos
ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
2.as 4.as 6.as às 19 horas
Trav. do Corpo Santo, 32

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 20.30 Concurso 1, 2, 3
RTP 2 — 21.30 «O Renascimento»
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



20.40 — «Concurso 1, 2, 3»
O tema escolhido pela equipa de Carlos Cruz é «Aljubarrota». É para perder ou ganhar, esta batalha?

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
DL
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Pilheira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
2.10	**3,70 m**	07.46	**1,10 m**
14.28	**3,70 m**	20.04	**1,10 m**
Dia 19			
2.46	**3,70 m**	08.17	**1,10 m**
15.02	**3,80 m**	20.37	**1,00 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	8º
VIANA DO CASTELO	11º
VILA REAL	10º
PORTO	14º
COIMBRA	15º
CABO CARVOEIRO	14º
PORTALEGRE	14º
LISBOA	15º
ÉVORA	13º
BEJA	13º
FARO	14º
SAGRES	13º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	17º

Grande Noite de Fado

Doze horas de palmas no Coliseu dos Recreios

Faltavam cinco minutos para as nove horas quando terminou a Grande Noite do Fado. Cerca de 8 mil pessoas circularam pelo Coliseu dos Recreios. Digamos que metade do público ficava sentado e a outra ia até ao bar, cedendo lugar à concorrência.

Por aplauso a vitória pertenceu ao Grupo Desportivo da Mouraria, que teve no filho de um grande intérprete o 2.º classificado do ano transacto e o vencedor absoluto de 1985: Natalino de Jesus.

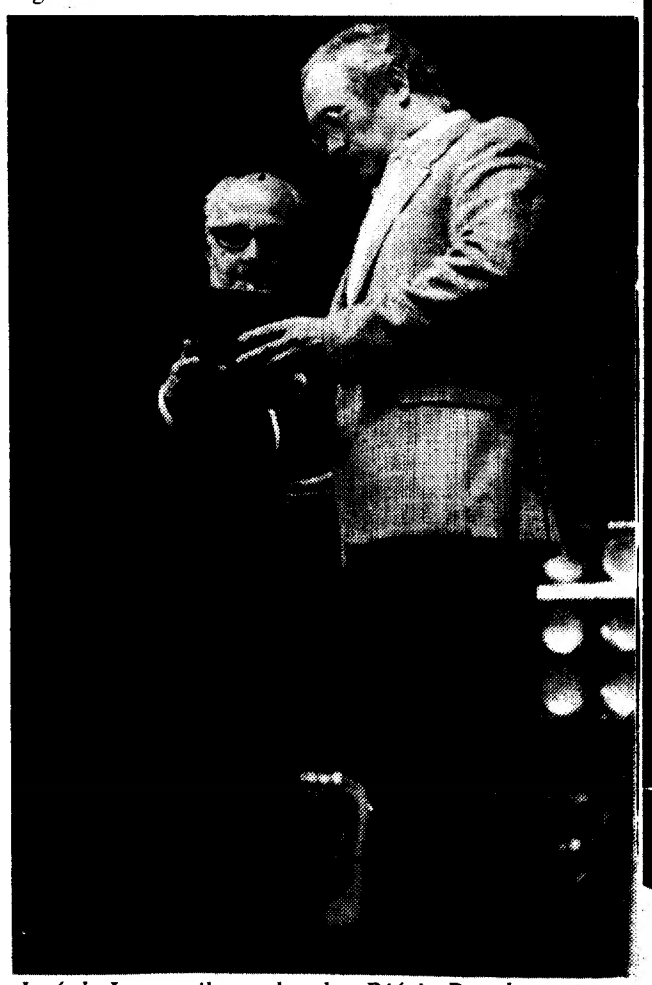
Depois seguiu-se António Silva Coelho (individual) e Carlos Timóteo Avelar do Clube Recreativo e Comercial de Torres Vedras.

Em senhoras o 1.º lugar coube a Maria de Fátima da Silva Madruga Fernandes da Silva, do Futebol Clube de Lisboa, seguida de Gisela Maria Marques de Oliveira, do Grupo Desportivo Lusitano e Maria Inês Marques Rocha do Grupo Desportivo da Mouraria.

Como de costume o Coliseu encheu até aos topos, houve sururu entre as claques dos dois mais distinguidos masculinos (como sempre através dos tempos de aplausos) e desde as intervenções do ministro da Cultura, dr. Coimbra Martins até Carlos Lopes; do dr. Miranda Calha até Josefina Silva o espectáculo prolongou-se por cerca de 11 horas e meia.

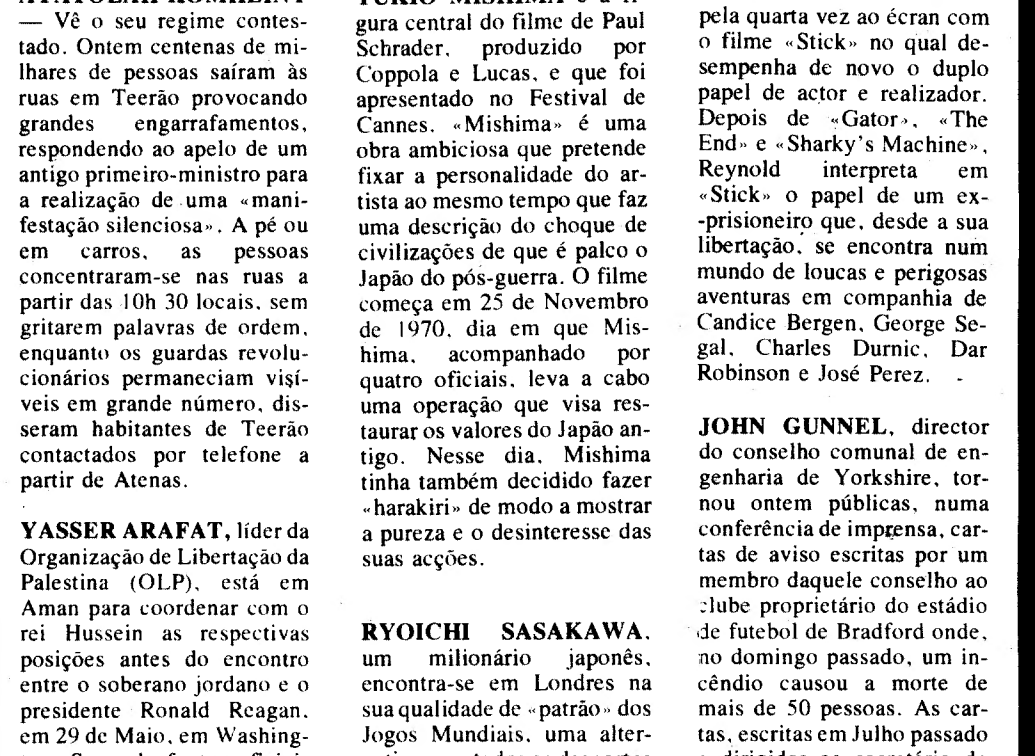
Herman José e Neves de Sousa, nosso companheiro de Redacção, recolheram um grande abraço do público ao demonstrarem ter sido um mal «entendido» a luta que publicamente ficou esboçada. E, assim, a temporada artística permitiu à Casa da Imprensa a maior recolha de fundos até agora conseguida num espectáculo a que se associaram os intérpretes amadores e os nomes maiores dos palcos portugueses.

A maior parada artística que a Casa da Imprensa conseguiu reunir.



José de Lemos, ilustrador do «Diário Popular», recebendo no Coliseu dos Recreios um dos prémios «Prestígio», deste ano

DECARAS



AYATOLAH KOMHEINY — Vê o seu regime contestado. Ontem centenas de milhares de pessoas saíram às ruas em Teerão provocando grandes engarrafamentos, respondendo ao apelo de um antigo primeiro-ministro para a realização de uma «manifestação silenciosa». A pé ou em carros, as pessoas concentraram-se nas ruas a partir das 10h 30 locais, sem gritarem palavras de ordem, enquanto os guardas revolucionários permaneciam visíveis em grande número, disseram habitantes de Teerão contactados por telefone a partir de Atenas.

YASSER ARAFAT, líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), está em Aman para coordenar com o rei Hussein as respectivas posições antes do encontro entre o soberano jordano e o presidente Ronald Reagan, em 29 de Maio, em Washington. Segundo fontes oficiais jordanas o rei Hussein expôs ao líder palestiniano o teor dos encontros que manteve domingo e segunda-feira últimos, em Aqaba, com o secretário norte-americano de Estado George Shultz. Recentemente declarações contraditórias foram feitas por responsáveis norte-americanos e jordanos a propósito dos resultados daqueles contactos, em particular se as duas partes examinaram a composição de uma delegação palestiniana a dialogar com os Estados Unidos.

YUKIO MISHIMA é a figura central do filme de Paul Schrader, produzido por Coppola e Lucas, e que foi apresentado no Festival de Cannes. «Mishima» é uma obra ambiciosa que pretende fixar a personalidade do artista ao mesmo tempo que faz uma descrição do choque de civilizações de que é palco o Japão do pós-guerra. O filme começa em 25 de Novembro de 1970, dia em que Mishima, acompanhado por quatro oficiais, leva a cabo uma operação que visa restaurar os valores do Japão antigo. Nesse dia, Mishima tinha também decidido fazer «harakiri» de modo a mostrar a pureza e o desinteresse das suas acções.

RYOICHI SASAKAWA, um milionário japonês, encontra-se em Londres na sua qualidade de «patrão» dos Jogos Mundiais, uma alternativa para todos os desportos que não estão contemplados nos Jogos Olímpicos, e os quais se realizarão na capital britânica e nos seus arredores entre 25 de Julho e 4 de Agosto. Sasakawa foi o homem que reconstruiu a indústria naval japonesa nos anos que precederam Hiroshima e Nagasaki, tendo sido exonerado após três anos passados numa cadeia americana por suspeita de crimes de guerra. Com a sua fortuna, ele tem ajudado a investigação sobre a varíola e também a luta contra a lepra.

BURT REYNOLDS volta pela quarta vez ao écran com o filme «Stick» no qual desempenha de novo o duplo papel de actor e realizador. Depois de «Gator», «The End» e «Sharky's Machine», Reynold interpreta em «Stick» o papel de um ex-prisioneiro que, desde a sua libertação, se encontra num mundo de loucas e perigosas aventuras em companhia de Candice Bergen, George Segal, Charles Durnic, Dar Robinson e José Perez.

JOHN GUNNEL, director do conselho comunal de engenharia de Yorkshire, tornou ontem públicas, numa conferência de imprensa, cartas de aviso escritas por um membro daquele conselho ao clube proprietário do estádio de futebol de Bradford onde, no domingo passado, um incêndio causou a morte de mais de 50 pessoas. As cartas, escritas em Julho passado e dirigidas ao secretário do clube, alertavam para as precárias condições de segurança do estádio e para o facto da bancada principal ter sido construída com materiais combustíveis. Joe Sims, o autor das cartas, chegou mesmo a referir, na altura, que um cigarro mal apagado podia ser suficiente para despoletar um incêndio. Menos de um ano depois, um violento incêndio destruía por completo aquela bancada onde, na altura, se encontravam cerca de três mil pessoas.

Leiloados calções do almirante Gago Coutinho

Inovação insólita a de incluir peças de roupa usada nos leilões de livros. E inovação que não se alcança até onde possa levar. Num leilão de livros realizado num hotel de Lisboa foram leiloados uma carta autógrafa do almirante Gago Coutinho e, segundo a lista de espécies avulsas e raridades bibliográficas, uns: «Calções usados por Gago Coutinho nas suas expedições geográficas de Moçambique — 1902 a 1910. Travessias de Angola e Moçambique — 1912 a 1914. Ilha de São Tomé — 1916 a 1918». Estes calções de tão dilatado uso africano e de tão apreciável duração, teriam sido oferecidos, como lembrança, ao sr. Eduardo Aguiar. Foram disputados no leilão... de livros. O Museu da Marinha adquiriu-os por 7200 escudos, com as alcavalas que oneram o preço de arrematação a importância será de cerca de 9000 escudos. É a segunda vez que os calções do almirante Gago Coutinho são vendidos. Num leilão realizado há uma vintena de anos, foram adquiridos por 67$20.

Esperamos que a prática de leiloar peças de roupa juntamente com autógrafos e livros, não vingue. Poderíamos ser confrontados com explorações de coleccionismo vário e violações da intimidade de poetas e romancistas.